

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AS COMISSÕES NAS FÁBRICAS E A GREVE

DE OCUPAÇÃO EM OSASCO - SP - 1 968

AUTOR: LUIZ CARLOS GALETTI

*Este exemplar contém
ponte a redação final
da tese de Mestrado
defendida por Luiz
Carlos Galetti e aprovada
pela comissão
julgaria*

PROFESSOR

ORIENTADOR: DECIO AZEVEDO MARQUES DE SAES

Decio A. M. Saes
DECIO A. M. SAES
ORIENTADOR -

CONJUNTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS / 1 985 / SÃO PAULO

As críticas e sugestões de DECIO SAES foram muito valiosas para a realização deste trabalho.

Agradeço também as opiniões e observações em geral de LYLIA GUEDES e MARIA TERESA OLIVEIRA.

As conversas e discussões com ANA MEDEIROS DA FONSECA levantaram novas questões para reflexão, no decorrer da pesquisa.

As discussões com professores e colegas do Conjunto de Ciência Política, especialmente dentro do grupo que estudava o movimento operário, foram também de grande valor.

Me lembro das conversas com JOSE WELMOVICHI e JULIO TAVARES, quando os companheiros insistiam comigo, sobre a importância em tentar fazer uma pequena contribuição para a história da classe operária no país.

Mas foi de dentro do movimento operário e dos trabalhadores em geral, que veio a maior força. De dentro das fábricas, nas portas das empresas, nas assembleias sindicais, nos piquetes de greve, na oposição sindical, metalúrgica de Campinas em 1978, nas vigorosas manifestações políticas de trabalhadores e oprimidos em geral, em Campinas e São Paulo, no período 1977-1983, daí veio muita força e muita coragem.

Sentia, e sinto do período e do movimento 68 um grande impulso, um divisor de águas, um marco importante na minha vida pessoal.

Como nós dizíamos, nascemos de novo. Alguns morreram, muitos nasceram.

Como dizia o velho Marx, na memória dos vivos ficava um peso muito forte, o dos que morreram na luta.

Sobretudo, na nossa história, no trabalho que se segue, ficou um pouco, e está espalhado em vários capítulos a lembrança de JOSÉ CAMPOS BARRETO, ZEQUINHA, dirigente da greve de Osasco, e militante da VPR.

Dentro das lutas do período 1968, ZEQUINHA e CARLOS LAMARCA foram assassinados pela ditadura militar MEDICI, em setembro de 1971, no sertão da Bahia.

EMILIANO JOSÉ E OLDACK MIRANDA, em "LAMARCA, o Capitão da Guerrilha" falavam dessas paragens perdidas dos

sertões, onde vivia a família de ZEQUINHA(1);

"Buriti Cristalino é um lugarejo perdido nas serras do município de Brotas de Macaúbas, região a greste do Médio São Francisco, na Bahia. Em 1971 estava reduzido a quatro fileiras de casas de adobe, desenhando uma praça quadrada, com uma igreja e um barracão no meio. Coberto de telhas e cercado por meias-paredes, o barracão é ainda hoje o mercado, a feira, onde todos os domingos a população dos arredores converge para comprar, vender, e saber das últimas.....

Seu José Araújo Barreto era um homem muito conhecido, tido como um lavrador calejado, proprietário de roças e algumas cabecinhas de gado. A professora era dele quem trazia de Brotas e hospedava em casa.....

De filhos tinha José Campos Barreto, Olderico, Otoniel, Ana, Maria Dolores, Edinalva e o caçula Olival. Sempre foram unidos e davam prova disso.....

A mulher dele se chamava Adelaide Campos Barreto, mas todo mundo a conhecia por Dona Nair, um apelido que pegou. Era muito religiosa, tanto que construiu a igreja do Buriti Cristalino, mesmo que o padre fosse lá apenas uma vez por ano. Mantinha aquela fé e queria até que os filhos fossem todos padres. Por isso mandou um dia Zequinha para o Seminário de Garanhuns, em Pernambuco. Foi e quando voltou, nas férias, recebeu um tratamento de doutor. Por ele todo mundo tinha o maior amor: rapazes, moças e velhos, mesmo aqueles de oitenta, noventa anos.....

Ao retornar pela primeira vez, com 13 anos, já chegou discutindo política, defendendo a "Aliança para o Progresso" e, quando mataram Kennedy, fez um discurso, revoltado. Nas festas já lhe davam a palavra. Foi numa dessas andanças de fim de ano, na casa de um fazendeiro do Paramirim, que ele encontrou um que defendia a Coluna Prestes - volta e meia assunto de conversa, porque ali ela havia passado um dia. Morava em Brotas de Macaúbas, defendia o Partido Comunista e Zequinha retrucava, com a democracia ocidental. Desde então, não saía mais do balcão da loja do cara, comentando política.....

No Buriti, quem agora rezava o terço era o seminarista Zequinha; ele rezando, o pessoal repetindo. Mas no particular, com os irmãos, segredava: não

(1) Emiliano José e Oldack Miranda. Lamarca, o Capitão da Guerrilha.

queria ser padre. Em 1963 não voltou ao seminário, ficou um ano ali no Buriti, trabalhando na roça e em seguida viajou para São Paulo. Na capital chegou falando latim, francês e inglês - o seminário o tornou um poliglota. Serviu o Exército em 1965, no Quartel de Quitaúna. Passou cinco longos anos sem rever o sertão, mas escrevia. Quando chegava carta, todo mundo queria saber, pois ele nunca esquecia de botar o nome de cada um. Quando as primeiras manifestações estudantis despontam, nesse mesmo ano, está estudando em Osasco, no Colégio Estadual e Escola Normal Antônio Raposo Tavares. Aí começa a amizade com Roque Aparecido da Silva, futuro líder operário. Cruzam-se mais tarde, no Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco.

...

Em 1966, como operário da Lonaflex, demorou pouco. Logo foi demitido pela agitação que fazia no interior da fábrica. Zequinha consegue um emprego na COBRASMA, onde participa ativamente do 1º de Maio de 1968.....

Mas é nas greves iniciadas a 17 de julho de 68 que surpreende os próprios companheiros. Naquele dia, de madrugada o Exército já havia ocupado todos os pontos estratégicos de Osasco. As tropas da Polícia Militar cercavam a COBRASMA, prontas para um ataque violento. Um tenente dava as ordens ao pelotão: "Tomar de assalto a fábrica". Zequinha ouve, sobe num vagão e, da improvisada tribuna, fala aos soldados. Recordá-lhes as origens de classe, que também eram filhos do povo, de operários e camponeses e que ali, entre eles, estavam muitos nordestinos com amigos e parentes no meio dos grevistas. A tropa, por um momento, perde a noção de disciplina: para, ouve Zequinha. Ele explica que os operários de Osasco lutavam por melhores salários, por uma vida melhor, contra a ditadura. Que eles, soldados, estavam sendo obrigados a defender os interesses dos patrões, dos exploradores.

O tenente se impôs aos berros e a tropa foi avançando. Zequinha, então, toma uma decisão drástica: corre ao depósito de gasolina e, com uma tocha acesa, ameaça explodir a fábrica.....

A tropa deteve-se assombrada e muitos operários, vários dirigentes da greve entre eles, puderam escapar em meio à confusão.....

Zequinha, ao tentar escalar um muro, é preso. Ali mesmo começou a ser espancado. Aos jornais, o ministro do Trabalho, Jarbas Passarinho, dava notícias tranquilizadoras: "A COBRASMA está sob controle. José Campos Barreto foi preso". E preso ficou 98 dias."

ÍNDICE

	Pag.
I - INTRODUÇÃO	002
II - UMA CONJUNTURA DE CRISE	008
. CONSIDERAÇÕES GERAIS	010
. A ECONOMIA MUNDIAL, A CRISE ECONÔMICA NACIONAL, A RE CUPERAÇÃO DESIGUAL DA ECONOMIA, E A POLÍTICA	011
. OS DILEMAS DO GOVERNO COSTA E SILVA E SUA RELAÇÃO COM A BURGUESIA	026
1. A transição, dentro da Ditadura, do Governo Caste lo Branco para o Governo Costa e Silva	026
2. As críticas da Burguesia	036
. A CRISE	040
III - AUTONOMIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO E ESTADO (1967 - 1968)	050
IV - A GREVE VISTA DE DENTRO	065
V - AS COMISSÕES NAS FÁBRICAS E O PROCESSO GREVISTA	074
A) ANÁLISE DAS CONCLUSÕES DE JOSÉ IBRAHIM	078
B) CONSIDERAÇÕES DE FRANCISCO WEFFORT, RICARDO MARANHÃO, ROLANDO FRATTI, ANTONIO GRAMSCI, TROTSKI, JOÃO JOA QUIM, JOAQUIM MIRANDA, LEONCIO BASBAUM, MARCIA LEI TE E SYDNEY SOLIS	100
VI - NOVAS PERSPECTIVAS PARA O MOVIMENTO OPERÁRIO ?	123

VII - APENDICE 1 : A GREVE DE OSASCO SEGUNDO NOTÍCIAS DA	IM	
PRENSA TRADICIONAL		142
VIII - APENDICE 2 : ENTREVISTA DE JOÃO JOAQUIM E JOAQUIM	ML	
RANDA		185
IX - MATERIAL PESQUISADO		201
1. LIVROS E ARTIGOS		202
2. REVISTAS E JORNAIS		209
3. OUTRAS FONTES		211

I - INTRODUÇÃO

O trabalho analisa as comissões operárias organizadas nas fábricas da cidade industrial de Osasco, na grande São Paulo, e a greve de ocupação que ocorreu nas principais em presas metalúrgicas da cidade, em julho de 1968.

Dentro desse quadro geral aborda as mútuas interrelações entre as comissões nas empresas, o sindicato dos metalúrgicos, as organizações e partidos políticos, o movimento estudantil e de classe média e o Estado, no decorrer do processo grevista.

Partimos de um caso real, de um acontecimento concreto, a greve de ocupação desencadeada por operários de Osasco, e as comissões formadas nas empresas, para tentar analisar as complexas e abstratas relações a nível mais geral entre massas - comissões nas fábricas - sindicatos - vanguardas - organizações e partidos políticos - movimentos sociais - Estado, dentro do contexto das classes sociais aí representadas, e levando em conta os embates do cotidiano, as posturas histórico-filosóficas das classes sociais, e suas expressões ao nível da política, da economia e da ideologia.

Na parte relativa à conjuntura vão os pontos principais de programa, e as ações concretas do governo COSTA e SILVA nos planos político, econômico, sindical, ideológico e social em geral, dentro dos objetivos gerais da dissertação.

Interessou também pesquisar o discurso, os planos e as ações dos empresários das fábricas metalúrgicas de Osasco, do empresariado paulista e também a política da classe patronal nacional.

Com o objetivo de determinar o efeito, as consequências da ação política, econômica, sindical e outras, desenvolidas pelo governo COSTA e SILVA em cada classe e grupo social, e as respostas que essas mesmas classes e grupos ofereciam, pesquisou-se o discurso e as ações concretas da burguesia industrial, rural, comercial e financeira, da classe média, intelectuais, jornalistas, professores e estudantes da pequena e média burguesias urbanas e rurais, do clero, das minorias e outros grupos sociais, do proletariado fabril e da classe trabalhadora ur

ba e rural, nos níveis locais e regionais, tentando uma visão mais geral para o país todo, e considerando a luta de classes a nível internacional.

Ou seja, vimos o movimento operário no país como parte do movimento operário internacional, guardadas as particularidades e o caráter específico do movimento nacional.

Esse ensaio de análise da conjuntura permitiu compreender alguns motivos, que levaram à eclosão da greve.

A análise de conjuntura, voltada para o processo grevista, tentou responder a uma questão principal: qual a natureza e profundidade de certas divergências que ocorriam dentro das classes dominantes, e em que medida essas desavenças influíam na classe operária, em seus aliados, e em outras classes e grupos políticos.

E, no decorrer do texto vão aparecer outros motivos que geraram a greve e as comissões nas fábricas. Por uma parte, o trabalho pesquisava as causas do movimento grevista e da formação das comissões de fábricas, e por outra, analisava a morfologia do processo grevista e das comissões. Nesse sentido, também se fez uma pequena história da greve, e um estudo das formas de organização e da ação dos operários no movimento.

Na parte final vai um balanço político da greve, alguns resultados e conclusões, e um questionamento quanto às perspectivas futuras para o movimento operário no país.

Não concordei com vários pontos da análise desenvolvida por FRANCISCO WEFFORT, a respeito da greve de Osasco, e expressas em seu trabalho: "Participação e Conflito Industrial: Contagem e Osasco, 1968". Principalmente quando argumentava que a "INSATISFAÇÃO SOCIAL" era uma das causas para a eclosão das greves.

WEFFORT também errou ao dar grande ênfase para o ESPONTANEISMO DA BASE OPERÁRIA, como um dos elementos principais no processo que redundou na greve de Contagem, desprezando o papel desempenhado por ativistas sindicais e militantes de vários grupos sociais e de esquerda.

Também, ao considerar, no movimento metalúr

gico de Osasço, que "O SINDICATO ERA O CENTRO DE TUDO E DE TODOS" não avançou na análise, e essa falsa afirmação gerou muitas dúvidas.

Igualmente, não ficou claro o ataque desfechado por WEFFORT contra o VOLUNTARISMO das novas direções sindicais, das jovens lideranças do movimento e das organizações de luta armada, que operavam na época.

O movimento operário enfrentava (e ainda enfrenta) GRANDES QUESTÕES, muitas delas comuns ao movimento dos trabalhadores em geral:

a) Baixa autonomia face às organizações e partidos políticos, ao sindicato, ao Estado e outros grupos e movimentos sociais.

b) Representação e organização inexistentes, a nível nacional, regional e mesmo local, combinadas com as desigualdades históricas, sociais e econômicas, que os trabalhadores vivem, resultado das disparidades do desenvolvimento histórico, e dos processos produtivos regionais desiguais.

c) Fraca associatividade e participação social e política, ligadas à baixa capacidade de mobilização, que se observava na classe trabalhadora em geral, com exceção das grandes regiões industriais, e dos focos de conflitos no campo.

d) Ausência de propostas políticas claras ao nível da organização por fábricas, por vila, cidade, unidades territoriais, e para o movimento operário nacional e suas interrelações a nível mundial.

e) Ausência de propostas claras para o sindicato existente, e também para o que se chamava de organização independente de classe. Faltava uma clara proposta de organização sindical, como também não havia propostas ao nível mais geral, que contemplassem as articulações entre o movimento operário, o movimento de trabalhadores rurais e camponeses, os movimentos de classe média, e outros movimentos sociais de massas e minorias sociais, por exemplo, o movimento negro, o movimento feminista, movimentos dentro do clero, etc.

f) Inexperiência histórica e imaturidade po

lítica.

g) Duras e difíceis condições de vida, a exploração brutal e desumana do sistema capitalista, a ausência de democracia, e a política repressiva da ditadura militar e do capitalismo em geral.

h) A estrutura e organização sindicais impostas pelo Estado (o atrelamento dos sindicatos ao Estado).

i) o movimento dos trabalhadores tem se apresentado, com raras exceções, como um movimento reivindicativo, economicista e não tem assumido conotação histórico-política, ligada ao papel e às tarefas políticas da classe trabalhadora na sociedade capitalista.

j) Inexistência de um programa sindical que se expresse ao nível do poder político.

k) Falta de partido(s) político(s) representativo(s) e dirigente(s).

Apesar de todos esses obstáculos, a greve de Osasco, acabou deixando sinais de tentativas de organização autônoma da classe, de novas formas alternativas de organização, e de questionamento da envelhecida e retrógrada estrutura sindical existente no país.

As dificuldades encontradas para a realização deste trabalho foram muitas: eram poucas as fontes de pesquisa, a maior parte das bibliotecas procuradas não tinham notícias sobre movimento operário, os sindicatos operários não tinham jornais ou boletins da época, ou quando tinham, a censura e a repressão haviam sumido com as fontes. Em São Paulo, policiais do Departamento de Ordem Política e Social - DOPS - haviam cortado, com tesoura, páginas e páginas de materiais de arquivo de um sindicato visitado. Ainda por volta de 1980, foram muitas as pessoas procuradas e que se recusaram a dar entrevistas, pois tinham medo.... Também a situação de clandestinidade de organizações políticas de esquerda impediu o acesso a dados preciosos..

E por fim as precárias condições de trabalho de quem pesquisa no Brasil, a falta de recursos, de infraes-

trutura e de apoio financeiro.

O trabalho apresenta várias limitações. Cito algumas:

- pretendia-se analisar melhor a greve de abril de 1968 dos metalúrgicos de Contagem, o que não foi possível.

- faltam dados de organizações clandestinas da esquerda.

- a greve de Osasco deve ser entendida dentro do movimento operário internacional. Sob este aspecto pode-se compreendê-la melhor estudando as vigorosas manifestações do proletariado argentino em 1969, no fenômeno do "cordobazo", e do movimento operário francês, o famoso "maio de 68 francês", com dez milhões de trabalhadores em greve geral na França, bem como as extraordinárias e gloriosas jornadas de luta do povo "vietnamita", no fim da década de 1960, etc. Esse ponto foi pouco aprofundado no texto.

- há necessidade de compreender melhor a organização e o interrelacionamento da classe patronal com o governo militar COSTA e SILVA. Havia uma rede complexa, formada pelos empresários com o governo, o que alguns sociólogos passaram a chamar o complexo militar industrial.

Hoje, maio de 1985, com a grande greve operária da região do ABC, em São Paulo, novamente vem à tona a discussão sobre as comissões nas fábricas e as greves de ocupação, dentro e junto com uma problemática geral envolvendo outros temas.

De 1978 aos dias de hoje, o movimento operário, principalmente a categoria metalúrgica do ABC, e dentro dela os trabalhadores metalúrgicos de São Bernardo do Campo, São Paulo, vem realizando formidáveis e vigorosas jornadas de luta, com greves de ocupação, formação de comissões nas fábricas, questionamento da estrutura sindical, discussão de questões políticas, econômicas e sindicais em geral, e tem conseguido conquistas notáveis.

Os movimentos da classe trabalhadora nesses últimos sete anos, de 1978 a 1985, tem contribuído decisivamente em várias mudanças políticas importantes na sociedade brasileira.

Vem ocorrendo um crescimento quantitativo e de qualidade, nas formas de organização do movimento operário, que abre novas perspectivas, e novas possibilidades de vitória para o conjunto dos oprimidos em geral.

Nesse sentido, as lutas operárias de 1968, as comissões nas fábricas, e a greve de ocupação que os trabalhadores de Osasco desencadearam, representaram um primeiro passo, um começo de luta, um ponto de partida.

II - UMA CONJUNTURA DE CRISE

"... o governo está em crise, ele não tem saída, o problema é aguç^{ar} o conflito, transformar a crise po_lítica em crise militar."

(José Ibrahim)

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Foram elementos relevantes, e que tiveram relação com a greve de OSASCO:

- 1 - a história do movimento operário mundial, nacional e local da cidade de Osasco.
- 2 - as condições de trabalho e vida, o processo de trabalho, a exploração e o despotismo, e a vida cotidiana, nas vilas e fábricas na cidade de Osasco.
- 3 - o processo de industrialização e urbanização do país, principalmente a partir da década de cinquenta, com a formação das grandes aglomerações operárias.
- 4 - os conflitos do movimento estudantil, da classe média urbana, de parcelas de trabalhadores de vanguarda, e de militantes e trabalhadores do campo com a ditadura Costa e Silva.
- 5 - a nova política implantada no país com o movimento militar de 31 de março de 1964.
- 6 - as ações, a propaganda, e a agitação que os grupos de luta armada desenvolveram na época.
- 7 - os acontecimentos imediatos que a classe operária vinha vivendo: a greve de Contagem, Minas Gerais, em abril de 1968; a greve vitoriosa dos operários da Fábrica Barreto Keller, em Osasco, em fins de maio de 1968; o processo de organização e discussão sindical e política que ocorreu com o surgimento do Movimento Intersindical Antiarracho - M.I.A.; as manifestações combativas do 1º de maio de 1968 em várias capitais do país, principalmente os conflitos ocorridos em São Paulo, etc.
- 8 - as divergências dentro da burguesia nacional; as divergências de setores da burguesia nacional com o governo Costa e Silva e com o imperialismo; os problemas e divergências dentro das Forças Armadas e suas relações com o governo.

- 9 - a falta de iniciativa política, de planos, de homogeneidade e unidade política no governo Costa e Silva (crise no governo).
- 10 - a oposição da ala esquerda do M.D.B., as divergências da Frente Ampla, e do setor progressista da Igreja em relação à ditadura Costa e Silva.
- 11 - as dificuldades econômicas a nível mundial, a crise econômica nacional, e a recuperação desigual da economia.
- 12 - vários acontecimentos a nível mundial: os protestos, greves e manifestações de massa na Europa e nos países do Leste Europeu, principalmente na Tchecoslovaquia; os processos de libertação nacional no Sudeste Asiático (principalmente a Guerra Imperialista contra o Vietnã, e a Revolução Indochinesa) e na África; os conflitos dentro dos Estados Unidos da América do Norte e os movimentos sociais na América Latina; e havia ainda outros movimentos políticos, sociais, conflitos e guerra de guerrilhas em várias regiões do mundo.
- 13 - o quadro geral de CRISE POLÍTICA no governo, que tem a ver com muitos dos pontos expostos acima.

Passaremos a desenvolver melhor estas considerações iniciais.

A ECONOMIA MUNDIAL, A CRISE ECONÔMICA NACIONAL, A RECUPERAÇÃO DE SIGNAL DA ECONOMIA E A POLÍTICA

O imperialismo havia perdido Cuba, em 1961, com a Revolução Cubana. Em 1968, com a guerra contra o Vietnã, e a Revolução na Indochina, estava em curso a derrota do imperialismo no Sudeste Asiático. Foram perdas políticas e econômicas consideráveis para o imperialismo. E se desenhava um novo quadro, uma nova configuração de mercado, um novo equilíbrio de forças a nível mundial.

Dificuldades políticas e econômico-financeiras também atravessavam a França, a Alemanha, a Itália, a Inglaterra, outros países da Europa Ocidental, os Estados Unidos da América do Norte, enfim os países que formavam o poderoso sistema imperialista mundial.

A economia e a política no Brasil tem sido historicamente dependentes dos países imperialistas, e os problemas do imperialismo acabaram pesando no rumo dos acontecimentos no país. Não se pode falar que a economia no Brasil, os processos de extração da mais valia, o processo produtivo, não tenham um grau de independência, de autonomia.

E, dentro da nova configuração mundial, o imperialismo, principalmente o imperialismo norte americano, passou a investir quantias fabulosas de capital no Brasil e a desenvolver uma política de modernização capitalista no país.

A economia brasileira vinha em crise desde 1962. No segundo semestre de 1967 começaram a aparecer sinais de recuperação no processo produtivo. Mas o que ocorreu foi uma recuperação desigual na economia.

O setor dinâmico da burguesia nacional, associado ao grande capital financeiro mundial, cerne do imperialismo, passou a comandar o processo de recuperação e modernização capitalista.

Os setores de ponta da burguesia nacional passaram a apresentar um quadro ligeiramente favorável, em termos de realização econômica, mas vários setores da burguesia continuavam vivendo a crise econômica. Passaram a uma situação mais favorável, e eram os grupos econômico-financeiros que comandavam o processo, as indústrias de produção de bens de consumo duráveis. Mas não eram apenas indústrias. Eram um conglomerado industrial, financeiro, comercial, agrário e de serviços, representados principalmente pelos setores da construção civil, eletrônica, transportes, informática e computação, telecomunicações, construção rodoviária, automobilística, etc, ao nível industrial; de modernos e grandes supermercados (tipo "Self-service"), lojas e outros grandes empreendimentos comerciais; no setor financeiro, co

meçava-se a dar ênfase às grandes empresas de financiamento, crédito e investimento, e à modernização da rede bancária; no setor agrário impulsionavam a agro-indústria, a mecanização e a utilização de técnicas modernas, incentivando também a grande empresa capitalista rural.

Esse fenômeno gerou divergências, mais ou menos graves, em cada caso.

De um modo geral se pode falar que a média e pequena burguesia, industrial, comercial, financeira e agrária foram prejudicadas nesta retomada do crescimento.

Sobre esse processo disse Maria Conceição Tavares: "... em fins de 1962 estavam dadas as condições para que, uma vez superada a crise do Estado de compromisso (e quebra da aliança política com os setores populares), se estabelecesse, a partir de um novo ciclo expansivo uma solidariedade orgânica na pauta de acumulação entre os distintos setores "avançados" da burguesia local, as filiais internacionais e as empresas públicas. Isto, evidente, não ocorreu "sem dor". O preço foi a liquidação econômica e política, no período 1964-67, de amplos setores da burguesia rural e urbana mais débil, ou não enquadrada no novo marco de "associação"(1)

E Octavio Ianni(2) traz mais elementos que permitem fortalecer o argumento em questão: de que o processo de acumulação de capital que vinha ocorrendo desde 1964, e a recuperação que se deu na economia em 1967, favoreceram a burguesia

(1) MARIA CONCEIÇÃO TAVARES: "Comentário ao Artigo de Carlos Estevam Martins" em "Relações Políticas entre América Latina e Estados Unidos - J. Cotler e R. Fagen, compiladores. Amorrortu Editores - Argentina - 1974, pg. 338.

(2) OCTAVIO IANNI, - "Estado e Planejamento Econômico no Brasil (1930-1970)". Principalmente da página 260 a 276. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro - 1975.

dinâmica, de ponta e acabaram prejudicando parcelas consideráveis da burguesia atrasada, urbana e rural, o que gerava divergências políticas dentro da burguesia, enfraquecia a sua unidade, sua coesão e sua dominação de classe sobre o proletariado, e era um dos pontos que contribuía para o clima de crise política, que se desenhava na sociedade.

Em nosso caso específico é importante saber como estavam as fábricas de Osasco, que foram atingidas pela greve.

"Enquanto em 1950 a BRASEIXOS ROCKWELL S.A. produzia peças somente para dois modelos de eixos para caminhões, sua produção atualmente inclui eixos para quinze tipos diferentes de veículos. Seu capital social elevou-se para 72 milhões de cruzeiros novos em 1969. Em 1968 foram investidos 1 (hum) milhão de dólares em equipamentos e ferramentas, tanto no setor de eixos, como de forjaria para atender à diversificação de modelos de automóveis da indústria automobilística nacional. Outros investimentos estão programados para possibilitar novo programa de ampliações para 1970".(3)

A revista "O Dirigente Industrial" de outubro de 1968 divulgava a lista das quinhentas maiores sociedades anônimas no Brasil, para o ano de 1967: a BRASEIXOS ROCKWELL S.A. aparecia em 73º lugar, a COBRASMA em 224º e a OSRAM (Fábrica de Lâmpadas) em 291º. A relação rentabilidade sobre Patrimônio Líquido (em porcentagem) dava 9,5 % para a BRASEIXOS; 0,4 % para a COBRASMA e 10,7 % para a OSRAM. Interessante observar no caso era a baixa rentabilidade da CO

(3) Revista "O Dirigente Industrial". - São Paulo, Dezembro 1969. pag. 1.

BRASMA, bem como seu baixo lucro anual, de NCr\$ 305.000,00, para o ano de 1967. (4)

A mesma classificação, para o ano de 1966, colocava a OSRAM em 216º lugar, com a relação RENTABILIDADE sobre PATRIMÔNIO LÍQUIDO de 31,2 %. As outras empresas de Osasco não apareceram na classificação, provavelmente por algum critério ou falha de pesquisa. Então, a OSRAM era uma fábrica sem grandes problemas, e com uma boa rentabilidade. O mesmo podemos dizer da BRASEIXOS ROCKWELL; o que já não era o caso da COBRASMA, e da BROWN BOVERI.

"A indústria elétrica BROWN BOVERI S.A...., e a MAFERSA (Material Ferroviário S.A.) de São Paulo, assinaram acordo para a fabricação de carros e locomotivas elétricas e "DIESEL" - elétricas para o metrô de São Paulo. O grupo BROWN-BOVERI entrará com o "KNOW-HOW" internacional no que se refere à construção de equipamentos desse gênero, tendo em vista sua participação na construção de diversos metrôs como o de Roma, Paris, Milão, Madrid, etc.,," (5)

Mas a BROWN BOVERI também estava com problemas financeiros, a julgar pelo que dizia o Sr. Rafael Camacho, do Departamento de Cobrança Internacional da Empresa: "...disse.... que a firma está sentindo dificuldades para elevar sua exportação, e que está despedindo pessoal, como as demais in

(4) As outras empresas de Osasco onde houve greve, a BARRETO KELLER, a GRANADA, a BROWN BOVERI, e a LONAFLEX não constam da lista. As outras empresas classificadas até 300º lugar apresentavam rentabilidade da ordem de 5 % a 70 %, com algumas poucas exceções abaixo de 5 %. Consultar "O DIRIGENTE INDUSTRIAL" de Outubro - 1968, onde é explicado o critério de classificação.

(5) Revista "O DIRIGENTE INDUSTRIAL" de fevereiro de 1968, São Paulo, pag. 1.

dustriais pesadas.”(6)

Das empresas de Osasco, envolvidas na greve, era a COBRASMA que apresentava maiores problemas.

A empresa alimentava “a indústria ferroviária, a automobilística, a de tratores e máquinas agrícolas, a de máquinas rodoviárias e terraplanagem, a de cimento, britagem, e letromecânica, a naval... A impressão de conjunto (obtida nas entrevistas)... não foi de euforia, pois a COBRASMA despediu, durante 1967, um grande número de operários...”

Os resultados tem sido insatisfatórios, nos dois últimos anos, por falta de grandes encomendas...

O que se verifica é que não existem planos para o reequipamento das ferrovias. A primeira encomenda de vulto que poderá surgir é a do METRÔ de São Paulo, lá para 1972 ou 1973. Para os próximos três anos, nada está planejado...

A Rede Ferroviária Federal tinha feito à COBRASMA..., uma encomenda de carros de passageiros, deixando a entender que outras se seguiriam. Confiada nessa antevisão, a empresa montou uma verdadeira nova fábrica, fazendo pesados investimentos em linhas de montagem, construções e oficinas auxiliares, que se tornavam indispensáveis para a execução da série de encomendas...

Mas tudo ficou na execução da primeira - 300 carros suburbanos. As seguintes não vieram, deixando sem ocupação o pessoal que tinha sido especializado para as executar, e que assim teve de ser despedido...

A COBRASMA, junto com outras três compa-

(6) Revista citada, pg. 90. Segundo dados de “O DIRIGENTE INDUSTRIAL” de março de 1968, a BROWN BOVERI estava com 2468 trabalhadores, mas vinha despedindo trabalhadores, o que corria também com várias fábricas da indústria de base, da mecânica pesada, e outros setores industriais em dificuldades no país.

nhias nacionais - a Companhia Industrial Santa Matilde, a Fábrica Nacional de Vagões S.A. e a MAFERSA - tem uma capacidade de produção de 500 vagões por mes. No entanto, as perspectivas de produção total, para este ano, não ultrapassam os 600 vagões."(7)

Para uma visão melhor, dos vários ramos consumidores de produtos da empresa, notava-se:

"No ramo de aços, em que a capacidade de produção é de 2.500 toneladas de lingotes e peças forjadas por mes, além de 1.500 toneladas de peças fundidas, verifica-se, ultimamente, certa melhoria de consumo, no setor privado. Os setores ligados ao governo não acusaram ainda qualquer melhoria.

Quanto à indústria de caminhões, ela parece vir reagindo bem, desde o começo do ano...

No setor de automóveis, os programas crescentes das fábricas... constituem, talvez, a perspectiva mais promissora do futuro próximo.

A indústria de cimento,... é o ramo de maior ritmo de produção e vai consumindo aços, na medida de suas possibilidades... A britagem, graças aos grandes planos do B.N.H..., vai consumindo aços em quantidades crescentes.

A eletromecânica não oferece perspectivas promissoras, apesar do grande número de projetos em andamento - turbinas, comportas e demais equipamentos para hidrelétricas - em virtude da sufocante concorrência internacional".(8)

- Citavam ainda, no setor de construção naval:

"Outra esperança que surgiu, mas não durou, foi a da construção de 24 navios da marinha mercante nacional. Essa resolução foi amplamente divulgada na imprensa, apregoando-se que apenas seria encomendado à indústria estrangeira o que a indústria nacional não pudesse fornecer.

(7) Entrevistas feitas por "O DIRIGENTE INDUSTRIAL", junho 1968, São Paulo, pags 39 e 40.

(8) idem, pg. 39.

Lamentavelmente, os créditos do Exterior para a construção de navios foram obtidos em condições tais que apenas os estaleiros e as fábricas de motores do Brasil receberão encomendas. Todo o resto, praticamente terá que ser importado da Inglaterra, a preços, aliás, pouco melhores que os nacionais..... e a indústria nacional.... está capacitada para fornecer 90 % dos materiais e serviços necessários para a execução do programa".(9)

Era, então, possível perceber a natureza das dificuldades, a julgar pelos relatos dos diretores da COBRASMA, BROWN BOVERI e outras empresas citadas: setores da produção ainda em crise, falta de planos do governo, a concorrência sufocante dos grandes grupos internacionais, problemas na exportação, e os compromissos do governo com os grandes grupos da burguesia mundial, em detrimento do empresariado nacional.

"É certo que se verifica umimpulso no sentido de melhora da situação, talvez devido à indústria automobilística, que prepara o lançamento de vários novos produtos. Mas, de modo geral, as outras indústrias, nomeadamente a dos eletrodomésticos, não se recuperaram ainda da crise...

A indústria de bens de consumo constitui,..... o grande mercado da mecânica - a situação de uma, influi grandemente na da outra. As dificuldades que enfrenta o mercado brasileiro de correm, em primeiro lugar, da falta de confiança na situação e, conseqüentemente, na retratação de investimentos".(10)

"Ultimamente, parece ter piorado a situação dos fabricantes de máquinas, tanto assim que várias fábricas tiveram que fechar..., enquanto outras estão reduzindo sensivelmente suas atividades".(11)

(9) idem, pg. 40.

(10) Depoimento do Sr. Joachim Spitzbarth, da Hidraulic Máquinas S.A. do Rio de Janeiro, a "O DIRIGENTE INDUSTRIAL", Junho de 1968 - pg. 34.

(11) Depoimento do Eng. Luiz Rocco, das Indústrias Emanuel Rocco - Limeira; SP à mesma revista, pg. 47.

Um texto de análise, dos comunistas de Osasco, sobre a greve na cidade, também é claro ao caracterizar o estado de crise existente na indústria pesada em Osasco: "As péssimas condições da economia nacional... se fazem sentir pesadamente nas empresas de Osasco. A situação é de crise, com a queda da produção. A crise é muito aguda nas empresas de material ferroviário. Essas fábricas vivem o drama da falta de encomendas"(12)

O setor das indústrias de material elétrico pesado também vivia dificuldades semelhantes. E era o caso da BROWN BOVERI. Embora houvesse uma inegável expansão na construção de usinas de energia elétrica, principalmente hidrelétricas, as condições de construção dessas usinas não favoreciam as empresas nacionais.

O governo brasileiro conseguiu financiamentos junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID, e Banco Mundial, organizações financeiras ligadas aos países industrializados para a realização dessas obras. Porém, as condições impostas na liberação dos créditos, estipulavam que a maior parte do financiamento deveria ser aplicado em encomendas de materiais nesses países, e às indústrias similares nacionais, apesar de muitas delas serem filiais de matrizes estrangeiras, ficava reservada apenas uma parte secundária das encomendas.

Foi o que ocorreu, com a concorrência para o fornecimento de material elétrico e mecânico para a construção de Ilha Solteira. "Venceu a concorrência um consórcio europeu, com capitais alemães, suíços e italianos. Segundo os termos impostos pelas entidades participantes do consórcio, para efetuar o financiamento, 70 % das encomendas terão de ser feitas nos países de origem e apenas 30 %..... em firmas instaladas no Brasil." (13) A BROWN BOVERI suíça participava do consórcio vencedor e sua filial, instalada em Osasco, ficou com apenas 30 % das cotas reservadas para a empresa.

(12) Texto: "A greve de Osasco" - Partido Comunista Brasileiro - Osasco - agosto 1 968, pg. 44. Extraído da Revista Unidade e Luta, Santiago do Chile, 1 972.

(13) idem, pg. 44

A situação de crise, existente nessas fábricas de Osasco, iria contribuir para criar um clima favorável à eclosão da greve de julho de 1968.

Conforme vemos, a economia do país vinha em crise desde 1962. No segundo semestre de 1967 (segundo algumas fontes, no segundo trimestre de 1967) começou um lento processo de recuperação. Mas o que é importante observar e ressaltar é que esse processo de recuperação foi desigual, diferenciado, e foi ocorrendo com um certo ritmo, e com uma certa intensidade. Alguns setores da produção encabeçavam, puxavam a recuperação para cima. Outros ramos da produção seguiam a recuperação, apresentando taxas de crescimento menores. Mas, vários setores produtivos continuavam em crise, depois saíram dela, ou vieram a cair totalmente, indo à falência.

O que parecia ser uma coisa só, a recuperação da economia, era na verdade uma coisa muito mais complexa, uma multiplicidade de coisas, uma variedade de acontecimentos, que foram ocorrendo ao nível da produção, com desdobramentos sociais e políticos: alguns setores produtivos retomavam o crescimento num ritmo mais forte, outros setores passaram a crescer mais devagar, outros não cresciam, estavam estagnados, e alguns se atrofiaram, desapareceram. Havia desigualdades na retomada do crescimento. Além das desigualdades, havia também associações, combinações ou dissociações. A retomada do crescimento ia se produzindo através de um processo desigual e combinado.⁽¹⁴⁾ Alguns grupos mais fracos se associavam a grupos mais fortes, mas havia competição, havia divergências e havia lutas entre grupos. Ao nível social e político, parcelas mais poderosas e avançadas da burguesia nacional, se chocavam com setores débeis da burguesia. A burguesia nacional avançada se associava ao imperialismo, mas tinha divergências com ele.

(14) Leon Trotski já falara da lei do desenvolvimento desigual e combinado, da dialética materialista, em seu trabalho "A História da Revolução Russa".

Em linhas mais gerais, dentro da sociedade, o quadro de combinação das desigualdades acontecia através de: problemas e conflitos dentro da própria burguesia - burguesia dinâmica, de ponta versus burguesia tradicional; divergências da grande burguesia nacional versus a média e pequena burguesia; divergências entre a burguesia industrial, financeira, comercial e agrária com relação ao governo Costa e Silva; problemas entre a burguesia nacional e os grandes trustes internacionais; problemas entre a burguesia industrial de ponta e a burguesia rural atrasada; conflitos do governo Costa e Silva com o movimento estudantil e da classe média; problemas dentro do próprio governo ligados às divisões existentes nas Forças Armadas entre o grupo da "Linha Dura", os "sorbonistas" da Escola Superior de Guerra, e os nacionalistas de direita; os conflitos entre burguesia-ditadura versus proletariado.

Vários dos conflitos e divergências citados acima não decorriam só de questões econômicas. Em alguns casos, a marcha da economia não foi mesmo fundamental para a existência de alguns desses conflitos. Havia questões de natureza política, ideológica, que também criavam e suscitavam divergências e conflitos entre as classes sociais, e também dentro de cada classe ou fração dela. Era, por exemplo, o caso das divergências dentro das Forças Armadas, e dos conflitos do movimento estudantil e da classe média com o governo Costa e Silva.

Mas, o conjunto das divergências e problemas que havia nas classes dominantes e no governo Costa e Silva, contribuía para criar o clima de crise política no governo, o que favorecia as ações do movimento operário.

Mas, voltando, e retomando a periodização dos acontecimentos econômicos:

".....o ano de 1967 iniciou-se péssimo, no que toca às expectativas dos empresários..... janeiro, fevereiro e março registraram um nível muito baixo em quase todos os ramos da indústria... a partir de abril começou uma fase de lenta recuperação, que pode ser atribuída... às medidas de desafogamento

go do novo governo..... à implementação de decisões empresariais..... e à necessidade sentida pelo comércio e indústria, de repor estoques.....

..... ao longo dos meses de maio, junho e julho, a recuperação foi lenta e penosa, e somente por volta de agosto/setembro a produção industrial, aparentemente, alcançou a média do segundo semestre do ano anterior. No último trimestre, a produção superou, por pequena margem, a média de 1966".(15)

De um modo geral, o quadro econômico para o ano de 1967 era o referido acima. Após a crise de 1962 a 1967, assistia-se, principalmente no segundo semestre desse último ano, a uma lenta recuperação, desigual e combinada, da economia.

"A recessão iniciada em 1966 na economia mundial durou, na maioria dos países afetados, até o fim de 1967. Na primeira metade desse ano, se fez sentir uma reanimação dos negócios que, entretanto, não alcançaram ainda a recuperação esperada".(16)

No segundo semestre de 1967, e no primeiro semestre de 1968 vai acontecendo um processo de transição na economia. Estava para vir o famigerado "milagre econômico". 1968 é o marco de descontinuidade, de transição, de um período de crise econômica, para um período de euforia na grande maioria da burguesia nacional e mundial, e a economia brasileira passaria a crescer a taxas bastante elevadas.

O processo de recuperação da economia vinha sendo dirigido pelos grandes grupos internacionais associados à burguesia nacional avançada, e "a nova equipe governamental (do governo Costa e Silva) decidiu que a redução do ritmo inflacioná

(15) Revista Desenvolvimento e Conjuntura, órgão oficial da Confederação Nacional da Indústria, Ano XII, nº 2, fevereiro 1968, Rio de Janeiro, pag. 12.

(16) Revista Conjuntura Econômica - Ano XXII - nº 7 - Julho 1968 - pg. 7.

rio já tinha sido suficiente, e não era preciso provocar novas recessões. Foi basicamente esta decisão política....., que propiciou a retomada do crescimento econômico." (17)

Entretanto, apesar da retomada do crescimento, havia, conforme já vimos anteriormente, vários setores da indústria mecânica e elétrica de base que permaneciam em crise, ainda em 1968.

E voltava-se a falar de crise, em meados desse ano: "A fase mais aguda da crise ocorreu em meados do ano passado, quando as autoridades financeiras se viram forçadas a tomar medidas excepcionais para aliviar a situação". (18)

Essa análise também era feita pelo grupo da revista "O DIRIGENTE INDUSTRIAL": "Aparentemente uma recessão econômica voltou a ocorrer no meio do ano. Os índices apurados pela Secretaria da Fazenda de São Paulo revelam uma redução de 33 % entre maio e junho, no volume de compras industriais..... Enquanto o Ministro Delfin Neto assegura que o fenômeno é apenas transitório, a atual crise do crédito parece ter raízes mais profundas..... No fim de julho a falta de dinheiro era de tal ordem, que as Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional, que tem liquidez imediata no mercado, só eram colocadas quando à base de 4 % ao mes..... O mercado de ações continuava estagnado. A retração das exportações já era visível, e a escassez de recursos para financiar exportações continuava a imperar..... Para atenuar a crise financeira, o Conselho Monetário Nacional reduziu em 3 % os

(17) Paul Singer - A Crise do Milagre - Paz e Terra - 1977 - Rio de Janeiro - pg. 61.

(18) Revista Mundo Econômico - Janeiro 1969 - Vol. II - nº 1 - Fundação Coopercofia - pg. 29.

depósitos compulsórios.....(19)

No mercado de capitais, de janeiro a maio de 1968 houve um crescimento contínuo das cotações das ações. De fins de maio a inícios de dezembro houve uma retração no volume de negócios. "A cotação das ações não conseguiu manter o ritmo ascendente, verificado até a primeira quinzena de maio, e o volume de operações caiu vertiginosamente..... em junho, julho e agosto".(20)

E houve problemas com várias empresas financeiras, como a CENTURIA, a PRODUSUL, a NORDESTE, a REGÊNCIA, a CREDENCE, a REAL-RIO, a ATLANTICA e a CIFRA. Algumas foram à falência.

Parcelas significativas da burguesia financeira também estavam em dificuldades. Os empresários mais débeis do mundo financeiro sentiam o peso da crise.

E a crise gerava desconfiança, descrédito entre os empresários, no mundo dos negócios. Gerava desconfiança nas relações de compra e venda entre os industriais, os comerciantes, os fazendeiros e os financistas. Gerava também, falta de credibilidade dos homens de negócios na política econômica e na política em geral, desenvolvida pelo governo.

Caíam o ritmo e a intensidade das transações comerciais, e pairava uma ligeira ameaça de quebra na lógica fundamental do capitalismo. Havia insegurança no ciclo de realização do lucro, nos círculos empresariais.

A crise se espalhava ao nível da economia, da política, do comércio, do mundo financeiro, das relações entre as pessoas no cotidiano, e também nas relações de classe dentro da sociedade.

(19) "O DIRIGENTE INDUSTRIAL" - Setembro - 1968 - pg. 3.

(20) Estudos APEC (ANALISE E PERSPECTIVA ECONÔMICA). A Economia Brasileira e Suas Perspectivas. APEC EDITORA S.A. - Julho 1969 - Rio de Janeiro. Ver pags. 37, 38 e 39.

A situação de crise, o quadro geral de desconfiança, a configuração de relativa intranquilidade, que pairavam no ar, criavam particularidades e situações psicológicas que atingiam a vida normal das pessoas, e do conjunto das classes sociais.

Afinal, qual a natureza dessa crise? O que significava, como se desenvolvia, e quais as decorrências advindas desse estado de coisas?

O quadro geral de crise poderia evoluir até uma situação de extrema gravidade, de grandes e profundas rupturas e mudanças sociais e políticas ?

Veremos que não acontecia tal conjetura, e essa hipótese, assumida como tese, foi um dos erros fundamentais da maior parte das organizações políticas de esquerda, e também do grupo de vanguarda que iria dirigir a greve de Osasco.

A crise tinha também um aspecto histórico, como exposto por Florestan Fernandes: "Bem ponderadas as coisas, a crise do poder burgues gerou a ditadura, e como esta não conseguiu fazer face aquela crise e resolvê-la.... a ditadura encontrou um "consenso nacional" (claro que se trata de um "consenso" que se forma no tope da sociedade civil)". (21)

Nesse sentido, o governo Costa e Silva era também um governo de crise, ou seja um governo oriundo da crise histórica de dominação do poder burgues, que se dizia democrático, e revolucionário, o que não era, nem para as classes burguesas em geral, e muito menos para as massas populares. O governo Costa e Silva acabava sendo "uma ditadura, que procurava casar a democracia restrita, que servia à minoria, com uma democracia nominal e ritual, que cassava os direitos civis e políticos da maioria ou reduzia os oprimidos a uma vida sem esperanças", e que, portanto "deixava de ser uma resposta capitalista às

(21) Florestan Fernandes. "A ditadura em questão" T.A. Queiroz Editor - São Paulo - SP - 1982, pag. 17.

exigências políticas da situação histórica".(22)

O Governo Costa e Silva, como os demais governos da ditadura se debatia em meio a contradições decorrentes da impossibilidade histórica e política da burguesia nativa em assumir o poder político de estado em sua plenitude, e realizar as tarefas históricas que se apresentavam. Como dizia Florestan "o Estado autocrático só levaria a vitória definitiva aos setores privilegiados da sociedade, se ele se mostrasse capaz de cortar os impasses que pesam sobre os ritmos e o aprofundamento da descolonização prolongada, da revolução nacional, e principalmente da revolução democrática. Apesar de sua retórica política, ele não podia e não pode fazer isso, já que nasceu da necessidade imperiosa da burguesia interna e da burguesia mundial de sufocar, e não apenas desacelerar, os três processos....."(23)

OS DILEMAS DO GOVERNO COSTA E SILVA E SUA RELAÇÃO COM A BURGUESIA

I. A transição, dentro da Ditadura, do Governo Castelo Branco para o Governo Costa e Silva

O Governo do Marechal Costa e Silva carregava vários traços do governo anterior, do Marechal Castelo Branco.

Do ponto de vista militar, quem dirigia o país era o grupo da "Linha Dura", os chamados setores militares "duros". Entretanto, na equipe de governo de Costa e Silva havia vários componentes do grupo da "Sorbonne", de linha castelista, ligados à Escola Superior de Guerra - E.S.G., e ao antigo Instituto de pesquisas e Estudos Sociais - IPES. Havia ainda setores mi

(22) idem, pg. 25

(23) idem, pg. 52

litares nacionalistas de direita representados no poder central. O General Albuquerque Lima, Ministro do Interior, era seu expoente principal.

Também os aparelhos do Estado, as instâncias jurídico-política, os organismos e instituições ideológicas, estavam divididos entre as várias facções existentes dentro das Forças Armadas. Essas divergências militares, se fundamentavam em questões políticas, econômicas, ideológicas e até no personalismo, no aspecto carismático de algumas lideranças militares, caso por exemplo do General Mourão Filho. (24)

(24) O General Mourão Filho em "Memórias: a verdade de um revolucionário" mostrava várias diferenças de orientação entre a linha de Castelo Branco e de Costa e Silva. Também as divergências, ao nível militar, dentro do governo podem ser observadas no trabalho de Eliezer Rizzo de Oliveira: "As Forças Armadas: Política e Ideologia no Brasil (1964 - 1969)".

No artigo de Sebastião C. Velasco e Carlos Estevam Martins: "De Castelo a Figueiredo: uma incursão na pré-história da "Abertura"" escrito no livro "Sociedade e Política no Brasil pós-64" também é discutida a questão.

E Rene A. Dreifuss, no livro: "1964: A Conquista do Estado" mostra, com grande documentação as posições estratégicas ocupadas pelo grupo "Sorbonnista" nos aparelhos de Estado.

Segundo Carlos Estevam e Sebastião Velasco e Cruz as origens históricas do "Sorbonnismo" remontam à "Revolução" de 1932, à resistência contra Vargas e o Estado Novo, e à aliança com os E.U.A. na frente antifacista da 2ª Guerra Mundial. Na esfera política e ideológica eram ligados à cúpula da extinta U.D.N. - União Democrática Nacional, e a vários setores do pensamento liberal. Esses agrupamentos se opunham ao socialismo e comunismo em geral e à sua corrente nacional popular (PCB, PTB, esquerda militar), e ao clientelismo tradicional (PSD), e clientelismo populista (PSP e peleguismo petebista). Defendiam um programa de modernização capitalista, que contrariava o latifúndio e a burguesia parasitária e atrasada em termos tecnológicos e organizacionais, e tinham como ideal um regime capitalista liberal e democrático.

Não há dúvidas de que havia divisões dentro das Forças Armadas. As desavenças militares faziam diminuir a coesão e unidade dentro do governo central. Nessa medida, este também foi um fator que contribuiu para gerar incertezas e indefinições, e até confrontos mais abertos entre os grupos no poder.

Paulo Cannabrava e René Dreifuss falam ainda de outras tendências militares, de grupos que se diferenciavam por alguns matizes particulares como os "nasseristas", (25), os tradicionalistas, os extremistas de direita e os conspiradores históricos. (26)

O movimento militar de 31 de março de 1964 fora resultado de uma ampla articulação social e política. Envolveria associações de trabalhadores, grupos de mulheres, importantes setores da classe média, organizações estudantis de direita, parcelas consideráveis do clero, o PSD, a UDN, e outros partidos de direita e praticamente todos os grupos componentes das classes dominantes. Como se viu, eram insignificantes as parcelas de altos oficiais militares contrários ao movimento de 31 de março de 64, que contava com uma "ampla base social de apoio". (27)

Quando Costa e Silva foi empossado no poder em março de 1967, não contava mais com esse amplo respaldo social.

As ações políticas e econômicas do governo Castelo, em vários episódios, foram reduzindo a base de sustentação

(25) Paulo Cannabrava Filho em seu livro "Militarismo e Imperialismo en el Brasil". Editorial Tiempo Contemporaneo - Buenos Aires - 1970, pg. 157, ironiza a comparação que se fazia entre Costa e Silva e Nasser.

(26) René A. Dreifuss em "1964: A Conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe". Vozes Petrópolis. RJ. 1981, analisa estes agrupamentos militares.

(27) Carlos Estevam Martins e Sebastião Velasco e Cruz. "Sociedade e Política no Brasil pós-64". Brasiliense. S. Paulo - 83, pg. 27.

ção social do governo.

As cassações de mandatos de vários dirigentes partidários; as ações políticas contra personalidades importantes no cenário político brasileiro, caso de Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, Ademar de Barros, Carlos Lacerda e outros; as intervenções nos sindicatos, a censura artística; a extinção dos partidos políticos, e o fim das eleições diretas para governador e presidente, através da AI-2 - Ato Institucional nº 2; as prisões de militares e civis, logo depois do golpe militar, que como disse Leoncio Basbaum, enchiam quartéis e até navios (no final de 1964 havia cerca de 30.000 presos políticos no país), foram fatos políticos de relevo, que acabaram alterando a composição de forças dentro da coligação no poder.

Algumas dessas medidas, principalmente as dirigidas contra os grupos de esquerda em geral, os trabalhistas e populistas, os nacionalistas de esquerda, e vários agrupamentos que defendiam o socialismo e o comunismo, fortaleceram os "Sorbonnistas", principal força política-ideológica do bloco no poder.

Mas as medidas que atingiram parcelas consideráveis da burguesia, principalmente a burguesia urbana e rural tradicional, atrasada, a média e a pequena burguesia, e os partidos de direita e de centro, o PSD, o PDC, o PTB, e até a UDN, espelho político partidário do "Sorbonnismo", acabaram diminuindo o espectro de forças que compunham a base social que sustentava o governo Castelo Branco.

A política econômica desnacionalizante, pela implantação de um capitalismo moderno, e pró-imperialista, defendida no plano de Ação Econômica do Governo - PAEG - de Roberto Campos e Gouveia de Bulhões, ligados ao Fundo Monetário Internacional, realizou um tratamento de choque na economia com:

- a restrição no crédito bancário, levando dificuldades a várias indústrias, o que mais adiante produziu um grande número de concordatas e falências.
- queda nas vendas, e baixa na produção.
- aumento da alíquota do imposto de renda.

- adicional de 20 % ao imposto de consumo.
- aumento do desemprego e subemprego.
- arrocho salarial.
- seguidas emissões de dinheiro, cerca de dois bilhões de cruzeiros por dia, para cobrir "déficits" no orçamento federal.

O PAEG, em resumo, se propunha a: conter a inflação em 10 %, em 1966; aumentar o crescimento econômico para 6 % ao ano, em 1965; e manter a participação das classes trabalhadoras no Produto Nacional; evidentemente, dentro do processo de acumulação capitalista em curso. O plano falhou no primeiro e segundo pontos, e também não conseguiu arrancar o país do quadro de crise econômica, que vinha desde 1962.

Enfim, várias medidas de política econômica do governo Castelo Branco atingiram e prejudicaram parcelas consideráveis da burguesia nacional, principalmente os setores mais débeis no meio urbano e rural, o que estreitava o leque de apoio social ao governo.

Havia ainda oposição ao governo Castelo Branco por parte do Supremo Tribunal Federal - S.T.F., e também dentro do Superior Tribunal Militar, por parte dos Generais Pery Bevilaqua e Mourão Filho.

Dentro do Exército, o principal setor de oposição aos "sorbonnistas", era o grupo de "Linha Dura", que não concordava com vários pontos da orientação castelista, inclusive com relação à política econômica.

Quando se abriu o processo sucessório, a candidatura do General Costa e Silva, Ministro do Exército do Governo Castelo, e figura proeminente da "Linha Dura", se mostrava sólida e "apoiada por amplos setores das forças políticas, foi articulada pelo outrora núcleo dirigente do PSD". (28)

(28) Paulo Cannabrava Filho. Militarismo e Imperialismo em Brasil. Editorial Tiempo Contemporáneo. B. Aires. 1970. pg. 155.

Guardadas as devidas proporções, e dados os descontos necessários, o Marechal Castelo Branco e seu grupo eram a elite intelectual das Forças Armadas, os planejadores e estrategistas militares ligados a setores tecnocratas industriais modernizantes, educados nas Forças Armadas norte-americanas, e tendo como um dos principais pontos de política externa o lema de Juracy Magalhães: "o que é bom para os Estados Unidos, é bom para o Brasil".

O grupo de "Linha Dura" era mais afeitos às coisas da caserna, ligado às tropas, com vários generais em comando direto da corporação, mas vinculados ao PSD, portanto com ligações também com a burguesia rural. Defendiam uma política externa mais independente e se aproximavam dos setores nacionalistas e extremistas de direita.(29)

Do ponto de vista militar, o novo governo que entrava era uma composição de duas forças principais: a "Linha Dura" e a "Sorbonne". Essa composição, que abrigava divergências, contribuiu para diminuir a coesão dentro do governo e foi um dos elementos que levou à crise política o poder central, em meados de 1968.

O novo governo, apesar de desejar mais cassações, de se dizer mais duro do ponto de vista político,

(29) René A. Dreifuss, no livro citado, à pag. 296 diz: "... o "troupier" General Costa e Silva, apoiado por um grande número de oficiais de médio escalão e extremistas de direita".

de se colocar mais à direita⁽³⁰⁾, se comparado ao governo Castelo, começou promovendo uma política de "abertura", de "valorização do homem", dizendo que a fase repressiva do regime terminaria, e que se passaria à fase construtiva.

A nova equipe de governo anunciava a continuação da luta contra a inflação, porém com desenvolvimento, e visando arrancar o país da depressão econômica. As medidas de "abertura" iam também no sentido de buscar novas aproximações, rearticulação, e apoio político para o governo em relação às classes dominantes.

O Governo Castelo Branco havia se desgastado em vários setores da burguesia. O novo governo que entrava, tentava organizar e ampliar uma base maior de apoio social junto à burguesia, à classe média e ao proletariado.

No setor sindical, o ministro do Trabalho, Coronel Passarinho anunciava a "renovação sindical" e o "afrouxamento" salarial e suspendia as intervenções na maioria dos sindicatos, abrindo espaço para novas eleições para as diretorias. A ditadura havia preparado o terreno, através de cursos de formação de dirigentes sindicais, da propaganda contra a esquerda, do expurgo realizado no movimento sindical, e de outros recursos

(30) O episódio das eleições diretas para governador, que se realizaram em outubro de 1965 é esclarecedor. Castelo Branco continuava mantendo a posição de realização de eleições diretas para esses cargos, enquanto a "Linha Dura" defendia uma posição contrária. Realizadas as eleições em onze estados, a ditadura perdeu em cinco deles, sendo dois importantes. Em Minas Gerais venceu Israel Pinheiro, do PSD e na Guanabara, Negrão de Lima, também do PSD. Então sob pressão da "Linha Dura", o governo baixou o AI-2, significando um novo fechamento do regime, e também o fortalecimento do grupo do General Costa e Silva.

mais, para ganhar as eleições na maioria dos sindicatos. E conseguiu seus objetivos.

Mas foi também, dentro dessa conjuntura de tímidas e adversas "aberturas" para a classe operária, que começaram a se formar várias oposições sindicais, entre as quais a oposição sindical metalúrgica de Osasco, que saiu vitoriosa nas eleições para o sindicato local, em 1967.

Nos primeiros meses de governo notavam-se ambiguidades e indefinições do bloco no poder. O governo que saíra havia deixado um conjunto de medidas, destinadas a preservar o continuismo de suas posições, o que dificultava os movimentos da nova equipe governamental. Não havia "uma orientação que traduzisse concretamente um novo estilo de governo..... e eram muito gerais e vagas, quando não desencontradas, as declarações dos membros do novo governo.... e as críticas já se faziam sentir... devido à inexistência de uma orientação definida, principalmente com relação à política econômica".(31)

E, somente em julho de 1967 o Ministério do Planejamento anunciou as Diretrizes de Política Econômica : "com as Diretrizes Gerais veio a lume a idéia global do que viria a ser o plano Trienal do Governo..... dentro do qual está inserido o Programa Estratégico de Desenvolvimento - P.E.D."(32)

Havia ainda outro plano, o Plano Decenal (1967 - 1976) de Roberto Campos, elaborado ainda no governo Castelo Branco. Porém "..... o Plano Decenal sequer começou a ser executado; foi arquivado "sob uma capa de silêncio"".(33)

(31) Do artigo de Denysard O. Alves e João Sayad: "O Plano Estratégico de Desenvolvimento (1968 - 1970)" em "Planejamento no Brasil". Coordenação de Betty Mindlin Lafer - Editora Perspectiva SP - 1975, pg. 92.

(32) idem, pg. 93

(33) Octavio Ianni, obra citada, pg. 238.

Apesar das ambigüidades, em linhas gerais, ao nível da economia, o governo defendia a contenção do ritmo inflacionário e da alta dos preços, com a reativação da produção nacional, e a arrancada do país da crise econômica. Incentivava a agroindústria, a modernização das fazendas, e em geral a industrialização e modernização em moldes capitalistas. Dava grande incentivo à política de incentivos fiscais para a Amazonia e o Nordeste.

Estava em gestação o que viria a ser o famigerado "milagre econômico", com taxas de crescimento do Produto Interno Bruto da ordem de 10 % ao ano, e que traria, inevitavelmente, uma imensa depredação natural, social e política para a imensa maioria da sociedade. Era uma política de expansão capitalista violenta, devastadora e selvagem.

Para os trabalhadores continuava o apócho salarial, e estava em curso a liquidação da Lei da Estabilidade e implantação do sistema de Fundo de Garantia Por Tempo de Serviço. Ocorria a centralização da Previdência Social, nivelando os vários institutos de aposentadoria e pensão dos industriários, bancários, comerciários e outros setores num único instituto, o Instituto Nacional de Previdência Social - INPS, com queda no nível da assistência médica e previdenciária em geral.

A política sindical trabalhista, habitacional, educacional e de saúde recebiam um tratamento de ajuste dentro do novo processo de acumulação e reprodução do capital, da modernização das indústrias e dos latifúndios, da implantação do Estado como um complexo militar, industrial, e tecnocrata, dentro da conjuntura mundial da contra-insurgência, da guerra de guerrilhas, e do novo panorama internacional de mercados.

Falando do modelo milagreiro dizia Paul Singer: "As características do "modelo" eram bem conhecidas: abertura da economia ao exterior, mediante estímulos às exportações e ampla importação de capital, tanto sob a forma de investimentos, como de empréstimos; expansão do crédito ao consumidor, estímulo à poupança interna, mediante a correção monetária das taxas de juros; política salarial e trabalhista capaz de proporcionar às

empresas mão-de-obra barata, abundante e bem disciplinada". (34)

Mas, já no governo Castelo e também com Costa e Silva, havia preocupação com a crescente internacionalização da economia, e um dos objetivos do P.E.D. era incentivar o desenvolvimento tecnológico da indústria nacional, e a defesa da produção nacional contra o crescimento ostensivo da oferta externa.

E os dirigentes, a elite política, foram dando ênfase a alguns pontos, que acabaram configurando um novo nacionalismo. Afinal, o governo Costa e Silva queria ampliar a sua base de apoio, buscar popularidade, e promover um governo acima das classes sociais, harmonizando os mais variados interesses, em defesa da "soberania" nacional.

Octávio Ianni dizia que "o neonacionalismo..... dos anos 1964-70 surgiu em decorrência de alguns problemas econômicos, políticos e militares, tais como: a comercialização do café industrializado; o aproveitamento econômico dos recursos minerais e piscosos do mar territorial; a pesquisa e usos da energia atômica; a expansão da fronteira econômica interna na região amazônica....." (35)

Esses pontos da política nacionalista geraram polêmica e até conflitos mais fortes entre a burguesia nativa, os grandes grupos internacionais e o governo, que analisaremos mais adiante.

Por exemplo, se dizia, que "o governo do Marechal Costa e Silva..... é nacionalista na Amazônia e "entreguista" no ABC..... porque não tem uma política, um programa de ação que lhe permita conduzir os fatos, em vez de ser conduzido por eles....." (36)

(34) Paul Singer. A Crise do Milagre. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1977 - pg. 163.

(35) Octavio Ianni, livro citado, pg. 293.

(36) Fernando Pedreira. Brasil Política (64-75) DIFEL. SP, 75 - pg 98.

2. As críticas da Burguesia

A ausência de planos claros, a falta de iniciativa e a insegurança política, as posições diferentes assumidas por vários ministros, as medidas de política econômica, as realizações práticas, e a política cotidiana, acabavam gerando dúvidas, atritos e ataques da burguesia contra o governo.

Havia ambiguidades dentro do neonacionalismo recém surgido. As críticas à ausência de planos vinham de vários setores. No primeiro ano de mandato, o governo Costa e Silva assumiu um aspecto de governo itinerante, viajando e auscultando, diagnosticando em algumas capitais e regiões estratégicas do país, a realidade social e os problemas políticos, ouvindo reivindicações e prometendo soluções.

Apesar de o governo tentar soldar uma nova aliança de classes, e ampliar sua base de sustentação política, eram muitas as críticas que lhe dirigia a burguesia nativa.

Dentro da burguesia industrial se levantavam críticas contra a política tributária, contra a crescente estatização na economia, e contra a política de controle de preços.

Parcelas da burguesia rural, principalmente as associações canavieiras, criticando a política do Instituto do Açúcar e do Alcool, e os grupos cafeeiros, vivendo o problema da industrialização do café (o café solúvel), faziam duros ataques ao governo. Havia ainda divergências quanto à reforma agrária, dúvidas que se manifestavam dentro do governo e se chocavam com os interesses de grupos da burguesia rural. Os agricultores se manifestavam ainda contra a sistemática de cobrança do Imposto de Circulação de Mercadorias - I.C.M.

Dentro da burguesia comercial se posicionavam também contra a estatização e a política tributária, contra o Imposto sobre Produtos Industrializados - I.P.I., o Imposto sobre Circulação de Mercadorias - ICM e o Imposto de Renda. A política de controle de preços também prejudicava os negócios, e os lucros dos comerciantes.

E parcelas significativas do mundo financeiro, do mercado de capitais, da burguesia financeira mais débil, também enfrentavam problemas, originados principalmente pela política monetária e creditícia do governo.

A burguesia industrial nativa queixava - se constantemente da falta de capital de giro, da contenção do crédito e da ausência de planejamento por parte do governo. Diziam também que enfrentavam uma concorrência brutal dos grandes grupos imperialistas. E havia ociosidade em várias indústrias.

Ao nível parlamentar, a ditadura recebia uma débil oposição de setores mais à esquerda dentro do MDB, e até de um denominado Blobo Independente da ARENA. Na verdade, a burguesia estava sem partidos, não tinha representação partidária. De certa forma, lembrando pensamentos de Gramsci, se poderia falar que o Exército era uma espécie de partido político da burguesia, e não apenas o seu braço armado. Na ausência de partidos políticos que a representassem, a corporação militar tentava ocupar o espaço vazio.

Divergiam do governo, ainda, vários setores sociais, grupos e forças políticas que acabaram formando a Frente Ampla, que aglutinava Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek, Luiz Carlos Prestes e o Partido Comunista Brasileiro, Setores de esquerda do MDB, João Goulart e o PTB, Jânio Quadros, Leonel Brizola. "A ala esquerda do MDB abandona a idéia de formar uma Frente Popular e começa a aderir à Frente liderada por Lacerda: a tese de não combater o governo Costa e Silva figurava entre os pontos em que havia acordo". (37)

Em resumo, o programa da Frente Ampla era a retomada do desenvolvimento, a preservação da soberania nacional e a restauração do poder civil. Lacerda havia organizado o apoio da direita, e passava a organizar o apoio de esquerda, para sua

(37) Sebastião C. Velasco e Cruz e Carlos Estevam Martins, livro citado, pg. 32.

candidatura à presidência do país. Várias personalidades políticas, e lideranças burguesas nacionais, ainda alimentavam a ilusão de virem a ocupar a presidência da república, naquela conjuntura. A Frente foi radicalizando em suas posições, e teve suas atividades proibidas pelo governo, em abril de 1968, tendo durado aproximadamente um ano.

Havia, então, divergências políticas entre parcelas significativas da burguesia e o governo Costa e Silva, entre a democracia restrita, o poder ditatorial, e a legitimidade burguesa. Havia muitas dificuldades jurídicas, dentro da própria legitimação burguesa, que criavam entraves entre a burguesia e a ditadura, tanto que o Ministério da Justiça passava a ser uma espécie de Ministério da Política do estado burgues de exceção, exceção porque não era uma democracia burguesa tradicional.

As maiores preocupações da burguesia estavam no terreno da política, na conjuntura turbulenta e agitada de 1968. A economia, o direito, a psicologia, a política, os aspectos sociais e a moralidade que o governo desenvolvia no cotidiano preocupavam muitos setores burgueses. "Entretanto, a grande interrogação se plantou fora do campo econômico: os setores empresariais..... vem demonstrando muito mais preocupação com a conjuntura política do país do que com a orientação econômico-financeira do governo... e as crises político-estudantis, assaltos e atos terroristas, e pronunciamentos inquietantes" (38), geravam dificuldades para o bom andamento dos negócios burgueses.

Várias publicações e revistas capitalistas apresentam abundante material para análise econômica e po

(38) Revista Mundo Econômico, Janeiro de 1969 - São Paulo - pg. 28.

lítica em geral, para a conjuntura em estudo. (39)

E vinha ocorrendo uma progressiva aproximação entre os homens da burguesia de ponta, dinâmica, os setores mais lúcidos e mais favorecidos no processo de modernização econômica e o governo Costa e Silva. Ao mesmo tempo em que as parcelas inferiores da burguesia mais débil e atrasada, os setores empresariais que permaneciam em crise, se distanciavam do governo e da burguesia dinâmica.

(39) As revistas empresariais "O Dirigente Industrial" "O Dirigente Rural" e "O Dirigente Construtor", dirigidos, na época por José Garrido Torres, ligado a E.S.G., ao IPES e à "Sorbonne" apresentam dados interessantes para a conjuntura econômica e política. A revista "Desenvolvimento e Conjuntura", órgão oficial da Confederação Nacional da Indústria, foi substituída em meados de 1968 por uma nova publicação "Indústria e Produtividade", o que significava também uma mudança na burguesia e no governo. A Federação das Industriais de São Paulo FIESP - também lançou em meados de 1968 uma revista mais adequada, dirigida pelo setor mais dinâmico e inteligente da burguesia paulista.

No setor agrário a revista "Agricultura em São Paulo" - Boletim Técnico do Instituto de Economia Agrícola de São Paulo, da Secretaria de Agricultura, apresentava um balanço negativo para o desempenho da agricultura paulista em 1967/1968. Já a revista "Gleba" - órgão oficial da Confederação Nacional da Agricultura, era toda elogios ao Ministro da Agricultura, Ivo Arzuaga e ao Marechal Costa e Silva.

A revista "Comércio e Mercados", órgão oficial da Confederação Nacional do Comércio, trazia na época, vários posicionamentos de associações comerciais, de diretores lojistas, enfim de vários setores da burguesia comercial, criticando pontos da política econômica do governo.

Em meados de 1968 (maio, junho, julho) a burguesia dinâmica mostrava publicamente que estava mudando. Novas publicações, novas revistas, uma postura de maior agressividade e tentativa de melhorar a produtividade, de introdução de novas técnicas, de dinamização das federações, sindicatos e confederações empresariais. Esse movimento político ao nível das classes dominantes ocorria em dois sentidos: do governo para a burguesia modernizante e vice-versa; da burguesia modernizante para a burguesia tradicional, com o que os setores de topo da burguesia tentavam puxar, ganhar para seus projetos a burguesia tradicional.

E ia se processando também, através da burguesia modernizante - governo, um movimento no sentido de neutralizar as contestações da classe média, com a gestação avançada do terrível "milagre econômico".

A CRISE

Além das divergências em relação à política econômica do governo, parcelas da burguesia, representadas ao nível parlamentar pelo MDB e mesmo pelo chamado Bloco Independente da ARENA, não concordavam com determinados pontos da política que o governo Costa e Silva ia implementando. Foi o caso da tentativa de enquadramento de 68 municípios em área de Segurança Nacional, onde os prefeitos passariam a ser nomeados diretamente pelo Presidente da República. Projeto de Lei nesse sentido foi enviado ao Congresso em abril de 1968. Nesse mes e no mes seguinte parlamentares do MDB continuavam se manifestando contra o projeto, que enfim foi aprovado pelo Presidente Costa e Silva por decurso de prazo, em junho de 1968.

Coisa semelhante ocorria com o projeto da sublegenda, que já vinha suscitando debates desde maio de 1967. Em abril do ano seguinte, o governo enviava o projeto para o Congresso. Tratava da instituição de sublegendas para as eleições majoritárias e proporcionais, com exceção das de Presidente e Vi

ce-Presidente da República. O MDB, também nesse episódio, fez dura oposição ao governo. "O projeto é aprovado após sucessivas crises, motivadas pela oposição do MDB....., que chegou a motivar o pedido de renúncia do líder do governo, Senador Daniel Krieger.....". (40)

Mas, a principal oposição que o governo enfrentava, e que chegou à contestação, ao confronto, e ao choque direto nas ruas foi do movimento estudantil somado à classe média urbana. Com o assassinato do estudante secundarista Edson Luis, no calabouço, Rio de Janeiro, a 28 de março de 1968, os estudantes entravam em greve nacional. No decorrer do primeiro semestre deste ano, e também no segundo semestre o movimento estudantil e da classe média urbana seguiu fazendo manifestações políticas, passeatas, e ocupações em diversas faculdades, em várias ocasiões criando sérias dificuldades para o governo. Esse movimento se estendia aos professores, intelectuais, artistas, jornalistas, bancários, trabalhadores do comércio e serviços, parcelas de vanguarda do movimento operário em geral, setores progressistas da Igreja, parlamentares mais combativos, ativistas e militantes do movimento sindical em geral. Nessa época, várias organizações de esquerda enveredavam pelo caminho da luta armada, do que consideravam a preparação para a luta militar direta pela derrubada do governo. Esses agrupamentos da esquerda militar desenvolveram ações políticas e militares de efeito político considerável, causando bastante desgaste à ditadura militar, apesar das conhecidas críticas acertadas, que lhes foram feitas.

Os trabalhadores das fábricas vinham se reorganizando através das oposições sindicais, dos grupos e comis - sões nas fábricas, nas assembleias operárias, e estava em curso

(40) Irene Maria Megalhães, Maria Aparecida Alves Hime e Nancy Alessio. Segundo e Terceiro Ano do Governo Costa e Silva. IU PERJ. Rio. Revista Dados, pg. 159

uma tentativa de criação de um movimento intersindical, uma reaglutinação de forças, que de certa forma, se assemelhava ao antigo C.G.T. - Comando Geral dos Trabalhadores. Era o M.I.A. - Movimento Intersindical Antiarrocho, que vinha sendo organizado desde 1967. Em abril de 1968 eclodia a greve metalúrgica de Contagem, Minas Gerais. Ainda nesse mes, operários paulistas do ABC e de São Paulo, em reuniões com estudantes resolviam fazer uma passeata contra o arrocho salarial, e em protesto pelo assassinato do secundarista Edson Luis (ver Apendice I).

Os acontecimentos do 1º de maio de 1968 deram um impulso muito grande ao movimento oposicionista em geral, e em particular aos grupos mais combativos, que defendiam a luta armada, mas criavam também ilusões e sonhos. Para muitos militantes, no calor da luta, dentro do movimento social e político contra a ditadura, movimento que se ampliava, parecia que estava em curso, ou pelo menos se aproximava, uma grande revolução, a derrubada violenta da ditadura, e a tomada do poder pelos operários, camponeses, estudantes e trabalhadores em geral.

Com ou sem ilusões, o movimento social contra o governo Costa e Silva crescia. As articulações entre as direções estudantis e operárias iam aumentando, e as preparações para um 1º de maio de luta fizeram crescer ainda mais o grau de organização e articulação entre o movimento estudantil e o movimento operário. Veremos, no decorrer do trabalho, os problemas advindos dessas articulações, como as lideranças estudantis queriam, de certa forma, indicar os caminhos e os métodos de luta para os operários.

Um dos indicadores do grau de mobilização, e da força social do movimento naquela conjuntura, pode ser observado pelo fato de que a ditadura colocou de prontidão, para o 1º de maio, o 1º, o 2º, o 3º e o 4º Exércitos e também as corporações da Polícia Militar. A prontidão no Exército começava a 29/04 e se estendia até 4/5.

E havia também pequenas lutas, conflitos esparsos e atomizados, localizados em regiões problemáticas do meio rural no país. Foi o caso do embrião de guerrilha rural na

Serra do Caparaó⁽⁴¹⁾, em 1967, dirigido por remanescentes do M.N.R., e também em Uberlândia, Minas Gerais. Falava-se também de tentativas de guerrilha rural no norte e noroeste de Minas Gerais e no sudoeste do Paraná, região de Cascavel, onde era comentada a atuação do MR-8. Ocorriam incêndios nos canaviais da Zona da Mata Pernambucana, e as autoridades afirmavam que eram grupos terroristas e incendiários. Em Colinas, cidade sertaneja do interior do Maranhão havia um intenso trabalho de alfabetização, educativo e com muitas discussões políticas, dirigidas pelo padre Macedo. Em setembro de 1968, trabalhadores rurais canavieiros do Cabo, Pernambuco entravam em greve geral pelo descanso semanal, 13º salário, férias e extensão da previdência social para o trabalhador rural.

Apesar das dificuldades, havia interligações entre vários desses movimentos rurais com os movimentos urbanos. O movimento estudantil operava nas principais capitais e cidades do país. Tinha uma importância nacional; e havia também uma extensa rede de interligação entre as organizações de esquerda, o movimento estudantil, operário e no meio rural, ou seja, o movimento da esquerda tinha uma amplitude e uma base social considerável, o que causava preocupação ao governo Costa e Silva. Tanto assim, que, ainda no mês de abril circularam várias notícias na imprensa, alertando para a possibilidade de decretação de estado de sítio no país.

Em fins de maio de 1968 ocorria a greve dos operários da fábrica BARRETO KELLER, em Osasco. "Nessa fase, estávamos travando lutas parciais, realizando pequenas paralizações por empresa e desenvolvendo uma atividade intensa de assem

(41) Rui Mauro Marini, em "Lucha Armada y Lucha de Clases en Brasil". Texto mimeografado. Santiago do Chile, 72, pg. 140, comenta esta tentativa.

bléias nos sindicatos..... Os operários (da BARRETO KELLER) estavam reivindicando aumento salarial, e os patrões haviam prometido atender sua reivindicação. Entretanto, no dia do pagamento o aumento veio apenas para alguns trabalhadores. Era uma manobra para dividir o movimento. Havia, dentro da fábrica, um núcleo... organizado - que não chegava a ser um comitê e que dirigiu o movimento de forma totalmente independente do grupo de esquerda e do sindicato". (42)

Essa greve, numa pequena fábrica metalúrgica da cidade (180 operários) foi um forte elemento propulsor para o desencadeamento da greve maior, da greve geral metalúrgica que ocorreu em julho de 1968, nas principais fábricas de Osasco. A greve fora vitoriosa, e ocorrera uma intensa agitação e mobilização de toda a categoria nos sete dias de duração do movimento. Dizia José Ibrahim: "..... mobilizamos toda a massa, organizamos comitês de solidariedade e fizemos assembleias gerais da categoria. Criou-se um clima de greve, todas as fábricas à espera da hora de paralisar". (43)

Ao nível mais geral, em toda a sociedade, crescia o protesto estudantil, e continuavam as manifestações políticas, principalmente da classe média urbana, contra o regime militar.

(42) Entrevista de José Ibrahim à Revista Unidade e Luta, pg. 20.

Essa entrevista do presidente do sindicato dos metalúrgicos de Osasco, na gestão de 1968, será um dos documentos fundamentais para a análise do processo grevista dos metalúrgicos de Osasco. O depoimento contém material precioso e bastante esclarecedor sobre a crise, e em especial, sobre a organização, a história, a vida cotidiana, e os problemas da classe operária, suscitando várias questões polêmicas, bastante atuais nos dias de hoje.

(43) idem, pg. 20.

A notável "Passeata dos Cem Mil", realizada no Rio de Janeiro, a 26/6/68, contra as violências policiais, pela libertação de manifestantes presos em protestos anteriores, pela reabertura do restaurante do Calabouço e contra a censura à imprensa e às artes, foi um marco político fundamental para o movimento que crescia. Nos dias 20, 21 e 22 de junho, no Rio de Janeiro, em várias passeatas, os manifestantes entraram em choque com a repressão policial, daí resultando centenas de feridos, vários a bala, e houve alguns mortos. Segundo notícias do jornal Correio da Manhã, nos choques de rua do dia 20 saíram feridos se ta nta c i v i s e t r i n t a e c i n c o m i l i t a r e s da P o l i t i c a M i l i t a r. E s t u d a n t e s e p o p u l a r e s a r a m b a r r i c a d a s c i d a d e e o q u e c o m a P o l i c i a M i l i t a r f o i n a b a s e p a s e p e d r a s e g a r r a f a s d e r e f r i g e r a n t e. C a r r o s e v i a t u r a s p o l i c i a r e f o r a m v i r a d o s e i n c e n d i a d o. U m s o l d a d o d a P o l i c i a M i l i t a r f o i m o r t o. D e u m l i s t a d e c e n t o e s e s s e n t a p e s s o a s p r e s a s, f o r n e c i d a p e l a s a u t o r i d a d e, a p e n a s q u a r e n t a e r a m e s t u d a n t e s.

Os conflitos alcançavam então um alto grau de violência.

No início de julho, representantes das principais entidades empresariais foram até Costa e Silva prestar-lhe apoio, e manifestar apreensão tendo em vista o agravamento da crise que atingia todo o país. Como vimos algumas páginas atrás, em julho ocorreu uma mini-recessão, a crise financeira atingiu o seu ponto mais grave, e várias empresas que operavam no mercado de capitais passaram sérias dificuldades, algumas indo à falência. A burguesia se mostrava preocupada, e queria que o governo resolvesse definitivamente o problema da crise.

Em decorrência da ofensiva geral do movimento oposicionista e da atitude tolerante, indecisa e paternalista do Marechal Costa e Silva, o Ministro Passarinho "admitia a existência de uma crise"⁽⁴⁴⁾, que desgastava o Presidente na área mi

(44) Irene Maria Magalhães, Maria Aparecida Alves Hime e Nancy Alesio. Texto citado. pg. 161.

litar.

Evidência da crise foi também a reunião, em meados de julho, do Presidente Marechal com trinta e um oficiais generais do I e II Exércitos que levaram a ele posição de solidariedade. O governo central estava submetido a fortes pressões de grupos direitistas que desejavam o endurecimento do regime, e mão de ferro para reprimir com decisão e energia o movimento de oposição. O poder central, momentaneamente, escapava das mãos de Costa e Silva e passava para o Conselho de Segurança Nacional - C.S.N., e para o Alto Comando das Forças Armadas, principalmente para o Alto Comando do Exército, ou seja, o poder estava dividido entre a Presidência da República e outros organismos fortes do aparelho de estado. Notava-se a falta de unidade e orientação homogenea do bloco no poder, em relação à escalada do movimento oposicionista.

E o governo, ouvido o Conselho de Segurança Nacional, apesar de colocar-se contra a adoção de qualquer medida imediata de exceção, insistia em que poderia adotar "medidas excepcionais, de acordo com os preceitos constitucionais". (45)

O Conselho de Segurança Nacional avaliava a conjuntura e o Marechal Presidente decidia "incumbir os Ministros da Justiça e Militares a tomarem as providências necessárias a coibir um estado contra-revolucionário". (46)

Nessa conjuntura, eclodia a greve de Osasco, a 17/07/68.

"Partíamos da mesma análise de conjuntura que o restante da esquerda estava fazendo: o governo está em crise, ele não tem saída, o problema é aguçar o conflito, transformar a crise política em crise militar." (47)

(45) Jornal Folha de São Paulo, 4ª feira, 17/7/68, primeira página.

(46) Irene Maria Magalhães, Maria Aparecida Alves Hime e Nancy Alessio. Texto citado. pg. 161.

(47) Entrevista de José Ibrahim, já citada, pg. 21.

Em posteriores textos de balanço, essa análise suscitou, como veremos, muita polêmica.

O Coronel Passarinho, o Jornalista Fernando Pedreira, a grande maioria da esquerda, vários setores da burguesia, várias publicações do mundo empresarial, muitos intelectuais, dirigentes políticos e outros homens do governo, falavam todos da existência de uma crise. De que crise falavam? Se referiam todos à mesma coisa, ou tratavam de coisas diferentes? Qual a natureza e o significado desse acontecimento ao nível das classes sociais? E os desdobramentos e conseqüências, como foram?

Para a burguesia havia uma crise político-estudantil, uma convulsão política e ideológica produzida pelas ações do movimento estudantil influenciado por organizações de esquerda, partidos clandestinos, grupos socialistas, comunistas e subversivos em geral. Do ponto de vista econômico, 1967 ainda fora ano de crise econômica, porém ocorria em 1968 uma clara recuperação na economia. Entretanto, determinados setores burgueses, como vimos páginas atrás, ainda admitiam a existência de crise.

Para a grande maioria dos agrupamentos de esquerda, e também para a vanguarda operária que iria dirigir a greve de Osasco, a crise era muito intensa, profunda e era uma séria crise dentro do governo, do poder central de estado. Julgavam que havia uma profunda cisão no governo, e que se colocava a necessidade da preparação da tomada revolucionária do poder. A explosão da rebeldia juvenil, a fantasia, a revolução vitoriosa da guerrilha cubana, a luta revolucionária do povo vietnamita, o impacto fulminante do maio frances, as grandiosas e turbulentas manifestações de estudantes, trabalhadores, mulheres, negros e oprimidos em geral, que arrebentavam em várias regiões no mundo todo, o forte movimento internacional de constestação de 1968, tudo isso contribuiu decisivamente para a eclosão violenta da greve de Osasco.

Entretanto, não havia uma crise revolucionária, nos moldes da concepção leninista. Não estava em curso, nem se avizinhava, a possibilidade da ocorrência de uma revolução social e política. As classes dominantes continuavam mantendo o domínio político sobre a sociedade, apesar das dificuldades que en

frentavam. Tampouco, não havia uma intensificação da atividade política das massas em geral. Ocorria um crescimento notável do movimento político na classe média urbana, principalmente. O proletariado mal começava a entrar em cena. Era pequena a mobilização na classe operária, apesar do estado de miséria, fome e grande degradação das condições de vida e trabalho da imensa maioria do povo. Do ponto de vista da organização, não havia um partido revolucionário, capaz de realizar as tarefas históricas do proletariado.

E faltava ainda um elemento fundamental, "a capacidade da classe revolucionária para levar a cabo ações revolucionárias de massas bastante fortes para destruir (ou quebrar) o velho governo, que jamais "cairá", nem sequer nas épocas de crise, se não se o "faz cair".(48)

Apesar do forte movimento oposicionista contra o governo Costa e Silva, apenas uma pequena parcela de vanguarda do proletariado participava dele. Também a imensa maioria do povo não estava nesse movimento.

Havia várias e importantes divergências, conflitos e desentendimentos dentro das Forças Armadas, entre o governo, a burguesia e grupos militares. Setores da burguesia mais débil e atrasada, dos latifundiários, fazendeiros do café e da cana, da indústria mecânica de base, de máquinas operatrizes, de material ferroviário, etc., e também da burguesia comercial e financeira faziam duras críticas à política econômica do governo, como já vimos. Havia também, críticas à política em geral, implementada pelo governo. Porém, essas divergências não punham em risco o domínio das classes dominantes sobre os trabalhadores e o po

(48) Daniel Bensaid y Alain Nair. Artigo: "A propósito del problema de organización: Lenin Y Rosa Luxemburg", in Teoría Marxista del Partido Político /2. Cuadernos de pasado y presente. Córdoba. Argentina. 1972, pg. 21. A citação acima é de Lenin.

vo em geral. Ocorria que os atritos dentro das classes dominantes, as contestações do movimento da classe média, as críticas dos setores progressistas da Igreja, enfim o conjunto de elementos, já citados páginas atrás, diminuindo a força repressiva das elites dominantes sobre a classe trabalhadora, acabaram abrindo espaços para o movimento sindical dos oprimidos.

III - AUTONOMIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO E ESTADO (1967 - 1968)

"... a ligação entre temática consiliar e teoria da extinção do Estado é não apenas possível, senão necessária, e que - sempre desde o ponto de vista do marxismo - uma não pode ser clarificada independentemente da outra..."

(Valentino Gerratana artigo: "Temática Consiliar y Extinción del Estado" em "Consejos Obreros y Democracia Socialista" - Cuadernos de Pasado y Presente - Córdoba - 1972.)

"No "cordobazzo" predominou a ação direta. Se o movimento contou em seus começos com alguma organização e algum projeto ideológico que o guiarão, a ação direta, a mobilização e a participação alcançadas em seu transcurso superaram essa organização, e esse projeto ideológico. Daí, a "espontaneidade" presente, e a imagem de um protesto sem projeto elaborado, sem reivindicações, sem pauta de negociações..." (Elizabeth Jelin: "Espontaneidad y organización en el movimiento obrero" - Revista Latinoamericana de Sociología nº 2 - Buenos Aires - 1975).

Passaremos a levantar hipóteses e considerações sobre a autonomia do movimento operário brasileiro, seguindo a linha principal das relações entre a classe operária e o Estado no período 1967-1968, do início do governo Costa e Silva à implantação do AI-5, e o fechamento do Congresso no Brasil.

A importância de analisar a autonomia do movimento operário nesse período se liga à eclosão das greves de Osasco, na grande São Paulo e Contagem, na cidade industrial, em Belo Horizonte, cujas causas serão tomadas aproximadamente, como indicadores da situação dos trabalhadores do Brasil todo; é relevante o fato de que essas greves foram um ensaio de ruptura em relação às antigas formas de organização do movimento operário. A conjuntura de crise econômica e o ascenso do movimento de massas (classe média urbana, estudantes, intelectuais, profissionais liberais, trabalhadores urbanos e rurais, movimento dentro do clero, etc.) se combinavam com uma conjuntura internacional de movimentos de rua em vários países do Ocidente, de protestos contra a guerra imperialista desencadeada contra o Vietnã, de quebra da autodeterminação do povo checo em escolher um caminho próprio para o desenvolvimento, configurada na intervenção russa, além dos conflitos armados no Oriente Médio, etc. Ganhavam peso político nessa época as divergências dentro dos partidos comunistas ortodoxos, e proliferavam os movimentos de guerrilha urbana e rural. A Revolução Chinesa, vivendo na época a fase da revolução cultural e a recente Revolução Cubana traziam novos elementos teóricos e práticos para o marxismo, que a esquerda brasileira acabou incorporando.

Nas décadas de 40 e 50 e inícios da década de 60 a classe operária brasileira se organizava politicamente através do sindicalismo dual, nos sindicatos oficiais, legais, e nas comissões paralelas, que fugiam às estruturas legais, mas nem por isso constituíam formas independentes de organização de classe. Segundo o trabalho de Francisco Weffort, "Participação e Conflito Industrial: Contagem e Osasco, 1968", o sindicalismo dual ocorria dentro e era uma das manifestações do populismo. Estas formas de organização foram canais de que se serviu a classe operária para encaminhar suas reivindicações econômicas e políti

cas, como também delas se utilizaram as classes dominantes exercendo as conhecidas manobras populistas de massa. Não aprofundaremos este ponto, pois não faremos um estudo do populismo brasileiro. As questões que se colocam são: As greves de Osasco e Contagem, ocorridas depois da derrocada do populismo, com o golpe de Estado de 1964, numa conjuntura de cisões internas no principal partido de esquerda que exercia práticas populistas, o PCB, revelaram novas formas políticas de organização da classe operária? Estas novas formas de organização eram independentes em relação às antigas formas populistas de organização porque surgiram em virtude da atuação de organizações políticas mais avançadas e com uma prática política mais correta para a classe operária, no sentido de atender seus interesses de classe? ou essas novas formas de organização do movimento operário foram resultado da autocrítica das massas, observando erros passados de estratégia e tática, e atingindo um grau maior de autonomia em relação às estruturas retrógradas dos sindicatos e ao reformismo do PCB?

Estas colocações irão sendo aprofundadas no decorrer do trabalho. Respondê-las satisfatoriamente foi objetivo de um trabalho mais amplo e de pesquisa cuidadosa em jornais, revistas, e documentos da época, no sentido de conhecer cientificamente os acontecimentos políticos desse período. Alguns pontos abordados darão um quadro mais amplo para situar e pensar o que é autonomia da classe operária, entendida também como independência política e ideológica em relação ao Estado e a partidos políticos que não defendem os interesses da classe operária, não desenvolvem práticas científicas corretas dentro da perspectiva histórica que se coloca para esta classe.

Para entender o contexto oficial em que ocorreram as greves de Osasco e Contagem, vejamos algumas posturas que o governo Costa e Silva assumia no começo do ano de 1967, logo no início do mandato. Referindo-se à greve de Contagem diz Weffort: "Assim começa a "renovação" em Belo Horizonte e, pela maneira que começa não deveria ser difícil prever que teria vida curta. Como ocorreu em outras partes do país, os passos para a

liberalização sindical apenas respondiam aos sinais vindos de cima e durante todo o tempo não fizeram mais que acompanhar as frágeis tendências de abertura política que se instauram com o governo Costa e Silva. Os sinais de abertura para os sindicatos oficiais eram apenas o correlato de outras propostas, entre elas a chamada política de "afrouxo salarial" e algumas alterações na rígida política de estabilização econômica então vigente, com os quais o novo governo pretendia estimular a liberalização do regime instaurado em 1964. O governo Costa e Silva afirmava que a "fase repressiva" do regime havia terminado com o período Castelo Branco (abril de 1964 a março de 1967) e que ele seria o iniciador da "fase construtiva". (1)

Durante o governo João Goulart o movimento de massas viveu um período de ascenso. Com o golpe de março de 1964 e durante o primeiro governo militar as massas populares viveram uma fase de descenso e a retomada das lutas políticas vai ocorrer no segundo governo militar, no governo Costa e Silva. A ocorrência de uma crise econômica e sindical aliava-se uma situação complexa entre os trabalhadores, gerada por problemas de desemprego, atrasos no pagamento de salários, etc, na região de Belo Horizonte.

O Partido Comunista Brasileiro, por erro programático, inexistência de trabalho político de base, ou ainda outras críticas que lhe podem ser atribuídas, vivera em março de 1964 a maior derrota de sua história política. A perspectiva de chegar ao poder (ou como diziam, "já estamos no poder") pela via pacífica, eleitoral, etc., originou entre outros debates, os "rachas" que deram origem às organizações que veiculavam a luta armada como forma ou tática de organização das massas e tomada do poder. Surgia o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário, liderado por Mário Alves, Apolônio de Carvalho e outros dissidentes do PCB.

(1) Francisco Weffort: Participação e Conflito Industrial: Contagem e Osasco, 1968 - página 26. Cadernos Cebrap. 5.

Carlos Marighela, que fora deputado pelo PCB em 1946, no período da Constituinte fundava a Ação Libertadora Nacional - ALN, com bases em São Paulo, Rio de Janeiro, etc., Outros desmembramentos ocorreram. Com a implantação da ditadura militar no país, a esquerda se fracionava, se atomizava em grande quantidade de grupos e organizações, a maior parte delas militantes, originando a conhecida designação de organizações "foquistas", porque desligadas de trabalhos de massa, distanciadas de células-base no seio do povo e lançavam um foco guerrilheiro com pretensões de organizar a tomada do poder.

A atuação de mais de uma dezena de organizações políticas nos sindicatos, diretórios estudantis, entidades de massa, na classe operária e na classe média, e o nível aguçado a que chegara a luta de classes na sociedade brasileira culminaram com a radicalização política, por exemplo os movimentos de rua de maio de 1968, e desdobramentos posteriores. A resposta do Estado ao protesto político das oposições foi o Ato Institucional nº 5 e o fechamento do Congresso Brasileiro, além da intensificação da repressão em todo o país contra as massas populares, as organizações de esquerda e entidades de massa.

Entendendo o AI-5 no conjunto de outras medidas, como os vários Atos Institucionais que lhe antecederam, a Constituição lançada de cima para baixo em março de 1967, a cassação dos mandatos de mais de uma centena de parlamentares e políticos de oposição, o fechamento do Congresso, nota-se que ele é mais um instrumento político e ideológico dentro das concepções que norteiam o novo Estado que se estruturava, se institucionalizava, e buscava consolidar-se. Os superiores generais das Forças Armadas, adestrados nos Estados Unidos, no Pentágono, no clima da Guerra Fria que sucedera a Segunda Guerra Imperialista mundial, dentro dos preceitos da união dos países "capitalistas democráticos" ocidentais contra a expansão do comunismo internacional, punham em execução as teorias e planos sobre o Estado, a Segurança Nacional, e o Desenvolvimento. De Paulo Canabrava Filho: "Al estar Brasil vinculado geográfica e historicamente al contexto de las naciones occidentales, el mundo socialista es el

enemigo número uno de la humanidad, siempre dispuesto a invadir el território nacional. El Estado pássa a ser el "gendarme" continental de la metrópolis imperialista y el anticomunismo es el arma psicológica para coaccionar a las clases dominantes y el pretexto para mantener sumisas a las masas populares".(2) Maria Antonieta Macciocchi, comentando o significado do Estado em Gramsci: "Ele (Gramsci) afirma que seu estudo "conduz igualmente a certas definições do conceito de Estado, que ordinariamente é entendido como sociedade política (ou ditadura, ou aparelho de coerção, visando submeter as massas populares aos tipos de produção e à economia de um momento dado) e não como equilíbrio entre sociedade política e sociedade civil (ou hegemonia de um grupo sobre o conjunto da sociedade nacional, exercida através das organizações ditas privadas, como a igreja, os sindicatos, as escolas etc.); e é precisamente na sociedade civil que os intelectuais cumprem seu papel específico". (Lettere dal Carcere, pag. 481) O Estado é sempre o "orgão Próprio" de um grupo social, o instrumento da ditadura de uma classe: mas essa dominação não se manifesta e não se exerce como afirmação e defesa exclusiva de um estrito "interesse econômico corporativo". Efetivamente, o conceito de Estado como "ditadura de classe" não se reduz pura e simplesmente ao aparelho de repressão e comando, mas abrange o conjunto de relações complexas através das quais se exerce o trabalho de mediação e de compromisso entre os interesses do grupo dominante e dos grupos aliados e subordinados, determinando a unidade dos objetivos políticos e econômicos".(3)

(2) Paulo Canabrava Filho: - "Militarismo y Imperialismo en el Brasil", pg. 163, Editorial Tiempo Contemporaneo, Buenos Aires, 1970.

(3) Maria Antonieta Macciocchi: "A favor de Gramsci", pag. 152, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976.

Neste sentido o Ato Institucional nº 5 foi um instrumento político e ideológico de repressão sobre as classes populares mas também aplicado para manter o poder do capital, permitindo sua reprodução e perpetuação. A unidade dos objetivos políticos e econômicos das classes dominantes foi rompida na medida em que setores da burguesia interna brasileira (representada por exemplo pela imprensa liberal, "O Estado de São Paulo", "Jornal do Brasil" etc) foram atingidos com a implantação do AI-5 e outras medidas que se seguiram.

Para entender o papel que o Estado brasileiro desempenhava na conjuntura 1967-1968, a partir da concepção de Gramsci sobre o Estado é importante apreender o conceito a partir do real, como se produzia a ação mútua realidade-conceito no conjunto de medidas que o governo Costa e Silva punha em andamento. Não será a aplicação mecânica de uma definição a uma realidade social. Trata-se de entender, guardando as devidas proporções, as complexas relações entre movimento operário brasileiro e o Estado, como o Estado das classes dominantes mantinha a dominação e a superexploração das classes trabalhadoras, e como dirigia a sociedade, exercendo uma dominação política e imprimindo uma direção ideológica ao conjunto das classes. Implica responder o que era o Estado brasileiro nesta conjuntura específica, qual a coligação de forças que o compunham ou dele se serviam, o que era o movimento operário brasileiro, sua composição de forças, e a correlação que guardavam entre si o Estado e a classe operária, relações estas analisadas no terreno da luta de classes.

A internacionalização do capitalismo saindo da fase da livre concorrência, do capitalismo competitivo, para o capitalismo dos monopólios e dos oligopólios, produziu também o deslocamento das tensões a nível mundial. Das contradições entre países capitalistas passou-se à contradição principal entre o Estado capitalista e a Revolução Proletária. Como escrevia João Quartim: "Remarquemos finalmente que quando ocorreram o fascismo e o nazismo, as contradições interimperialistas jogavam ainda um papel dominante no cenário político mundial. Os países onde o nazismo e o facismo tinham tomado o poder eram países colonialistas e imperialistas; a luta pelo controle do mercado mundial cors

tituia uma das condições determinantes da transformação "nacional-socialista" destes Estados capitalistas. A situação atual, pelo contrário, se caracteriza pela integração imperialista e pela mudança da contradição dominante no cenário político mundial. Esta contradição é, hoje, aquela que opõe o sistema imperialista ao sistema socialista. (Nós não podemos examinar aqui as contradições no seio de cada um destes dois sistemas. Consideramos, entretanto, que elas são muito importantes e que por consequência a palavra "sistema" aplicada ao socialismo e ao imperialismo deve ser compreendida no sentido dialético da unidade de contrários).

.."(4)

Embora com características semelhantes ao facismo e ao nazismo europeus (sindicatos corporativos do tipo facista, rígida censura e controle das informações na imprensa, organizações paramilitares, exaltação do nacionalismo, militarização das instituições, etc.) o regime político brasileiro apresentava suas peculiaridades: história da formação do atual Estado brasileiro, estágio de desenvolvimento do capitalismo no país, e fatos mais palpáveis como a inexistência de um partido de massas, e de um chefe ou caudilho que detinha o poder (em comparação com a rotatividade de presidentes).

Retomando a análise das greves já citadas: "De maneira similar os casos de 1968 são relevantes, não obstante a sua extensão limitada, por colocarem uma séria dúvida sobre as soluções encontradas naquela época⁽⁵⁾ por sugerirem esboços de formas alternativas de orientação e organização". ... "Manifesta-se nelas, seja no plano de orientação, seja no plano da organização uma atitude de independência em face do Estado e das empresas que, quaisquer que sejam as qualificações a serem feitas, se diferencia bastante dos hábitos do sindicalismo populis

(4) João Quartim: "La nature de classe de l'Etat brésilien (I)", Revista "Les Temps modernes", 1972, pg. 657 - Paris.

(5) A época a que se refere o autor é a da greve de 1953.

ta".(6)

Das colocações acima, entende-se o significado de autonomia no sentido de o movimento operário encontrar formas alternativas de orientação e organização, diferentes do tradicional sindicalismo populista, na busca de independência em face do Estado e das empresas. Mais precisamente, a ruptura com o populismo se deu conforme diz Weffort: "Apesar da grande influência populista que se pode observar em seu desenvolvimento, formaram alguns embriões de organização autônoma pela base da classe operária (as comissões), não pela cúpula da burocracia sindical, como era próprio das organizações paralelas".(7)

O que foram os esboços de formas alternativas de orientação e organização? As análises subsequentes tentam clarear este ponto.

A polêmica sobre a autonomia do proletariado aparece também nas palavras de Elizabeth Jelin: "Nesta discussão acerca da transformação do conflito industrial em um conflito sócio-político mais amplo, não se tem introduzido até agora um aspecto que se tornou central nas interpretações habituais sobre o sindicalismo na América Latina: o grau (supostamente baixo) de autonomia do movimento sindical".(8)

Como ocorre a ampliação de um conflito industrial para um conflito sócio-político mais amplo? A partir dos problemas do dia-a-dia de natureza econômica, por exemplo, melhores condições de trabalho, atraso no pagamento de salários, e pagamento de horas extras, os operários podem se mobilizar para reij

(6) Francisco Weffort: "Participação e Conflito Industrial: Contagem e Osasco, 1968" - pg. 11 - Caderno 5, Cebrap.

(7) Idem, pg. 92, grifo do autor.

(8) Elisabeth Jelin: "Espontaneidad y Organización em el Movimiento Obrero" - Revista Latinoamericana de Sociologia, nº 2, pg. 91 - Buenos Aires, 1975. O trecho acima foi traduzido do original.

vindicações puramente econômicas. O papel que os sindicatos desempenham nesse estágio da luta, às vezes resolvendo os problemas imediatos, mais prementes e fáceis, é uma faca de dois gumes, servem aos operários e servem aos patrões, servem ao proletariado e servem ao Estado. Estas últimas situações serão até consideradas favoráveis aos operários, em comparação com a atuação "peleguista", de intervenção a favor dos patrões, de contenção e mascaramento dos conflitos que os sindicatos exerceram. O desmascaramento das falsas vanguardas, a ineficácia do desempenho sindical, a continuação e agravamento dos problemas do dia-a-dia, vão desviar as massas para novos caminhos, novas formas de mobilização e protesto e organizações diferentes. Será a espontaneidade das massas operárias o elemento motor dessa transformação?

No dizer de Gramsci: "No entanto é preciso evidenciar que não existe na história a "pura" espontaneidade : coincidiria com a pura mecanicidade. No movimento "mais espontâneo" os elementos de "direção consciente" são simplesmente incontroláveis, não deixaram um documento comprovador. Pode dizer-se que o elemento de espontaneidade é por isso característico da "história das classes subalternas", e ainda dos elementos marginais e periféricos dessas classes, que não atingiram a consciência de classe "por si" e que por isso nem sequer suspeitam que a sua história possa ter alguma importância e que tenha um certo valor deixar dela pistas de documentação".(9)

As Características diferentes entre as greves da década de 90 comparadas com as greves das décadas de 60 e 70 no século dezenove na Rússia, permitiram que Lênin concluísse sobre o progresso do movimento operário russo: "isto mostra-nos que, no fundo, o elemento espontâneo não é mais do que a forma embrionária do consciente".(10)

(9) Antônio Gramsci: Obras Escolhidas, Vol. II, pg. 62, Editorial Estampa, Lisboa, 1973.

(10) Lênin, V. I.: "Que Fazer?" pg. 38, Editorial Estampa, Lisboa/73

O espontaneísmo, entendido como ação política de classe, brotando das contradições do processo produtivo de natureza da própria classe, dependendo de sua estrutura interna, ou como conjunto de ações políticas da classe operária, sem a representação ou participação de uma vanguarda que a dirija, tem relações com a autonomia do movimento operário.

Espontâneo, natural, próprio de um organismo, visto como movimento desembaraçado, livre, até procurando um sentido biológico, de alguma coisa que brote livre de empecilhos, entraves. Espontaneidade assemelha liberdade. Quanto mais espontâneo, mais autêntico, mais puro. Espontâneo em contraposição a provocado, forçado, induzido a crescer ou desenvolver-se segundo determinadas formas impostas de fora para dentro. Espontâneo porque sem nenhuma força externa, mas apenas caminhando com as próprias forças, sem cutucadas ou intervenções estrangeiras, norteadoras e esclarecedoras de caminhos diferentes. Também por posição contrária a organização se diz que o natural é o natural simples, sem complicações. Enquanto explorada economicamente, e sujeita à dominação política e ideológica do capital a classe operária fará ensaios de práticas espontâneas relativamente a formas de organização superadas. O espontaneísmo operário de 1968 foi um avanço em relação aos hábitos populistas de organização, um sinal de independência, de maturidade, de aprendizado assimilado e consciência adquirida.

O significado que o espontaneísmo tem em diferentes períodos históricos varia. O aprimoramento de conhecimento científico, as interpretações ideológicas possíveis de várias escolas ou correntes de pensamento a respeito dos acontecimentos políticos, e a compreensão dos fenômenos vividos pelos homens produzem conceitos diferentes. Para Weffort, ao analisar as greves de Osasco e Contagem, o espontaneísmo foi visto como um movimento pelas bases da classe operária, negando as antigas formas de organização do sindicalismo populista em certa medida e até certo ponto, dando origem a formas novas de organização. Referindo-se às greves citadas, diz: "No plano da organização, as coisas são menos claras, mas ainda assim é possível reconhecer

algumas características de independência que se manifestam no encaminhamento dos conflitos. As duas greves foram, em ampla margem, embora não exclusivamente, o resultado de iniciativas exteriores ao sindicato oficial. Suas origens reais estão na espontaneidade da base operária (Contagem) e nas "comissões de fábrica" (Osasco)".(11)

Se realmente foi o espontaneísmo o elemento motor para essas formas de organização alternativas, é uma questão também importante a responder.

Para Lênin o espontaneísmo tem um caráter econômico, "trade-unionista", que nega o papel primordial para o "político" e se volta mais para o "econômico": "Proclamou-se que a "base econômica do movimento está obscurecida pela aspiração constante de não esquecer o ideal político", que o lema do movimento operário deve ser a "luta pela situação econômica" ou, melhor ainda, "os operários para os operários"; declarou-se que as caixas de greve "valem mais do que uma centena de outras organizações"...".(12) Lênin combatia esta particular forma de espontaneísmo afirmando a necessidade de uma vanguarda dirigente para o movimento operário russo.

As análises de Weffort, Gramsci e Lênin levantam as seguintes questões: O espontaneísmo das massas operárias indicava a procura de um grau de autonomia maior da classe em relação às estruturas sindicais oficiais? A presença de organizações de esquerda em Osasco e Contagem terá sido fator determinante das novas formas de organização surgidas entre os operários? Ou as novas formas de organização foram resultado (ou agentes) das cisões do reformismo? Interessa também precisar como se deu a participação dessas organizações políticas no conflito, e em que medida influenciaram no grau de autonomia do movimento operário.

(11) Francisco Weffort: Obra citada, pg. 88, grifo do autor.

(12) Lênin, V. I.: Obra citada, pg. 44.

As relações entre o movimento operário, os partidos políticos e os sindicatos, formavam um conjunto de articulação complexas que será melhor explicado no terreno das tradições entre as classes populares e as classes dominantes.

Elizabeth Jelin permitiu avançar na compreensão desses aspectos: "Esta subordinação do movimento operário aos mecanismos de decisão jurídica, especialmente ao aparelho de Estado, tem sido superestimada na literatura sobre o tema, que chegou a esquecer o papel de outros fatores mencionados - o crescente papel do Estado no século XX, e a conexão entre sindicatos e partidos políticos - na avaliação do "sindicalismo político" na América Latina. Sem dúvida, a falta de autonomia é um aspecto central na análise da classe operária em vários países da América Latina, porém pouco se sabe como se articula com a emergência de movimentos operários de oposição e protesto, tanto de caráter temporário como permanente", (13)

Entendendo o Estado no sentido colocado por Lênin: "Segundo Marx o Estado é um organismo de dominação de classes, um organismo de opressão de uma classe por outra; é a criação de uma "ordem" que legaliza e fortalece esta opressão, diminuindo o conflito das classes" (14), pergunta-se até que ponto sindicatos controlados pelo Estado permitiram diminuir o conflito de classes, ou mesmo resolvê-lo dentro dos estreitos limites da colaboração de classe?

Porém os movimentos de Osasco e Contagem foram apenas um ensaio de organização independente para a classe operária, entendida como a força principal para a passagem e construção de uma sociedade plenamente democrática. A autonomia operária, enquanto autogestão de fábricas, liberdade de organização política, e capacidade de colocar para o conjunto da sociedade

(13) Elizabeth Jelin: Obra citada, pg. 91

(14) Lênin, V. I.: "O Estado e a Revolução", Diálogo Livraria e Editora, pg. 25, Brasil.

um projeto hegemônico que atenda às suas necessidades de classe e às de seus aliados será conquistada com a construção de uma nova sociedade. Será portanto resultado e motor de lutas organizadas, não só da classe operária, como de um partido que a dirija. A independência econômica será a independência do trabalho em relação ao capital, a abolição da exploração do homem pelo homem, e a extinção do trabalho assalariado, etc. A independência política, sem ladainhas, nem véus, coroas e canhões, será a organização da alegria, da paz e da moral dos novos homens.

A independência política do movimento operário, em contraposição à idéia de dominação e subjugação política da classe operária pelas classes dominantes, não será apenas a determinação que a independência econômica exercerá ao nível da superestrutura jurídico-política. Nem será um conceito absoluto, entendido como autonomia ou independência absolutas em relação a outros fatores ideológicos, culturais, etc., característicos da história da evolução da classe operária. Ao exercer a hegemonia, enquanto dominação política e direção ideológica do conjunto da sociedade, a classe operária estará pondo em prática um programa autônomo que permita resolver as contradições fundamentais da sociedade brasileira, e a autonomia política se estenderá também às classes aliadas da classe operária.

IV - A GREVE VISTA DE DENTRO

"Eu vim do interior. Não tinha nenhuma perspectiva de vida. Vivia porque via a gente viver."

(Joaquim Miranda, operário metalúrgico da BRASEIXOS).

"E sempre sobra a escória, que sobra das corridas, mais ou menos uns 400 ou 500 quilos, que é jogada de volta no forno para fundir de novo..."

E esse companheiro tava lá fazendo a manutenção. ... quando virou o ponteiro, caiu tudo em cima dele, e o corpo dele foi se queimando, se desfazendo, e então ele saiu praticamente acendido, a gente via o coração dele batendo..... No dia seguinte, às 10 horas da manhã ia ser o enterro dele. Então o pessoal fez uma comunicação interna dentro da firma, e no dia seguinte, quando foi 10 horas um companheiro puxou o apito, a sereia da companhia, ... e a fábrica inteira parou cinco minutos em sinal de protesto."

(João Joaquim, operário metalúrgico da COBRASMA).

Tomarei como principal referência a entrevista de José Ibrahín à Revista Unidade e Luta, e as entrevistas de João Joaquim e Miranda.

Em certa ocasião, num morro carioca, um amigo jornalista branco insistia em saber de um trabalhador negro do morro a história verdadeira de um fato ocorrido. O jornalista bombardeava o interlocutor com perguntas. Em certa altura da conversa, o negro, acuado, com tanta pergunta, falou alto e firme, sorrindo de banda:

"Qual é, meu irmão, a voz do morro é o silêncio!"

NO APENDICE I estão os relatos jornalísticos da greve. Até onde os jornalistas puderam ir. Mas sobre os meandros internos do movimento, dentro das fábricas, nas vilas, nas casas, nas "rodinhas", nos grupos, nas organizações políticas clandestinas, ainda há muito silêncio. Daí saíram lendas. Saíram mitos. Apesar de a greve ter uma grande importância na história recente da classe trabalhadora, os intelectuais, estudantes e militantes de esquerda fizeram dela e de seus protagonistas uma mistificação imensa.

Criou-se o mito da greve de Osasco. As grandes preocupações, a perspectiva de grandes jornadas revolucionárias, os grandes sonhos, as massas se movimentando para derrubar o governo militar teriam passado para as cabeças de cada um?

Será que havia interesse de cada um nessas coisas, ou o operário comum nas fábricas voltou à sua vidinha de sempre?

O desenrolar da greve, a forma como o processo foi acontecendo, e seus desdobramentos mostram que houve mudanças significativas na qualidade do movimento desses trabalhadores.

A tentativa de ver a greve desde dentro vai permitir clarear um pouco esses pontos. Não é tarefa fácil historiar a greve por dentro, não tendo participado do processo. As vezes, alguns fatos não apreendidos, aparentemente de pequena im

portância, impedem a visão global, de conjunto.

Em abril de 1968 houve a greve com ocupação na Belgo Mineira, na cidade industrial de Contagem, em Minas Gerais. Várias outras fábricas pararam na cidade e chegou-se a 16.000 operários em greve, que durou uns dez dias.

Depois houve o 1º de maio na Praça da Sé, que deu um grande impulso no movimento dos trabalhadores.

Em 1967 a oposição sindical metalúrgica ganhou as eleições no sindicato dos metalúrgicos de Osasco. A oposição perdeu em todas as fábricas, mas ganhou estourado na COBRASMA, com mais de 90 % dos votos. E ganhou em primeiro escrutínio.

A nova diretoria começava a implementar a formação de grupos nas fábricas, embriões de futuras comissões de fábrica.

Desenvolvia também um intenso trabalho voltado para as fábricas.

Em setembro-outubro de 1967 formava-se o M.I.A. - Movimento Intersindical Antiarrocho, que durou apenas até o 1º de maio de 1968. A ambiguidade desse organismo não permitiu que ele fosse nem um instrumento dos patrões, nem dos operários; seria dirigido pelos presidentes de federações, de sindicatos pelegos, um órgão de cúpula. De qualquer maneira, as concentrações de operários em Santo André, São Paulo, Osasco, Campinas e Guarulhos, dirigidos pelo M.I.A., para organizar a luta contra o arrocho salarial, escaparam ao controle dos dirigentes pelegos.

Nas primeiras concentrações os dirigentes burocratas e pelegos foram vaiados e acuados pelos trabalhadores. Nas últimas concentrações foram as oposições sindicais, os dirigentes combativos e o grupo de esquerda que dirigiram o movimento.

Como organismo que se propunha a encaminhar a luta contra o arrocho salarial, enfim um organismo sindical tentando agregar os sindicatos pela cúpula, o M.I.A. não resistiu à luta mais geral contra o governo e o regime. Era um organismo

sindical. Não era partido político.

Qual o seu programa? Qual a sua estrutura de organização? A que se propunha e a quem servia?

Parecia mais uma tentativa de reviver a experiência conciliadora e reformista do velho C.G.T. - Comando Geral dos Trabalhadores de 1961-1964, ou do P.U.A - Pacto de Unidade e Ação e P.U.I. - Pacto de Unidade Intersindical de 1953 e 1958, ou do M.U.T. - Movimento Unificador dos Trabalhadores e C.G.T.B. - Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil, de 1945-1946, ou das tentativas de formação de centrais sindicais, de organismos para-sindicais, paralelos, complementares ou suplementares, como queiram chamar, do longo período que alguns dizem que reinava o "sindicalismo populista".

Mas o M.I.A. não estava nem um pouco preocupado com a estrutura sindical, nem com a organização de uma central sindical representativa do conjunto dos trabalhadores do país.

De qualquer maneira, com a maré crescente do 1º de maio o M.I.A. se extinguia. Por que o M.I.A. acabou?

A não existência, na história do movimento operário no Brasil, de uma central sindical enraizada na classe operária, representativa dos interesses e aspirações do conjunto, com um claro programa sindical e uma sólida tradição de lutas e mobilizações é uma das grandes dificuldades que a classe encontra para expressar-se enquanto classe, e enquanto movimento social.

A U.N.E. - União Nacional dos Estudantes - organismo sindical nacional dos estudantes era uma entidade forte, representativa, com tradição de lutas, e respeitada em todas as universidades, escolas secundárias e cidades principais do país. Conseguiu organizar, na clandestinidade, um congresso estudantil, em outubro de 1968, com cerca de 700 delegados. Todos presos pelo governo militar. Mas o Congresso (e as prisões) teve repercussão nacional.

Por que a classe trabalhadora nunca teve um organismo sindical nacional?

Mas, voltando à greve vista por dentro.

A Cobrasma tinha tradição de luta. Os operários da fábrica tinham uma experiência de greves, mobilizações e operações tartaruga. No final dos anos 50 e começos da década de 60 já tinham feito algumas greves de seção, pequenas paralizações parciais e uma greve geral em 1963. (ver APENDICE 2)

Em 1961/1962 alguns operários criavam uma comissão clandestina na Braseixos. Eram militantes dissidentes do Partido Comunista. A experiência desse grupo e a influência que eles exerciam em alguns operários da Cobrasma vai impulsionar a criação de uma comissão, também clandestina, na Cobrasma.

Mais ou menos, nessa mesma época, a F.N.T. - Frente Nacional do Trabalho - criava uma comissão semi-legal, também na Cobrasma.

A comissão clandestina da Braseixos não vingou, não foi em frente.

E na Cobrasma, a comissão legal e a comissão clandestina começaram a se relacionar.

Enraizada nas várias seções da fábrica, e com um trabalho ligado ao cotidiano, a comissão da Cobrasma vai crescer e desempenhar um papel fundamental na vida operária da cidade.

A imprensa tradicional que se compra diariamente nas bancas de jornais não registra a história da greve, os múltiplos encadeamentos que foram acontecendo, as ligações que se foram estabelecendo entre pessoas, grupos e organizações.

Por que a greve foi com coupação? Por que nos primeiros dias não houve piquetes? O que significa o PIQUETE? O que significa a OCUPAÇÃO? Por que no quarto dia de greve já começava o refluxo? Por que só ocuparam a COBRASMA e a LONA FLEX? Por que os operários de São Paulo, ABC, Guarulhos e Campinas Não entraram também em greve, como esperavam os dirigentes?

Esperavam uma greve geral. Aconteceu uma greve geral metalúrgica em Osasco.

O que significa a COMISSÃO DE FÁBRICA? Orga

nização interna dentro dos locais de trabalho e ocupação estão relacionados?

Por que a BRASEIXOS, que fica bem de frente à COBRASMA e é do mesmo grupo, não foi ocupada?

Segundo Joaquim Miranda, que era operário da Braseixos e da diretoria do sindicato na época, a BRASEIXOS pagava melhor, era mais higiênica, mais organizada, não tinha os problemas da COBRASMA.

Imaginem uma empresa que fabrica vagões de trem. Vagões ferroviários. Uma imensa FUNDIÇÃO. Uma grande Seção de LIMPEZA E ACABAMENTO. Imensas pontes rolantes. Uma FORJARIA ensurcedora. Um grande número de operários soldadores. E a montagem em série dos vagões.

Mas não era uma fábrica tipicamente montadora. Processava os materiais em bruto, seções de processamento, fundição, usinagem, acabamento e depois montagem.

E já havia crise no setor ferroviário. O setor automobilístico, de veículos automotores, ônibus, carros, caminhões crescia a uma taxa muito mais elevada que o setor ferroviário.

A Cobrasma e a Braseixos do grupo Vidigal, empresariado nacional.

A Barreto Keller e a Fosforos Granada do grupo Alves Reis, também burguesia nacional.

A Lonaflex do Sr. Viarengo, empresário brasileiro.

A Brown Boveri, de proprietários suíços, indústria pesada, produtora de turbinas e equipamentos hidráulicos especiais para barragens, parece que a única empresa fabricante desses equipamentos na América Latina, na época.

O que dava uma maioria de empresas de patrões brasileiros atingidos pela greve. Como estava a burguesia nacional na época? Com dificuldades para manter a mesma margem de lucro. Várias pequenas e médias empresas brasileiras foram à falência, ou pediram concordata.

Os economistas assinalavam uma crise na eco

nomia brasileira no período 1962-1967. Já no governo Médici, no pós-1968, abria-se a chamada recuperação da economia, em outros termos aquilo que passou a se chamar o famigerado "milagre econômico brasileiro".

Como consequência da crise na economia, os negócios não andavam muito bem para determinados empresários. Havia compressão de salários, desemprego e uma nova consciência política na classe trabalhadora.

Havia ainda outro ingrediente: a crise política. Havia turbulência na sociedade. Ações armadas. Ações de rua. Passeatas. Protesto. Havia resistência à implantação da disciplina militar, ao novo modo de ser de um governo e regime militares, ao novo esquema capitalista. Se a burguesia e parcelas significativas da classe média estiveram coesas na quartelada de 31 de março de 1964, agora já apareciam sinais evidentes de discórdia. Juscelino Kubitschek, Carlos Lacerda, o Partido Comunista Brasileiro, vários grupos burgueses e alguns militares, aglutinados na chamada Frente Ampla, cuja amplidão não ia além da classe patronal, criavam dificuldades para o governo militar.

Nesse clima político quente e tenso, acontecia, em fins de maio a greve na BARRETO KELLER.

E os operários de fábrica conseguiram, após sete dias de paralização, muitas assembléias e discussões, um aumento salarial, a legalização da comissão de empresa, e promessas de melhoria nas condições de trabalho.

Segundo José Ibrahín os operários não queriam entrar em acordo com os patrões de jeito nenhum. Havia uma radicalização muito grande.

Para quem lia só a imprensa tradicional reacionária, a greve de julho parecia uma eclosão espontânea.

Com as manifestações do 1º de maio, a greve de abril em Contagem, e a greve da Barreto Keller em fins de maio, a temperatura política foi subindo no meio operário de o sasco.

Começavam a aparecer pichamentos nas fábricas pedindo greve, e havia uma forte pressão de baixo empurrando

a diretoria do sindicato.

E acabaram programando a greve, que deveria ser em novembro, época do dissídio coletivo, para julho.

Na entrevista à revista UNIDADE E LUTA, José Ibrahim falava:

"Fizemos todo um esquema de greve. No primeiro dia ocuparíamos a COBRASMA e a LONAFLEX, paralizaríamos a BARRETO KELLER e uma fábrica química vizinha - Fósforos Granada - cujos operários ocupariam a sede do sindicato.

No segundo dia seria paralizada a BROWN BOVERI, e..... a BRASEIXOS. No terceiro dia estenderíamos o movimento ao restante das empresas. Em três dias toda Osasco estaria em greve. A partir daí, haveria um desdobramento em São Paulo. A repercussão de nosso movimento criaria condições favoráveis à atuação das oposições sindicais. Pretendíamos deslocar piquetes para a Lapa e Jaguaré. Esse era nosso plano geral....."

Para a ocupação se fez também um plano detalhado.

Os planos foram feitos pelas comissões legais, pelos comitês clandestinos e pelos grupos de operários avançados das fábricas.

Havia comissões legais na Cobrasma, Barreto Keller e Lonaflex.

Formou-se um comando geral da greve e comandos a nível de fábrica.

E a greve foi acontecendo dentro de um esquema previamente preparado, com os imprevistos e incidentes normais de um empreendimento dessa envergadura.

V - AS COMISSÕES NAS FÁBRICAS E O PROCESSO GREVISTA

"Eu não sabia que essa amizade de tão forte é que ia sustentar a greve."

(Joaquim Miranda, operário metalurgico da BRASEIXOS)

"... os operários entraram em greve e ocuparam as fábricas . O elemento que os mobilizou, e os unificou, não foi uma plataforma de reivindicações; esta veio depois, para justificar a greve, e por certo, motivos não faltavam. Porém, é interessante assinalar que as reivindicações vieram depois, quando já se haviam ocupado as fábrica." (Jean Paul Sartre, Discusão entre Sartre e a direção de "II Manifesto". Artigo "Massas, Espontaneidade, Partido", em Teoria Marxista del Partido Político. Cuadenos de Pasado y Presente. Buenos Aires. /73).

Com certeza se pode afirmar que a greve de Osasco constitui ainda um mito, dentro da Sociologia, e na história dos Trabalhadores no país.

João Batista Cândido, da F.N.T. - Frente Nacional do Trabalho, explica os acontecimentos de uma maneira (1). José Ibrahim de outra. A F.N.T. viu os fatos, participou deles, imprimiu, ou pelo menos, tentou imprimir aos acontecimentos um determinado rumo.

Joaquim Miranda e João Joaquim, operários e dirigentes sindicais de Osasco, na época da greve, apresentaram, na entrevista que vai no APENDICE 2, vários dados e novas idéias sobre o movimento de Osasco.

Francisco Weffort fez uma análise que difere em muitos pontos das interpretações acima.

O Partido Comunista Brasileiro também divulgou um texto de análise sobre o movimento grevista.

As organizações de luta armada, entretanto, tinham visões diferentes do período, da conjuntura, e da greve,

(1) Consultar "Frente Nacional do Trabalho - Cadernos de Formação - Série Vinte Anos de Luta - 3º Caderno - Usina Miranda e Osasco" - Julho de 1980 - São Paulo, principalmente da página 28 à página 51.

Esse caderno fala do surgimento da FNT em Osasco, da formação da Comissão de fábrica da COBRASMA, do sindicato dos metalúrgicos de Osasco, da greve de julho, e de fatos importantes na vida operária, no interior das fábricas e na cidade.

Fala da história da comissão da COBRASMA, como surgiu, sua estrutura organizativa, representatividade, inserção, papel desempenhado, lutas travadas, ligação com o sindicato, etc, e apresenta vários dados, informações e um método de abordagem das questões em análise.

José Ibrahim e José Barreto também fizeram um texto de balanço do movimento grevista e do processo em geral.

Enfim, várias pessoas e vários grupos sociais ou políticos apresentaram balanços da greve, e traçaram perspectivas para o futuro do movimento operário no país.

Os patrões, os militares e o imperialismo fizeram também uma avaliação da greve, estudaram e estudam as inquietações da classe operária.

Várias pessoas e grupos sociais ou organizações políticas viveram o movimento, participaram do processo, criaram fatos, e imprimiram uma determinada influência política e ideológica aos acontecimentos. Em seu balanço, na sua análise, encadearam os fatos, viram os acontecimentos, dentro de certa ótica, dentro de determinada linha, seguindo um rumo ideológico e político que lhes convinha, ou se aproximava de sua postura de classe, e sua visão histórico-filosófica.

Mas esse balanço ainda está sendo feito. Muitos elementos ainda dificultam a sua realização. Ainda há muitas incógnitas, principalmente nas análises e dados das organizações de luta armada, sua atuação no movimento e o papel que desempenharam, dadas as difíceis condições de clandestinidade em que viviam e ainda vivem.

A) ANÁLISE DAS CONCLUSÕES DE JOSÉ IBRAHIM

Resumindo as conclusões de Ibrahim, extraídas da revista "Unidade e Luta":

1) Houve erro de avaliação política quanto ao momento de fazer a greve, e não foram devidamente pesados fatores importantes para o movimento:

"Para fazer um movimento de envergadura é preciso escolher o melhor momento, e levar em consideração uma série de fatores como a correlação de forças, nosso nível de organização, a disposição da massa. É preciso sempre tentar obter uma vitória, que fortaleça a organização, e eleve o nível de consciência da massa. Nós fizemos a greve num mau momento, inclusive, porque tínhamos condições para mobilizar a massa e levá-la à greve, mas nossa organização era insuficiente para sustentar o movimento."(2)

Nessa exposição de Ibrahim, estava clara a separação vanguarda - massa. Subentendia-se, de suas palavras, que o nível de consciência da massa estava abaixo do nível de consciência da vanguarda. E Ibrahim se colocava na posição de vanguarda.

A própria expressão, a palavra massa empobrece e dificulta uma compreensão melhor do que realmente se passava, na medida em que iguala todos os trabalhadores, dando a impressão de alguma coisa sem forma, de uma coisa só, ou seja, perde-se a visão das variedades, das múltiplas particularidades e combinações que o todo apresenta.

Também quando afirmava: "Tínhamos condições para mobilizar a massa, e levá-la à greve..." a idéia se repetia.

(2) Entrevista de Ibrahim à Revista "Unidade e Luta". As próximas citações, entre aspas, referem-se à entrevista citada.

A vanguarda tinha condições. Quem resolvia, quem decidia era a vanguarda. A massa seguia atrás. A vanguarda tinha conhecimento, autoridade, competência e possuía um nível de consciência mais elevado que a massa. Ela é quem sabia o que interessava ao conjunto dos trabalhadores.

Dá também a entender que a vanguarda surge fora do movimento, tem vida autônoma e independente do conjunto, da massa, como se a vanguarda não surgisse dentro das fábricas, da luta de classes, do embate cotidiano que ia se travando contra os patrões, e também das lutas gerais da classe. A vanguarda é parte fundamental, e intimamente ligada ao conjunto da classe. Não é de forma alguma, um elemento extemporâneo e socialmente separado do cotidiano, das experiências, e da história da classe.

O outro fator citado era a correlação de forças, que também não pendia a favor da classe operária. Havia divergências na burguesia, mas ainda eram fracas as fissuras, as divisões no bloco que detinha o poder, e vivia-se uma etapa contrarrevolucionária da luta de classes, ou seja, a burguesia detinha a iniciativa política dentro da sociedade. Apesar de que havia um crescimento de mobilizações na classe média (estudantes, professores, intelectuais, artistas, etc.), pequenas iniciativas na classe operária (a greve de Contagem, a greve na Metalúrgica Paulista, as manifestações de 1º de maio, etc.) e algumas ações no meio rural.

Também o momento, a época, a data (17 de julho) não foi adequada para deflagrar a greve.

- 2) "Nós achávamos que o fundamental era a organização independente da massa, cuja base eram os comitês, e o sindicato era, apenas, um instrumento auxiliar nesse processo. Entretanto, na prática, os comitês continuaram na dependência do sindicato... Os comitês não tinham tradição, e ainda não haviam ganho mais força que o sindicato. Este continuava a ser o órgão principal, mesmo que não fosse nossa intenção fortalecê-lo, pois os comitês ainda eram débeis, não possuíam tempo de experiência suficiente para ter maior autoridade dentro das fábricas. Eles depen

diam muito da orientação do grupo de esquerda, que controlava o sindicato... Fomos inconseqüentes ao aplicar nossa concepção de organização independente da classe. Por exemplo: todas as reuniões, tanto das comissões legais, quanto dos comitês clandestinos eram feitas na sede do sindicato. Não nos esforçamos para montar nos bairros uma infra estrutura independente do sindicato. Não criamos uma coordenação inter-comitês independente da máquina sindical" (pgs 27 e 28 da entrevista já citada).

Não fica muito claro a relação entre comitês clandestinos, comissões legais, sindicato e o grupo de esquerda.

O que dá para entender é que o grupo de esquerda dirigia o sindicato, e em geral dirigia os comitês clan-destinos e as comissões legais. Por sua vez as organizações de esquerda, mais precisamente a Vanguarda Popular Revolucionária - V.P.R. - dirigia o grupo de esquerda, e conseqüentemente dirigiu a greve. A hipótese não é absurda, mas ainda é cedo para concluir quem dirigiu a greve.

Mas os aglomerados ou agrupamentos de pessoas, os pontos de organização, associações, ou instâncias de organização e mobilização eram em grande número, e se relacionavam formando uma rede complexa de influências mútuas, ligadas à formação dos comitês clandestinos, comissões legais, e o processo que levou à eclosão da greve. Formavam essa rede complexa: as várias fábricas envolvidas na greve, os bairros, o movimento de emancipação municipal de Osasco, o sindicato dos metalúrgicos de Osasco, os outros sindicatos, as oposições sindicais, o Movimento Inter Sindical Anti arrocho - M.I.A., o movimento estudantil em São Paulo e em Osasco, o movimento operário local, estadual, nacional e sua relação com a realidade mundial, o movimento operário internacional, os grupos ou organizações de esquerda, o Estado brasileiro e o imperialismo, a burguesia nacional e mundial, a conjuntura específica de 1968, as lideranças e vanguardas, a Igreja, os comitês clandestinos e comissões legais, as particula

ridades do processo de trabalho, da divisão do trabalho e do "taylorismo" dentro das fábricas, a modernização de algumas indústrias, a história da consciência de classe, o governo militar, as relações com os assalariados rurais e camponeses, etc.

A relação linear - organização de esquerda dirige o "grupo de esquerda", que por sua vez dirige o sindicato e as comissões legais e comitês clandestinos - é pobre e fraca para explicar o processo.

Ibrahim falava dos comitês clandestinos e comissões legais. Com certeza, o que existia, tinha trabalho, representatividade e experiência era a comissão da COBRASMA. Segundo depoimento de Joaquim Miranda, da diretoria do sindicato dos metalúrgicos de Osasco, na época, e que trabalhava na BRASEIXOS (ver APENDICE 2), nessa fábrica não havia nem comitê clandestino, nem comissão legal. Lá a coisa começou com um pequeno grupo no início de 1968. Tomando como base a entrevista de MIRANDA e JOÃO JOAQUIM, a greve na BRASEIXOS aconteceu por solidariedade à greve na COBRASMA. A BRASEIXOS fica bem de frente, próxima a COBRASMA, e pertence também ao grupo Vidigal (Luiz Eulálio Bueno Vidigal). Não havia comitê clandestino e nem comissão legal na BRASEIXOS? O que pode ter acontecido é que havia um pequeno grupo, um comitê clandestino incipiente que não chegava ao conhecimento de Miranda, e articulado pelo "grupo de esquerda".

E na empresa FÓSFOROS GRANADA? Da forma como a greve aconteceu lá, a meu ver, também aí, nessa empresa não havia comissão, nem havia grupo nenhum estruturado, ou em vias de se formar. Não havia comissão, nem legal, nem clandestina! A não ser que se entenda por comissão, um grupo formado por uma operária, duas, três, cinco operárias, ou ainda que fosse um grupo maior, porém formado em cima da hora, no calor da luta, que ia se desenvolvendo. Provavelmente foi no processo grevista que começou a se formar o grupo (comissão) da FÓSFOROS GRANADA. Diz a entrevista de Ibrahim:

"(A BARRETO KELLER e FÓSFOROS GRANADA)....eram duas fábricas vizinhas, que pertenciam aos mesmos donos, ainda que só a primeira fosse metalúrgica. A "GRANADA" (que era do setor químico) tinha mais ou menos uns 400

(quatrocentos) operários, dos quais cerca de 350 (trezentos e cinquenta) eram mulheres e menores, o que tornava o trabalho bastante difícil. Através dos companheiros da BARRETO KELLER, que conheciam todas as meninas da fábrica, estabelecemos os primeiros contatos. A greve da BARRETO KELLER, em fins de maio, tivera grande repercussão na GRANADA, onde existiam muitos problemas. A partir de então, conseguimos montar um GRUPO dentro da fábrica, com as companheiras mais avançadas. Com elas discutimos o problema da greve. Disseram que não tinham condições de organizar uma paralização, mas que se o pessoal da BARRETO KELLER entrasse em greve e lhes dessem uma ajuda, elas criariam o clima para que a GRANADA aderisse ao movimento. E assim foi. Os companheiros da BARRETO KELLER paralisaram o trabalho com muita facilidade, pois estavam bem organizados, e tinham uma experiência de greve vitoriosa. Em seguida formaram um piquete, e atravessaram o portão, que ligava as duas fábricas. Antes que entrassem no prédio da GRANADA, as meninas começaram a parar, gritando: Greve! Greve! Greve! Companheiros do Comando Geral foram até as duas fábricas, juntaram os trabalhadores, e conduziram-nos em passeata, pelas ruas da cidade até o sindicato. No sindicato, instalamos a assembléia geral, dividimos o pessoal em grupos de discussão, com um temário previamente elaborado, coordenados pelos COMITÊS da GRANADA E BARRETO KELLER". (pags 23 e 24, sublinhei as palavras grupo e comitê).

Então, o grupo foi montado em maio. Em meados de junho passava a ser um comitê. O grupo foi montado de fora para dentro da fábrica. Então era um grupo novo, dependente, em formação, enfim com pouca experiência e montado segundo as concepções do "grupo de esquerda".

A primeira comissão, a da COBRASMA nasceu independente do sindicato. As outras comissões foram impulsionadas e dirigidas pelo próprio sindicato. Eram grupos e comissões de pequena representatividade, pouca inserção entre os trabalhadores e pequena capacidade organizativa. Eram embriões de comissões que significavam a vontade coletiva e espelhavam a consciência coletiva dos trabalhadores. Estavam longe, longe ainda, de terem um papel fundamental nas lutas que a classe estava travando.

Novamente se repetia a idéia: a vanguarda formou o grupo, o comando de greve levou os trabalhadores para o sindicato. Terá sido realmente assim? Não havia uma dinâmica interna própria, dentro das fábricas e no movimento grevista? As operárias não tinham idéias e não sabiam como fazer as coisas? Foi o piquete da BARRETO KELLER que parou a GRANADA?

As operários disseram que criariam um clima para a adesão ao movimento. Então, a decisão da greve foi resolvida em grupo fechado, dentro do "grupo de esquerda", ou da Comissão da COBRASMA, ou por organismo fora das fábricas e dos sindicatos. Quanto a isso, não há dúvida. A greve não foi resolvida em assembléia geral da categoria, ou do conjunto de trabalhadores. A conjuntura permitia assembléias gerais de categorias?

As operárias eram da categoria química. A greve saiu fora dos limites da categoria metalúrgica. Também em Contagem, Minas Gerais, a greve saiu fora da categoria metalúrgica. Foi uma greve de várias categorias.

Na GRANADA foi a pequena organização existente na fábrica, somada aos problemas das operárias e menores, com o espírito de solidariedade, e mais a ação dos operários da BARRETO KELLER, que fez sair a greve.

Apesar de haver muitos pontos em comum entre os operários da COBRASMA, BRASEIXOS, LONAFLEX, GRANADA, BROWN BOVERI, OSRAM, BARRETO KELLER, SOFUNGE, etc., havia também muitas coisas específicas, particulares, diferentes, de fábrica para fábrica.

A meu ver, apenas o comitê e a comissão da COBRASMA tinham uma posição mais independente. Também a organização interna na BARRETO KELLER não estava muito ligada ao sindicato. Tanto assim que a greve de fins de maio, aconteceu sem a interferência da nova diretoria sindical. Os grupos das outras fábricas já nasceram, e continuaram dependentes do sindicato, que era dependente do "grupo de esquerda", da Frente Nacional do Trabalho, de outras organizações de esquerda, e do aparelho de Estado.

Mas, com erros e acertos, foi uma nova e im

portante experiência para o movimento operário local e nacional. Passaram por cima da barreira de sindicato por categoria. Fizeram uma greve geral municipal da categoria metalúrgica. Operárias químicas lutavam ao lado de operários metalúrgicos. Foi lançada a semente da organização independente de classe: as comissões de base, diferentes das antigas comissões de fábrica, em geral organizadas e dirigidas de fora e por cima pelo Partido Comunista Brasileiro. Apesar das atitudes vanguardistas, carismáticas e tendendo a uma esquerdização crescente, tentaram mudar a forma e o conteúdo de organismos de base. Havia a preocupação de formar organismos autônomos dentro das fábricas, e não priorizar os órgãos de cúpula, em romper com o velho sindicalismo de cima para baixo, de cúpula, antidemocrático e autoritário. Havia a preocupação de romper com os métodos atrasados, centralistas e burocráticos do Partido Comunista Brasileiro que dificultavam o crescimento da consciência de classe.

- 3) "A concepção política do grupo de esquerda de Osasco tem que ser analisada na conjuntura de 1968. O conjunto da esquerda, naquela fase, tinha uma dinâmica própria e sem relação com o movimento de massas. A esquerda estava marchando na direção do foguismo, de uma concepção esquerdista da revolução, baseada nas ações armadas... Enquanto a esquerda vivia essa dinâmica de luta interna, em torno do problema da luta armada, nós estávamos surgindo como liderança no movimento de massas. E sofremos a influência da polêmica que se travava na esquerda. Entretanto nenhum desses setores, que se definiam pela luta armada, ofereciam uma alternativa para o movimento de massas. E nós, do grupo de Osasco, sem sermos um partido, fomos levados pelas contingências da luta de classes a assumir tarefas de direção política da massa". (pg. 28 da entrevista citada).

Ibrahim fala também que estavam mais ligados com o pessoal da futura V.P.R. - Vanguarda Popular Revolucionária.

A concepção política do grupo de esquerda de Osasco era de luta armada para derrubar o governo. Na avaliação

da conjuntura considerava-se que estava colocada a questão da tomada do poder. Tratava-se de transformar a crise política em crise militar, e partir para o enfrentamento armado contra a ditadura. A vanguarda devia dar o exemplo revolucionário! Pegar em armas, organizar a guerrilha urbana e rural, que as massas seguiriam atrás! Muitos combatentes, muitos dirigentes operários e estudantis, perderam a vida nesse processo!

Por que a experiência da guerrilha não foi vitoriosa nessa conjuntura? Por que a guerrilha venceu na China, no Vietnã, em Moçambique, Angola, Nicarágua, Cuba, etc? Por que as organizações guerrilheiras foram se isolando do conjunto dos trabalhadores, estudantes, enfim foram ficando sem bases dentro das fábricas, das escolas, dos bairros, dos locais de trabalho, do dia a dia da população? Por que o grupo de esquerda, a maioria jovens operários e alguns estudantes secundaristas, simpatizava com essas organizações?

Elas não ofereciam alternativas para o movimento de massas. Na verdade o que ofereciam era ação armada, a luta armada contra o regime. Consideravam que a dinâmica da luta de classes colocava a questão da tomada do poder, tratava-se portanto de preparar a tomada do poder.

O poder de Estado estava realmente em disputa? A meu ver, não. A burguesia detinha o poder político, as Forças Armadas estavam coesas, com pequenos problemas internos. Mais que isso, as classes dominantes, através da ditadura militar, implantada com o golpe de abril de 1964 detinham a iniciativa das ações políticas e tinham o controle dos aparelhos políticos, ideológicos e econômicos do Estado. Não havia dualidade de poderes na sociedade. Talvez, embriões de poder dual em algumas Universidades e Fábricas ocupadas.

A ação militar da ditadura Castelo Branco foi devastadora, e realizou um grande massacre nos organismos sindicais e políticos dos trabalhadores. Intervenção nos sindicatos mais combativos, perseguição, prisão e morte de dirigentes sindicais, líderes parlamentares e políticos, lideranças estudantis e do meio rural, enfim os trabalhadores, estudantes e o povo em ge

ral tinham sido duramente derrotados. 1968 foi mais um grande protesto, uma grande resistência, uma luta heróica e apaixonada da juventude contra o avanço do grande capital, do imperialismo, do autoritarismo.

Em 1968 não havia uma situação revolucionária no Brasil. Não havia uma profunda crise de poder, um vazio de poder. Nem se vivia uma crise revolucionária. Não havia muitas greves nas fábricas, nem muitas lutas no meio rural. O setor que mais se movimentava era a classe média: estudantes, intelectuais, professores, artistas, etc. Entretanto, como vimos páginas atrás, havia uma crise política que se manifestava em vários pontos: nas Forças Armadas, nas classes dominantes, e dentro do próprio governo.

A correlação de forças dentro da sociedade era favorável às classes dominantes. Vivia-se uma etapa contra revolucionária da luta de classes. Os trabalhadores, em geral, estavam desorganizados. O Comando Geral dos Trabalhadores - CGT - não existia mais. A prática desse organismo de cúpula não foi no sentido de organizar o conjunto da classe operária. Era uma prática voltada para as cúpulas, para a colaboração de classes, para a conciliação do proletariado com a burguesia. Os principais dirigentes do C.G.T., que eram membros do Partido Comunista Brasileiro - P.C.B. - defendiam as reformas de base, e acreditavam que a burguesia nacional iria fazer frente com a classe operária, no processo revolucionário. A atuação do P.C.B. no sindicalismo brasileiro foi extremamente prejudicial ao movimento de massas.

Entretanto, as novas direções que iam surgindo no processo de lutas, carregavam ainda, muitos traços, teorias e métodos de atuação do passado.

O grau de exploração da força de trabalho era alto, havia um arrocho salarial intenso, as condições de vida e trabalho eram precárias, e havia desemprego mas a consciência do proletariado não via a necessidade de um partido dirigente. Apenas uma pequena parcela de operários sentiam essa necessidade.

As Organizações políticas presentes na sociedade brasileira não conseguiram ser representativas do proletariado. Em Osasco, as organizações de esquerda conseguiram influenciar e captar apenas algumas poucas pessoas dentre as mais combativas.

Não era apenas o PCB que atrapalhava o movimento. A Igreja Católica também dificultava muito o crescimento da consciência de classe. O que restava do trabalhismo, do populismo, do extinto P.T.B. - Partido Trabalhista Brasileiro de João Goulart e Leonel Brizola, também obscurecia e enevoava a consciência de classe.

As novas organizações de esquerda, ligadas à luta armada, assumiam claramente um papel vanguardista, militar, heróico e carismático, e não conseguiam fazer avançar o movimento, de conjunto. A seção da IVª Internacional, no Brasil, nessa época sob a direção argentina de J. Posadas, tinha poucos militantes e pequena expressão política, além dos desacertos e desatinos de Posadas.

A nova direção argentina que surgia nesse processo, o P.S.T. - Partido Socialista dos Trabalhadores, ligado à IVª Internacional, Tendência Bolchevique, sob a direção de Nahuel Moreno e outros militantes trotskistas tentava à luz do marxismo revolucionário, empreender um caminho diferente, voltado para o trabalho de base, e contrário à luta armada.

4) Quando indagado se viam as ações armadas na perspectiva da guerrilha, ou de um processo insurrecional, Ibrahim respondia:

"Nossa concepção era de guerrilha rural. A maioria de nós tinha a ambição de sair do movimento operário para fazer a guerrilha no campo."

Essa era uma das concepções existentes dentro da esquerda. Havia aí uma grande influência do sucesso da guerrilha da "Sierra Maestra" em Cuba, da grande marcha de Mao Tse Tung na China, e da guerrilha "Vietcong", no Vietnã. O exemplo de Che Guevara foi muito forte na juventude em 1968.

Por que operários que estavam inseridos no

movimento operário, organizando comitês de fábrica, participando de oposições sindicais e de lutas sociais urbanas, viram a estratégia da guerrilha rural como o caminho revolucionário? Porque essa era a concepção da V.P.R. Também era a análise do Partido Comunista do Brasil - PC do B. A Ação Popular - A.P. também pensava semelhante.

Mas, e a consciência de classe desses operários? A consciência é mais evoluída, mais coletiva, mais avançada nos meios urbanos, nas regiões das grandes fábricas, segundo vários teóricos clássicos.

Talvez, a decisão do grupo operário de Osasco se devesse mais a uma questão de estratégia militar da VPR.

As jovens direções operárias acabaram sendo ganhas pela ideologia das organizações guerrilheiras.

Não havia um forte peso operário de massas. Não havia uma postura política de classe social por parte do conjunto dos trabalhadores a nível nacional, e nem a nível estadual, ou mesmo em termos da cidade de Osasco.

O trabalhador urbano, o operário da fábrica, esse ser humano da cidade, dos grandes aglomerados de prédios, casas, construções, ruas, fumaça, esgoto, poluição, esse cidadão da pobreza, afinal esse pobre diabo, sabe a vida desgraçada que leva. Sabe que está tudo errado. Cercaram as terras com muros altos. Colocaram cacos de vidro ou pregos nos muros. Encheram o céu de fumaça e pó. Ruído e barulhão de trem, de ônibus, de caminhão, de ferro, de pedra o dia inteiro. O operário sabe a vida desgraçada que leva. Passa fome, sede, humilhação, "encheção de saco" do patrão e assim por diante.

O operário sabia que era explorado. Sentia na própria carne a opressão e o jugo capitalista. Entretanto esse sentimento não se exprimia ao nível da política de classes.

E o processo insurrecional? Na Revolução Russa de 1917 foi organizada uma insurreição geral. Mas isso não aconteceu em Cuba, Nicarágua, Moçambique, Angola, Vietnã, etc. Houve alguma semelhança na Revolução em Portugal, onde o processo se aproximou mais do Clássico modelo russo.

A vanguarda de Osasco não via uma perspectiva de insurreição geral.

- 5) "No meu entender, a pressão maior (sobre o grupo de Osasco) do ponto de vista ideológico, veio mesmo através do contato com as organizações políticas, no nosso caso particular, com os companheiros da futura VPR. Mas sofremos, também, a pressão do movimento estudantil, que estava no auge em 1968. Na época da greve a Faculdade de Filosofia estava ocupada; o governo proibia passeatas, mas os estudantes saíam às ruas assim mesmo... O imediatismo resultou muito mais de nossas concepções políticas, do que da influência de um movimento da pequena burguesia. O problema não foi a pressão do movimento estudantil, mas as organizações armadas, e o fascínio que exerciam sobre nós." (pg. 29)

Em 1968 havia um movimento estudantil com relativa expressão nacional. Não dá para falar o mesmo com relação aos operários. Houve poucas e pequenas greves operárias em 1968. A mobilização no setor agrário ainda era menor. Se compararmos as greves de 1953, 1963, 1968 e as mais recentes de 1978 e 1979, a greve de 1968 em Osasco era numericamente de pequena expressão. Porém apresentava características diferentes das demais. Conjunturas específicas, circunstâncias diferentes, diferenças na consciência de classe, enfim vários fatores fizeram com que essas greves fossem diferentes umas das outras. Na história recente da classe operária, pela primeira vez, em 1968, os operários ocupavam fábricas. A greve não era mais de piquete. Podemos falar que todos os operários, dentro da fábrica ocupada, constituíam o piquete de greve. A greve de ocupação representa um estágio mais avançado da consciência de classe do movimento operário. Pela primeira vez, também, comissões de fábrica e grupos internos dentro das empresas tinham um papel fundamental no processo grevista.

Apesar da tomada do Estado pelos generais e testas de ferro do imperialismo em abril de 1964, e do controle e disciplina militar que passaram a exercer nas comunicações, nos

organismos políticos e ideológicos, na vida econômica e no dia a dia das pessoas no país, o movimento estudantil ainda conseguiu manter algumas estruturas organizativas.

A U.N.E. - União Nacional dos Estudantes, as U.E.E.S - Uniões Estaduais de Estudantes, a U.B.E.S. - União Brasileira de Estudantes Secundaristas, as organizações de estudantes secundaristas Estaduais e Municipais, e os organismos que os estudantes criaram ao longo de anos de luta estudantil, dentro das escolas, desenvolvendo um trabalho miúdo e cotidiano, permaneceram de uma ou outra forma. Clandestinos, semi legais, ou legais, mas mantiveram canais de comunicação entre si. Não foram totalmente arrebatados pelo golpe militar. Faziam paralizações, greves, passeatas, várias formas de ações de rua, comícios relâmpagos, numa resistência que, às vezes, passava à ofensiva ao novo estado de coisas. Havia lideranças reconhecidas, quadros médios, potencial em crescimento, amplo debate e muitas divergências. Luis Travassos, José Dirceu, Vladimir Palmeira, Jean Marc e vários outros (dá para falar em vários outros) eram líderes estudantis conhecidos em todo o país.

E a classe operária? E os camponeses e trabalhadores assalariados rurais?

As Ligas Camponesas e os sindicatos rurais haviam sido esbagaçados, destroçados. Os jornais, revistas e periódicos da grande imprensa burguesa não traziam quase nada da sociedade agrária. Um grande silêncio no campo? Junto com uma imensa turbulência e agitação, principalmente estudantil, nas cidades.

Na classe operária também um grande silêncio, que aparentava grande mistério, se a comparamos com as ruidosas manifestações de jovens, artistas, intelectuais e estudantes. As greves de Contagem e Osasco vinham romper o silêncio operário.

Vários sindicatos operários estavam sob direções pelegas. Outros sob intervenção, muitos dirigentes sindicais presos, perseguidos ou mortos. Outros clandestinos. O CGT não existia mais. Em termos de organização esse órgão de cúpula

não fez nada. Não houve nenhuma resistência do C.G.T. na virada de 31 de março. Seus principais dirigentes foram presos pelo movimento militar, e não havia nenhuma infraestrutura montada, que permitisse a continuação da organização operária.

Mas havia vários outros fatores, impedindo que o movimento operário crescesse:

- o massacrante arrocho salarial, que impedia os trabalhadores de viver, de comer, de pensar, de morar, de crescer e de se formar. Filhos magros, doentes, carentes de afeto e relegados, muitas vezes à condição de marginais, ladrões, loucos ou débeis mentais. Sem direito ao amor, ao lazer, a passear, a andar.

- a rígida disciplina, quase militar, nas fábricas, e a chamada organização racional do trabalho; a vigilância, o controle, e as longas jornadas de trabalho; o individualismo, a competição, e a severa hierarquia nos locais de trabalho; a ausência de democracia no interior das fábricas; a aplicação, cada vez maior, do "taylorismo", e novos métodos modernos de mecanização e automação do trabalho; a progressiva alienação dos trabalhadores; enfim várias coisas dentro da fábrica, da vida e do processo de trabalho.

- a dependência dos sindicatos em relação ao Estado e as leis trabalhistas reacionárias, que pesavam sobre as cabeças dos trabalhadores. Os sindicatos por profissões, hoje existentes não foram criados pelos próprios trabalhadores, de acordo com suas necessidades, suas reivindicações, seu grau de organização e suas lutas mais gerais. Nem os estatutos e leis, que regem os sindicatos foram feitos pelos operários, com raras exceções.

Enfim, os sindicatos continuavam dependentes do Estado.

- baixo grau de autonomia do movimento operário face às organizações políticas, aos antigos dirigentes sindicais, aos parlamentares e a outros movimentos sociais, por exemplo, o movimento estudantil. As organizações políticas e agrupamentos partidários em geral, passavam por cima das entidades

sindicais, procurando influir na sua vida em geral.

- a influência do velho sindicalismo, da época de Vargas, que vários sociólogos tem chamado de sindicalismo populista. A classe operária estava sob o controle e domínio do PTB, PCB, PSB e influencia do janismo, ademarismo, etc.

- a inexistência de um partido (ou partidos) realmente representativo(s) da classe.

- inexistência de uma central sindical nacional e organização por local de trabalho, moradia e a nível de regiões, municípios, etc.

- grande parte dos operários proveniente do meio rural, e portanto sem uma história e cultura operária.

- a classe operária apareceu enquanto classe social recentemente, há cerca de duas ou três décadas, mais precisamente na década de cinquenta, quando se formaram os grandes aglomerados industriais: o ABC, Guarulhos, Osasco, Campinas, Santo Amaro, etc no estado de São Paulo; a região industrial de Belo Horizonte; a região industrial de Porto Alegre, do Rio de Janeiro, etc.

- dirigentes sindicais não representativos da classe, pelegos, interventores sindicais e dirigentes sem expressão.

- ainda no começo dos anos 60 a população tabalhadora era predominantemente rural.

- a classe operária era ainda inexperiente, e sem passado de lutas autônomas e independentes.

Com todas estas dificuldades para colocar-se enquanto classe social e política, para ocupar um espaço, para imprimir sua dinâmica, suas aspirações e sua filosofia de vida, a classe operária ainda se via às voltas com o projeto ideológico da pequena burguesia, do movimento estudantil. O movimento estudantil tentava dirigir o conjunto de lutas e ações principais, naquela conjuntura.

A classe operária estava habituada a ser dirigida pelo PCB, PTB, etc. Havia toda uma relação paternalista e autoritária dos velhos dirigentes sindicais em relação à classe.

As novas organizações de esquerda e o movimento estudantil agiam segundo uma nova forma de autoritarismo: era a nova vanguarda que tentava dirigir e imprimir novos rumos ao conjunto do movimento social.

Trotsky em seus "Escritos de Espanha" levanta algumas considerações que podem enriquecer a discussão acima. Diz que em determinadas circunstâncias, em conjunturas específicas, quando a classe operária não consegue se colocar em movimento, desempenhar seu papel histórico, a pequena burguesia tenta preencher o espaço de direção social e política do processo.

No depoimento - entrevista de João Joaquim ele diz que eram frequentes as decidas de líderes estudantis de São Paulo para Osasco. Luiz Travassos, e José Dirceu participavam das reuniões no sindicato. José Barreto era estudante secundarista e operário. Havia vários outros operários, que também eram estudantes. José Ibrahim mesmo, havia feito o curso SENAI e tinha dúvidas se continuava estudante ou operário. Havia a transposição mecânica de métodos de atuação estudantis para dentro da classe operária.

A maior parte dos estudantes entendia de livros, de teorias, de saber falar como são feitas as coisas. Tentavam passar para os operários as teorias, os livros, os modelos, as idéias da Revolução Cubana, Russa, as idéias de guerrilha, etc. Tentavam imprimir à classe operária um ritmo, uma dinâmica artificial. Bem entendido, os estudantes de esquerda. Também aí estava presente a divisão do trabalho: estudante é intelectual, sabe estudar, sabe ler, sabe planejar; operários é prático, é trabalhador braçal, sabe fazer, construir coisas, mas não sabe pensar. Os estudantes reproduziam essa divisão. O movimento estudantil repetia o processo capitalista. A esquerda estudantil presente em Osasco, ainda que a maioria militantes de organizações políticas, tentava dirigir a classe operária e conseguiu, em parte, imprimir seu ritmo e passar seus programas para uma certa parcela de trabalhadores.

6) "Unidade e Luta" pergunta a José Ibrahim se "foi ou não correto ocupar as fábricas no caso específico da

greve de Osasco". A resposta:

"Eu acho que foi incorreto...foi produto de uma concepção política errada, que nos impediu de analisar corretamente o momento em que vivíamos.

A ocupação das fábricas e todo o encaminhamento da greve foi fruto de nossa concepção esquerdista....

O importante não era fazer a greve, mas fortalecer a organização independente da classe.

Hoje assumo uma posição autocrítica, com relação a nossa concepção esquerdista, tanto de nossa prática no movimento operário, quanto de nossas posições dentro da VPR. Eu tenho, hoje, uma visão muito crítica frente à prática do conjunto da esquerda, naquele período." (pg 29 da entrevista citada)

O que significa greve de ocupação? Por que a ocupação se deu apenas na COBRASMA e LONAFLEX?

A greve de ocupação é uma forma de luta mais avançada que a greve de piquete. De certa forma todos os operários que fazem a ocupação constituem o piquete de greve da fábrica toda. A disposição de luta é muito maior. Essa forma de greve significa um avanço na consciência da classe operária. Uma coisa, pelo menos, é comum a todos os operários: todos estão dentro da fábrica, todos estão violando a lei da propriedade privada, todos estão questionando diretamente as chefias, desobedecendo-as e fazendo valer o direito de sua força coletiva.

A ocupação, a tomada, a posse ou a permanência dentro da fábrica, colocando-a em funcionamento, fazendo-a produzir, administrando-a, dentro de um novo espírito, de novas diretrizes, de uma nova política, seria o passo seguinte no processo. Mas os operários executaram a ação, e não estavam preparados para a continuação, para os desdobramentos. Ocuparam a fábrica, a vanguarda falava em tomar o poder, mas não estavam organizados para isso, nem a conjuntura era favorável.

A ocupação dessas fábricas, somadas às palavras de ordem levantadas no 1º de maio: "Operários no poder", "Povo armado derruba a ditadura", e a forma como se deu a ocupação, a cada 100 metros, em cima de um vagão, dentro da COBRASMA, um

operário com uma barra de ferro na mão, e outras ferramentas, e evidenciava o descompasso entre o que se alardeava, se agitava, se propagandeava e as condições efetivas, concretas e reais de realização dos desejos, das idéias. Dentro da fábrica não havia nenhum operário armado (apenas José Barreto tinha um revólver 38, que, segundo disse era para se defender do CCC - O Comando de Caça aos Comunistas).

Havia um esquema de militantes armados do lado de fora, para dar cobertura à ação.

Essa tomada da fábrica fazia parte da proposta de transformar a crise política em crise militar, dentro do regime, e caminhar rumo à tomada do poder.

O estudantado de esquerda, muitos intelectuais, professores, líderes cristão, ativistas em geral e a maioria das organizações políticas, acreditavam que estava acontecendo uma revolução, e queriam tomar o poder. Era evidente, a classe média queria o poder para ela. O movimento de classe média queria o poder.

7) "Através dos comitês realizamos um trabalho de discussão com a massa, dentro das fábricas, para fazer o balanço da greve. A massa tirou suas lições e nós também. Compreendemos o quanto tínhamos sido voluntaristas. Nós fizemos uma greve localizada e isolada....a massa elevou sua consciência ao ver a polícia e os soldados reprimindo os trabalhadores, e defendendo a propriedade dos patrões....

...Era comum encontrar elementos de massa com a seguinte posição: "eu não me arrependo da greve, foi boa. Podemos sair para outra, mas sózinhos não vamos mais. Tem que haver união de todas as forças. Mesmo depois do AI-5, e da prisão minha e de outros companheiros, a organização dentro das fábricas de Osasco se manteve de pé....

Na minha opinião, o que destruiu mesmo a organização interna nas fábricas de Osasco foi a política das organizações armadas - principalmente, no caso, da VPR e depois da VAR - Palmares - de tirar os melhores elementos do movimento de massas, consumindo-os na dinâmica própria da organização.....

No refluxo, a repressão desencadeada em Osasco teve importância, mas não foi o decisivo na desarticulação de todo o movimento." (pg 30 e 31 da entrevista citada).

O depoimento de Ibrahim é contraditório.

Primeiro, diz que a organização se manteve dentro das fábricas.

Depois, diz que a VPR destruiu a organização interna, coisa também feita pela repressão.

Novamente se repetem pontos anteriores. Ele diz: nós fizemos um balanço. A massa também. A vanguarda fez o seu balanço, separado do movimento de massas.

O voluntarismo. Fazer as coisas segundo manda avontade. O voluntarismo é prejudicial? Pode-se falar que o voluntarismo exagerado foi prejudicial ao movimento?

Realizar os sonhos, as fantasias, as imaginações. Concretizar as idéias. Do nível ideológico para o nível do concreto. O idealismo não é um dos componentes da ação?

Há necessidade de entender, de captar as leis científicas do desenvolvimento da luta de classes. As táticas e a estratégia corretas, adequadas à correlação de forças, à consciência de classe, à conjuntura, etc.

"É proibido proibir". "A liberdade do outro amplia a minha". Algumas idéias fortes da época. Havia muita vontade, muita imaginação, muita rebeldia juvenil, muito protesto, muita mudança. E havia um autoritarismo muito forte. As vanguardas viviam sonhando com a revolução. Os militares no poder tentaram esmagar, conter a imaginação e a criatividade juvenil.

Houve exagero de voluntarismo em Osasco? Não há dúvida quanto a isso. Mas um movimento não anda, não há movimento social e político sem voluntarismo. De longe, de longe, o problema central em Osasco não foi o voluntarismo. O voluntarismo foi uma das grandes novidades que o movimento de 1968 trouxe.

8) Diz "Unidade e Luta":

"...o desencadeamento da greve com ocupação de fábrica, sem que houvesse condições para a sua generalização às indústrias de São Paulo, isolou o movimento, deixou-o sem forças para resistir à repressão, que certamente se abateria, tornou a derrota inevitável e desmoralizante." Ibrahim responde:

"...Eu discordo quanto ao termo desmoralizante... não corresponde à realidade...o movimento foi derrotado, e houve um refluxo... Nós obtivemos vitórias parciais, mas a luta não teve um desdobramento. Entretanto, a massa não se desmoralizou....

Porque desmoralização é isso: a massa desanima, não quer saber mais de luta, desconfia da liderança, arrepende-se de ter dado aquele passo. E isso não aconteceu em Osasco." (pg 31 da mesma entrevista)

Apenas uma dúvida: O movimento foi derrotado ou não?

Não se pode medir os resultados de uma greve pelo que ela consegue em termos imediatos, apenas. Vai acontecendo um processo. Alguns objetivos, alguns pontos defendidos se não, às vezes, alcançados a médio ou a longo prazo.

Diz Andre Gorz:

"El éxito de una huelga no se mide por las ventajas inmediatas que obtiene. Se mide sobretudo, por el poder que la acción común confiere a los obreros en lucha : poder sobre la organización del trabajo, sobre la evaluación cualitativa y cuantitativa de las tareas, sobre las condiciones de trabajo, poder para restringir la lógica de la gestión Capitalista y llevarla a la crisis."(3)

(3) Cuadernos de Pasado y Presente - Teoria Marxista del Partido Político/3 - Argentina - Artigo: "Nitradunionistas, ni bolcheviques". - pg. 69.

Pode-se falar, que em termos das reivindicações, os grevistas não conseguiram quase nada. Conseguiu-se o que André Gorz fala acima.

O movimento não foi derrotado, numa visão global.

- 9) Analisando a questão da organização política, do trabalho sindical, do partido político, aparecem mais alguns pontos. A revista dizia que o grupo de esquerda era mais sindicalista, e não discutia a questão do partido. Para a revista, a questão do partido marxista-leninista. Ibrahim:

"...eu reconheço como limitação o fato de não termos uma concepção do papel da vanguarda e do partido. A concepção, que nós aceitávamos era contrária a idéia de partido, propunha a organização político militar."

A revista perguntava:

"Atualmente, como você vê a questão do partido...?"

Ibrahim respondia:

"Creio que para a condução das tarefas revolucionárias, para dirigir a classe, para realizar a aliança operário-camponesa é necessário um instrumento partidário, segundo uma concepção marxista-leninista" (pp. 33 da mesma entrevista).

Como fazer a união dos operários com os trabalhadores rurais, camponeses, estudantes, intelectuais, jovens, minorias sociais, etc? Enfim como promover a discussão, o debate, e tentar encontrar os pontos de consenso, de interesses comuns dentro do conjunto dos explorados?

Os sindicatos, uniões e centrais sindicais são muito limitados para promover essa unificação. Em geral, tem permanecido no terreno econômico, reivindicando apenas salários e melhores condições de trabalho e de vida. Não resolvem as questões políticas mais gerais. Por exemplo, as referentes ao poder político, ao Estado.

E as contribuições trazidas por Marx, Engels, Lenin, Trotski, Mao Tse-Tung, Guevara e outros revolucionários

que se colocaram ao lado do proletariado, na luta contra o grande capital? Os movimentos revolucionários tem trazido muitas contribuições à teoria, e método de construção de partido.

De que partido falava a revista "Unidade e Luta"? De que partido falava Ibrahim?

Um partido marxista-leninista nos moldes da I^a, II^a, III^a ou IV^a Internacionais?

Vai aí um grande debate sobre o partido político revolucionário, e os métodos para construí-lo.

Na época da greve não havia nenhum partido político dos trabalhadores. Havia várias organizações políticas que se diziam representantes do proletariado.

Dez anos depois, em 1978, com as grandes greves operárias do ABC, surgia o Partido dos Trabalhadores - P.T. - de certa forma um dos resultados das lutas mais gerais de 1968, e em particular, das greves de Contagem e Osasco.

A unificação dos trabalhadores e oprimidos, a elevação da consciência, o desenvolvimento da fraternidade e solidariedade, o combate contra o egoísmo capitalista, a educação dos trabalhadores, a promoção e organização da discussão de idéias, o aprendizado da democracia, do coletivismo, o descobrir continuamente a felicidade, a organização de uma disciplina dura e séria de combate, o aprimoramento de idéias e a elaboração de teorias, rumo a uma sociedade, sem explorados, nem exploradores.

Um organismo político que coesione, dê impulsos, crie ímpetos e desperte a força e a vida dos homens, mulheres e todos em geral contra a opressão, o capitalismo e a injustiça.

B) CONSIDERAÇÕES DE FRANCISCO WEFFORT, RICARDO MARANHÃO, ROLANDO FRATTI, ANTONIO GRAMSCI, TROTSKI, JOÃO JOAQUIM, MIRANDA, LEONCIO BASBAUM, MARCIA LEITE E SYDNEY SOLIS

Fazendo a análise da greve de Osasco, Weffort cita as contradições do movimento:

- I - Alta organização do sindicato e da base operária, no plano corporativo, mas essa organização orientou-se para dentro do sindicato, onde deveria atrofiar-se.
- II - Embora organizado no plano corporativo, o movimento caracterizou-se por uma visão tipicamente espontaneísta da política, que acabou por acrescentar às funções corporativas normais do sindicato, outras funções.
- III - O mesmo espontaneísmo político que preparou o movimento, também deu origem ao voluntarismo, que caracterizou a sua eclosão, e acabou por levá-lo à derrota.
Pretendo mostrar que não se trata apenas de paradoxos, mas de contradições reais, que fazem da greve de Osasco um dos casos mais expressivos da crise atual do sindicalismo brasileiro."(4)

Nã havia alta organização do sindicato e da base operária, no plano corporativo. Na verdade, não havia alta organização do sindicato e da base operária, em plano nenhum. O sindicato dos metalúrgicos de Osasco tinha pouca representatividade e inserção dentro da categoria. As assembleias não eram grandes. O sindicato não tinha funções assistenciais: assistência médica, odontológica e outras. E não se movia segundo um espírito de corporação.

(4) Weffort, Francisco C. - Participação e Conflito Industrial: Contagem e Osasco, 1968 - Cebrap, caderno 5, Brasil, 1972. As próximas citações vão se referir a esse texto.

Também a base operária não tinha alta organização, no plano corporativo. A existência da Comissão da CO - BRASMA e outras comissões relativamente independentes do aparelho de Estado e dos patrões demonstrava o contrário: que os operários começavam a ter alguma organização autônoma de classe.

O sindicato foi o centro de tudo e de todos? Ele era realmente o cérebro organizativo, o centro nevrálgico das mobilizações? As diretrizes principais, o planejamento das ações e as decisões políticas mais importantes eram resolvidos no sindicato? Quem decidiu, e como foi decidida a greve? Quem traçou os esquemas de ocupação? Enfim, qual era o organismo de poder no movimento?

Segundo depoimento de Miranda (ver APÊNDICE 2), a greve na BRASEIXOS foi decidida em assembléia, no sindicato, na noite do mesmo dia em que se iniciou a greve na COBRASMA. Sessenta operários da Braseixos decidiram por oitocentos operários, que era o total da fábrica.

Segundo depoimento de João Joaquim, da diretoria do sindicato, e da executiva da Comissão da Cobrasma, havia duas posições a respeito da greve. Havia um grupo que era pela greve em fins de outubro, começo de novembro, época do dissídio coletivo; o outro grupo era pela greve imediatamente. (Logo após as demissões de dois operários que eram da comissão). Era o grupo mais radical. O primeiro grupo venceu. Mas o grupo mais esquerdista começou a organizar a greve, em paralelo, para o mês de julho.

Segundo Ibrahim, a greve na Cobrasma foi planejada pelo comitê clandestino, pela comissão legal, e pelo setor mais avançado da fábrica, ao todo uns duzentos homens. Nas outras empresas, também foram os comitês que prepararam a greve.

Como se vê, o sindicato não era o centro de tudo e de todos. A ação não se desenvolvia apenas para dentro do sindicato. Havia vários centros.

Da entrevista de Ibrahim ainda se vê que havía um Comando Geral e, subordinado a ele, comandos por fábrica.

Tudo feito na mais rigorosa clandestinidade.

As decisões eram, em geral, tomadas pelas cúpulas. O conjunto dos trabalhadores não sabia que ia fazer greve. Era possível, naquela conjuntura, naquela época, que a decisão de greve fosse tomada em grandes assembleias, de toda a categoria? Por que apenas os chamados setores de Vanguarda decidiam pelo conjunto do movimento?

A comissão da BARRETO KELLER era independente do grupo de esquerda, e do sindicato.

Segundo Miranda a greve na LONAFLEX foi forçada, bastante forçada. E nas outras fábricas?

Ibrahim diz que havia um clima geral de greve entre os metalúrgicos de Osasco.

Por que a greve durou então, apenas três ou quatro dias?

Como se vê, vários pontos discordantes.

A contradição a que se referia Weffort: organização sindical corporativa versus organização política independente da classe, era na verdade um dos grandes entraves para o avanço do movimento político dos trabalhadores. Apesar de a nova e combativa direção sindical lutar contra o sindicalismo assistencial, atrelado ao Estado, e colocar-se na perspectiva de um novo sindicalismo, mais independente da estrutura capitalista, e voltado para os interesses e o papel histórico do proletariado na luta de classes, a contradição entre organização autônoma, livre e independente dos trabalhadores versus organização sindical atrelada ao Estado, constituía um grande obstáculo ao progresso do movimento.

Em termos reais do que vinha acontecendo em Osasco, podemos falar que houve tentativas de organização independente de classe. A primeira comissão da COBRASMA foi um embrião de processo organizativo autônomo. Nessa medida, e dentro dessa perspectiva, representava um processo que questionava e se chocava contra a estrutura sindical tradicional. Entretanto, a forte organização sindical oficial, somada a outros fatores, acabaram engolindo, destruindo a nascente organização autônoma dos trabalhadores.

É claro que, quanto mais independentes as comissões de fábrica, e quanto mais independente o sindicato, em relação ao Estado, tanto melhor para a classe operária.

A contradição que levou os trabalhadores de Osasco à relativa derrota, digamos ao fracasso militar foi: um movimento operário ainda débil defrontar-se com uma classe dominante mais forte, que esmagou o movimento.

A estrutura sindical dependente do Estado, a corporação economicista, impedia a livre ação política dos trabalhadores. Um dos problemas colocados para a classe operária e o conjunto dos trabalhadores, na época, era como se organizar politicamente. Realmente, o sindicato dos metalúrgicos acabava assumindo funções políticas não convencionais para uma organização sindical. E vivia a dubiedade: organização sindical e organização política.

Diz Weffort que foi ocorrendo a democratização do sindicato, a politização dos temas econômicos, e a organização corporativa passava a ter traços de organização política. Assembléias de fábrica eram realizadas no sindicato, discutiam e decidiam quase todas as questões de orientação do sindicato:

"Submetido ao controle de uma democracia de massas, o sindicato, ademais, tornava-se bastante forte para olhar com independência as tentativas de influência das organizações políticas, quaisquer que fossem... Por outra parte, parece que as organizações políticas, que eventualmente se aproximaram do sindicato nesse período, eram na realidade, praticamente irrelevantes como organizações operárias, e terminaram por submeter-se ao espontaneísmo." (pg. 69 do texto já citado)

Pelo menos no que se referia à questão da greve não houve a democracia de massas, de que falava Weffort. A greve foi decidida pelas cúpulas, pelas direções. É provável que houvesse vontade da grande maioria em fazer greve, mas não havia a chamada democracia das massas. Havia, claramente, a separação vanguarda-massas. E havia, ou por falta de clareza das direções, ou por debilidade política, ou por circunstâncias repressivas do regime, um fechamento muito grande das "vanguardas". Havia tam

bem muito personalismo, atitudes muito individualistas das direções, e muito autoritarismo. Alguma coisa muito própria de um centralismo burocrático, de estalinismo.

As direções pareciam como que proféticas, donas da verdade, um pouco nas nuvens, olhando do alto de seus pedestais as pobres massas ignorantes e indefesas, a "maioria silenciosa".

Nem poderia haver democracia de massas, numa conjuntura daquelas. Imaginem, numa situação daquelas, discutir em assembléias quantos militantes armados deveriam dar cobertura à ação de ocupação, e outras questões semelhantes.

Quanto à influência das organizações políticas de esquerda, eu acredito que foram muito fortes na greve de Osasco. Segundo Ibrahim, o grupo de esquerda de Osasco estava muito próximo das organizações de luta armada, e várias pessoas do grupo acabaram se ligando mesmo à V.P.R. Então o sindicato não tinha assim tanta independência face às organizações políticas.

Aliás, é mais correto dizer, a diretoria do sindicato não tinha independência face às organizações políticas. Na diretoria do sindicato havia pessoas próximas da Igreja Católica e de outras organizações políticas.

Segundo a entrevista de João Joaquim, a greve foi, de certa maneira, trazida de fora para dentro:

"Os trabalhadores não tinham consciência de seu processo. De que eles é que determinam seu caminho, e não os estudantes. Então, a greve foi mais ou menos organizada por grupos. Não foram os trabalhadores que decidiram fazer uma greve por causa disso, disso e daquilo. Foram grupos externos que chegaram aqui, e disseram: vamos fazer uma greve para barrar o aumento do custo de vida, e conseqüentemente saiu a greve". (Ver APÊNDICE 2).

Havia ainda outros grupos e organizações atuando no movimento, e acabaram exercendo influência: a Frente Nacional do Trabalho - FNT, a Ação Popular, a Dissidência Comunista de São Paulo, outras organizações de luta armada, a IVª. internacional, os dirigentes estudantis de São Paulo, as oposições sindicais, etc.

Weffort continua:

"Do mesmo modo que a massa reunida era o juiz definitivo de todas as eventuais divergências na direção do sindicato, a liderança pessoal de Ibrahim sobre a massa era o princípio de articulação de toda essa mescla organizatória de operários, políticos e estudantes. O sindicato passava a ser o centro de tudo e de todos". (pg. 69 do texto citado).

Novamente, a mesma explicação. A massa reunida não foi o juiz da divergência sobre se a greve devia ser em julho ou novembro. A massa não resolveu essa questão.

O Sindicato era o centro de tudo e de todos?

Por que a greve foi mais organizada na COBRASMA? Por que a Força Pública atacou primeiro a COBRASMA, e só depois houve a intervenção no sindicato? Por que os operários tentaram se reunir depois numa igreja de Osasco? Por que vários dirigentes sindicais foram se ligando a organizações políticas, e alguns perderam a vida nesse processo? Por que havia apenas oitenta operários quando a Força Pública ocupou o prédio do sindicato? Por que houve muita luta dentro da COBRASMA, e a luta entrou noite e madrugada adentro, com feridos dos dois lados, e no sindicato a resistência foi mais fraca?

Segundo a entrevista de Joaquim Miranda (ver APENDICE 2), as assembleias no sindicato não eram grandes na época. Esse é um dado conhecido. A participação sindical, em geral, é baixa, menos em épocas de grande mobilização e grandes decisões. As sedes dos sindicatos são pequenas, mais parecem gabinetes, escritórios, não conseguem abrigar os trabalhadores. Também as diretorias, em geral, não estavam interessadas em mobilizar os trabalhadores. Mas a diretoria dos metalúrgicos de Osasco estava.

Mas, afinal, havia um centro de tudo e de todos em Osasco?

Para os operários mais interessados em política, os ativistas sindicais, militantes, o referencial era a luta armada, as mobilizações de rua, passeatas, a perspectiva da guerrilha rural, as organizações políticas, a derrubada da dita-

dura, uma tentativa de viver melhor, com mais união, a felicidade, o poder....

Talvez, a grande maioria de operários estivesse mais voltada, visse o sindicato como um órgão importante na sua vida. Um organismo que chamava à luta, e poderia defender seus interesses.

O sindicato acabou sendo um aglutinador dos ativistas operários e estudantis, um referencial para as organizações políticas, e um meio de que se valeram para tentar organizar e influir sobre os operários. Foi também, um organismo que, submetido à pressão de base, acabou passando por cima das barreiras da legalidade capitalista.

Mas o sindicato não foi o centro de tudo e de todos, em Osasco. Não havia um centro. Havia vários centros.

A ditadura militar atacou os pontos aglutinadores, os elementos centrais, os pontos chaves do movimento: a COBRASMA, o sindicato, José Ibrahim, e demais diretores do sindicato e dirigentes do movimento, José Barreto, a Igreja Católica, as organizações de esquerda, e o movimento geral de estudantes, trabalhadores, jornalistas, intelectuais, artistas, etc.

A ditadura militar atacou principalmente a liderança da greve, as direções sindicais e os grupos de esquerda, a infraestrutura de apoio, e o movimento operário local, isolando-o. Identificava neles os agentes de mobilização, organização e sustentáculo da greve. Nisso estavam certos.

O sindicato era a instância organizativa legal mais elevada, mais ampla, mais geral de que dispunha o movimento. Era o canal de comunicação entre as organizações de esquerda, os líderes estudantis, os grupos da Igreja, as comissões de fábrica e a grande maioria de trabalhadores.

Mas era, e é sobretudo o instrumento legal, reconhecido, registrado, com pessoa jurídica e local definido, com dirigentes conhecidos, eleitos segundo as normas prescritas pelo Estado capitalista. É a ponte colocada sobre o rio: de um lado as tropas da ditadura, do outro os operários.

Avançando, Weffort falava:

"... Os movimentos de Osasco e Contagem representam em graus diferentes, um mesmo processo de ruptura interna do sindicalismo populista... A ruptura se deu no interior da tradição populista, e foi influenciada por ela. Uma ruptura parcial, portanto." (pg 87 do texto citado).

Esse ponto aparecia também na entrevista de

Ibrahim:

"Estávamos ligados ao movimento de massas, mas bastante comprometidos com as posições de ruptura com o reformismo, de luta armada, que a esquerda começava a levantar. Partíamos de mesma análise de conjuntura que o restante da esquerda...: o governo está em crise, ele não tem saída, o problema é aguçar o conflito, transformar a crise política em crise militar. Daí vinha nossa concepção insurrecionalista da greve: levar a massa, através de uma radicalização crescente, a um confronto com as forças da repressão." (pgs 21 e 22 Entrevista de Ibrahim à Revista Unidade e Luta).

Tentar levar a massa ao confronto militar constituiu uma manipulação, uma variante de populismo, o que alguns chamavam de "reformismo armado". O que havia de novo nesses segmentos da nova esquerda era a ação armada e a ruptura com o partido mãe, o PCB.

Os objetivos da greve apareciam com ambiguidade. Por que foi deflagrada a greve? Quais os motivos reais da greve?

Weffort diz que os reais motivos da greve não estavam claros:

"Planejada para outubro, a greve aconteceu três meses antes, "em condições amplamente adversas"... Embora os motivos dessa antecipação não sejam claramente conhecidos, parece-me que eles não incluem qualquer influência direta ou indireta das razões econômicas. Houve exasperação política. O sindicato de Osasco vinha, desde há algum tempo, realizando sua própria escalada, e estimulado pelo clima político e ideológico de 68, decidiu levá-la até o fim." (pg. 54 do texto já citado).

Ibrahim considera que havia um:

"Clima muito favorável à greve... tínhamos uma visão clara que aquele não era o momento ... nossa posição era fazer o movimento em novembro...

Mas começaram a aparecer, espontaneamente, nas fábricas pichações pedindo greve.... Os elementos de vanguarda das fábricas chegavam no sindicato dizendo que todo mundo só falava em greve, e que já se comentava que todos estavam dispostos a ir à greve, imediatamente, menos o sindicato." (pg. 21, Entrevista de Ibrahim à revista Unidade e Luta)

Segundo a entrevista de Miranda (ver APÊNDICE 2), a greve na COBRASMA era uma exigência, mas nas outras fábricas a greve saiu por contágio, houve solidariedade, inclusive ele diz que na LONAFLEX a greve foi "forçada, bastante forçada".

Na entrevista com João Joaquim Miranda também não ficou muito claro o porque da greve. A demissão de dois operários da COBRASMA, que eram da comissão, foi também um fato importante que apressou o movimento.

Da entrevista com João Joaquim (ver APÊNDICE 2):

"As 3 ou 4 horas da tarde, um funcionário do Ministério do Trabalho apareceu lá, e ficou acertado uma reunião do sindicato. Lá nos propuseram 10 % de aumento, a volta dos dois companheiros, e o resto se discutiria depois, mas não houve acordo. Houve uma tendência do grupo que estava mais interessado nessas reivindicações em aceitar, mas havia um outro grupo, da ala mais combativa da COBRASMA que disse não. Ou os 35% de aumento e todas as demais reivindicações, ou a greve continua".

A greve foi contra o arrocho salarial, pela volta dos dois operários demitidos após o 1º de maio, e contra o governo militar.

A vanguarda do movimento preparava uma greve política, dentro da linha de transformar a crise política em crise militar dentro do governo, e a maioria dos trabalhadores entrava em greve por razões econômicas, contágio ou solidariedade de classe, e rebeldia contra o despotismo no processo de trabalho.

Acontecia uma ambiguidade no desencadeamento da greve: a palavra de ordem "Operários no poder", ou seja, a tomada do poder pelos operários, era colocada na prática. Os operários tomaram a COBRASMA, e se organizaram dentro dela. A ação era ofensiva, nos primeiros momentos, mas logo depois passava à defensiva.

A prática era ofensiva, atacava em profundidade o sistema capitalista e o poder na fábrica e no Estado. Entretanto, as reivindicações apresentadas pelo Comando de Greve eram econômicas.

As palavras de ordem: "operários no poder", "Povo armado derruba a ditadura" e outras, foram lançadas no 1º de maio na Praça da Sé, na Praça da República, nas passeatas, nas manifestações de rua, enfim para o conjunto da sociedade. As formas organizativas, a organização, não acompanhavam a agitação e a propaganda. Havia grande agitação na classe média, grande turbulência: ocupação de universidades pelos estudantes, paralisação de aulas, instalação de comissões paritárias e protestos de rua.

As emissoras de rádio e televisão, a imprensa e as comunicações em geral passavam esse clima de agitação, de rebeldia, de protesto, para toda a sociedade, mas a organização política na classe operária era muito débil, em termos comparativos.

Havia muitos dados novos, novos acontecimentos, fatos que se sucediam com muita pressa, o dinamismo de novas situações era grande, mudanças rápidas. Parecia que os fatos, as ações, iam na frente das reflexões, das idéias preconcebidas, dos tabus, dos mitos. Havia um clima contagiante de mudanças, de coisas novas, de ansiedade, de procura de novos caminhos. Uma parcela significativa de jovens operários também se contagiou, também vivia essa nova realidade.

Chega de conselhos, chega de paternalismo, chega de autoritarismo, abaixo as intermináveis discussões, as ponderações, a segunda guerra mundial já acabou há muito tempo, a família está ultrapassada, há uma nova idéia de amor, uma nova

fraternidade, uma nova comunicação, novas palavras. Vamos viver a vida intensamente! É preciso abrir os corações e as mentes! A poesia está de volta, a música, o cinema, as artes, explosões de emoção contida. Para que tanto racionalismo, tanto cálculo, tanto sofrimento, tanta guerra, tanta violência? Não podemos ter paz e amor? Se é preciso fazer a guerra para ter paz, façamos a guerra!

A juventude tinha pressa para resolver as coisas logo. Queria resolver logo.

Esse clima atingiu fundo muitos operários novos.

Havia mesmo uma ambiguidade, muita coisa no ar, no processo que deu na greve de Osasco. Mas a nova geração, a juventude operária que dirigia a greve de Osasco, não tinha como se desvencilhar de laços tão antigos, e mudar tão bruscamente para uma nova situação: acabava tocando para a frente, passando adiante, reproduzindo, antigas relações de dominação, de machismo, de paternalismo, de autoritarismo, porém não mais de uma forma tão insofismável, tão marcante.

Na negação do velho sindicalismo, dos velhos dirigentes sindicais, do envelhecido PCB, das teorias pseudo-revolucionárias, das traições de dirigentes reformistas e falsos líderes apareciam sinais muito fortes do novo: a guerrilha venceu na China e em Cuba, os novos revolucionários estão vencendo no Vietnã (um pequeno povo vencendo o massacre e a guerra impiedosa do imperialismo norte americano), dez milhões de operários e estudantes em greve geral em Paris, os operários franceses se solidarizavam com os estudantes, a juventude "tcheca" e o povo "tcheco" se levantavam contra a repressão russa. Esses fatos passavam a fazer parte da vida dos novos revolucionários no Brasil.

Mas, o rompimento do novo com o velho, tentando ser uma ruptura total, negava, naquele primeiro momento, naquela época, e dentro daquelas circunstâncias, as experiências do passado, os erros e acertos que os antigos tiveram, a teoria, os métodos, o comportamento e tantas outras coisas. E negava no

concreto, na ação. Partia para a violência revolucionária, para a ação revolucionária direta, para as armas. Sem muita teoria, sem muita discussão, sem muito método. Pelo exemplo. Pelo empirismo. Sem leis científicas. Daquele jeito não deu certo. Vamos tentar deste. Em Cuba deu certo. Aqui também vai dar. Uma certa visão romântica, heróica, profética, e o desejo forte de uma nova experiência.

Continuando a análise, Weffort pergunta se as greves de Osasco e Contagem podem ser consideradas desvios do comportamento padrão do sindicalismo brasileiro, ou sintomas, indícios, de novos rumos para o movimento sindical:

"... os dois casos estudados devem ser tomados menos como "desvios" a um padrão de dependência estabelecido pelo passado, que como uma indicação aproximada do tipo de resposta, a que tenderam os setores de ponta da classe operária, diante de suas novas condições de existência." (pg. 90 do texto citado)

"... parece ser útil uma comparação com a greve de 1953 onde tem suas origens o processo de formação do sindicalismo populista. A greve de 1953 nasceu de uma conjuntura política de independência do movimento operário, do mesmo modo que as de Contagem e Osasco. Porém, acabou conduzindo à dependência do movimento sindical por meio da estrutura dual, e também por meio da formulação de uma política de colaboração de classes. Os movimentos de 1968 foram um pouco mais longe, no caminho da independência. Apesar da grande influência populista, que se pode observar em seu desenvolvimento, formaram alguns embriões de organização autônoma pela base da classe operária (as "comissões"), não pela cúpula da burocracia sindical, como era próprio das "organizações paralelas". Mais que isso, colocaram em causa, contrariamente ao que se observou em 1953, a significação real da estrutura sindical oficial, herdada da ditadura Vargas" (pg. 92 do texto citado)

O Movimento Intersindical Antiarrocho - MIA não foi uma organização paralela, apesar de durar tão pouco? A meu ver o MIA surgiu como decorrência do movimento em dois senti

dos opostos, duas articulações que se combatiam entre si: os pelegos, dirigentes sindicais de federações e órgãos da cúpula sindical, e dirigentes reformistas ligados ao PCB de um lado; e de outro, a nova liderança sindical, cuja expressão maior eram as oposições sindicais e o grupo sindicalista de Osasco. Os primeiros, do lado dos patrões, ou fazendo a política de colaboração de classes, caso do PCB, e os segundos representando, bem ou mal, as novas posições de combate à ditadura e mais próximos das bases do movimento operário.

O M.I.A. acabou sendo um organismo de duas caras, tentando servir as duas classes antagônicas, os patrões e os trabalhadores. A força do movimento de base acabou por romper essa tentativa de manobra e o M.I.A. se dissolveu, próximo ao 1º de maio de 1968. Foi mais uma "organização paralela", ou organização complementar sindical com pequena penetração junto aos trabalhadores, porém com a diferença que não estava sob nítido controle populista. No início quem dirigia o organismo eram os pelegos, reformistas sindicais ligados à patronal. Mas nas últimas concentrações promovidas pelo MIA, a direção estava com as oposições sindicais e o grupo de novos sindicalistas de esquerda. O MIA não era uma coisa nova. Nem as comissões de fábrica. O que havia de novo? Em 1936 foram criadas algumas Comissões de empresa, que depois, em 1937, se engajaram na campanha de José Américo de Almeida:

"Poucos meses após o "35" surge uma circular interna, determinando que dado o controle policial dos sindicatos pela cúpula, devia-se fazer centro no trabalho com as comissões de empresa. Nelas não só se discutiriam as reivindicações especificamente operárias, mas também os problemas políticos gerais, informações, etc...

O importante é que, apesar das limitações, a classe operária, guiada pelo seu pequeno partido, não entregou os pontos. Luta e se organiza em nível mais alto que antes: mas comissões de fábrica, nos comitês de "Socorro Vermelho" e, posteriormente nos comitês pró José Américo de Almeida à

presidência da República...."(5)

Os comitês de "Socorro Vermelho" eram organismos políticos que serviam à organização partidária, no caso ao PCB. (O "35" é o levante de novembro de 1935; circular interna - leia-se: circular interna do P.C.B.)

Falando sobre greve de 1953 diz Rolando

Fratti:

"Essa greve, como todos os episódios da luta de 1953 até 68, apesar de ter sofrido um enfraquecimento com o golpe de 64, nasceu nas empresas. E por que? Ao ser posto fora da lei o Partido Comunista em 1947, foram cassados todos os mandatos dos parlamentares eleitos na sua legenda; todos os sindicatos e cooperativas operárias foram ocupadas e saqueadas pela polícia; interventores e juntas governativas foram nomeados pelo Ministério do Trabalho, para dirigirem os sindicatos. Somente seis anos depois, isto é, em 1953, foram realizadas eleições gerais nos sindicatos em todo o país. Assim, dada a inexistência de qualquer possibilidade de trabalho de cúpula, ganha corpo a organização de comissões sindicais nas empresas, principalmente nas metalúrgicas, ferrovias e outras grandes empresas."(6)

Então, essas comissões eram organizadas e dirigida pelo PCB. Não eram organismos realmente classistas, representativos de toda empresa e não defendiam os interesses de classe, pois foram formados na linha de colaboração de classes.

O que há de novo nas comissões de 1968 é a sua postura sindical, sua atitude de ruptura e independência em relação ao passado, a perspectiva de um novo rumo para o movimento operário: a organização e mobilização brotando desde dentro das empresas, locais de trabalho e daí caminhando para a tomada

(5) Rolando Fratti: "Contribuição ao estudo do movimento Operário Do levante de 1935 à Constituinte de 1946." Revista Debate nº 20. São Paulo. 1976.

(6) _____: "Contribuição ao Estudo do Movimento Operário - Da greve de 1953 ao golpe Facista" - Revista Debate - Setembro de 1976. pg. 28.

dos sindicatos "das mãos dos pelegos, interventores e agentes da burguesia. Tentava-se combinar o trabalho nas comissões, nas fábricas, com a atuação nos sindicatos.

Davam grande ênfase à organização de baixo para cima, dentro da classe, dos locais de produção para os aparelhos externos à classe. De alguma maneira procuravam implementar, criar organismos independentes de trabalhadores. As comissões de empresa eram propagandeadas com grande força, e procuravam manter independência orgânica e política em relação às organizações políticas de esquerda, ao sindicato e ao Estado. Mas os primeiros organizadores das comissões clandestinas foram operários dissidentes do PCB, que discordavam da linha do partido. Portanto, apesar de sua nova concepção de organização independente de classe, essa mesma concepção nascia influenciada pelos antigos métodos, teoria e prática desenvolvidos anteriormente. Na aparência o rompimento foi definitivo, mas historicamente não foi.

Continuando a análise das comissões de fábrica anteriores a 68, é bom lembrar:

"(...) uma importante experiência do movimento operário brasileiro, de 1948 a 1950; a das "associações paralelas" ligadas à "comissões de fábricas". O movimento operário daquele período, duramente reprimido pelos acontecimentos que se seguiram à cassação do PCB, em maio de 1947 (intervenção em mais de 400 sindicatos, prisões de líderes, clandestinidade dos representantes políticos sindicais) tendeu a centrar nas "comissões", a maioria das quais tinha sido formada no curto intervalo democrático de 1945 - 1947, a sua luta... Entretanto, a esquerda operária, cuja única expressão orgânica era o Partido Comunista Brasileiro - PCB, marginalizada da política e dos sindicatos, resolveu vincular as "comissões" a um tipo de sindicato paralelo, as associações civis de trabalhadores. Os depoimentos de antigos militantes sindicais mostram que tais associações não conseguiam aglutinar a classe, eram duramente reprimidas, só congregavam uma pequena minoria de militantes de vanguarda e desenvolviam movimentos grevistas "externos" às ba-

ses.”(7)

Também na greve de 1963, houve experiências de comissões nas fábricas:

“... a proposta da greve baseava-se em dois pontos fundamentais: a unificação dos acordos e a garantia do livre exercício dos delegados sindicais no local de trabalho.... No que diz respeito ao reconhecimento dos delegados sindicais (...) a proposta significava um passo importante, no sentido de forjar uma organização da classe pela base, uma vez que visava à organização dos trabalhadores na fábrica, através do delegado sindical (...) entretanto, também essa proposta restringia a organização sindical, na medida em que vinculava a organização dos trabalhadores na fábrica ao sindicato (...). Dessa forma, ela se mantém dentro dos limites do trabalho sindical, vinculando, inclusive, as comissões de fábrica (que aliás já começavam a existir para discutir os problemas específicos das empresas) ao sindicato (...) aos olhos dos dirigentes sindicais a questão da organização era compreendida sempre dentro dos limites do sindicato (...) segundo entrevistas com vários operários que participaram da greve, o movimento (...) foi organizado pelos sindicatos através dos delegados sindicais, que faziam intermediação entre os operários e os Sindicatos. Na medida em que os operários eram “preparados” para a greve, eram encaminhados ao sindicato e às discussões, que lá se realizavam, não surgindo tentativas de organização da base a nível das empresas”(8)

(7) Ricardo Maranhão: “Sindicato X Comissões de Fábrica: uma falsa alternativa.” - Revista Cara a Cara, pg. 155 - Julho/Dezembro de 1978. SP.

(8) Márcia Paula Leite e Sydney S. F. Solis: “O último vendaval: a greve dos 700.000” - Revista Cara a Cara - Julho/Dezembro, 1978 - SP.

E citando Antonio Gramsci:

"As contradições da organização sindical se explicam, pelo fato de que os sindicatos de ofício, as Câmaras de trabalho, federações industriais, a confederação geral do trabalho constituem o tipo de organização proletária específica do período da história dominada pelo capital." Por isso mesmo o movimento operário não pode repousar sobre o sindicato. "A natureza essencial do movimento é competitiva.... o sindicato não pode, pois, ser um instrumento de renovação radical da sociedade" "... (9)

"As relações que devem existir entre o partido político e o Conselho de fábrica, entre o sindicato e esse mesmo conselho nascem implicitamente dessa explicação: nem o partido, nem o sindicato, devem ser colocados como tutores, nem como superestruturas já constituídas dessa nova instituição, na qual toma forma histórica e controlável o processo histórico da revolução, mas devem ser instalados como agentes conscientes de sua libertação pelas forças de pressão que se resumem no Estado burgues, devem se propor a organizar as condições externas gerais (políticas), nas quais o processo de revolução adquire sua máxima celeridade, nas quais as forças produtivas encontram a máxima expansão." (10)

Ou seja, as relações entre conselhos de fábrica, sindicato e partido devem se dar ao nível das forças produtivas dentro de um processo histórico de libertação, de crescimento da consciência, rumo a uma sociedade sem exploradores e explorados.

(9) idem. A citação dentro da citação é de Antonio Gramsci: "Consejos de Fábrica y Estado de la Classe Obrera" - México - ano de 1973.

(10) Antonio Gramsci - "Consejos de Fábrica y Estado de la Classe Obrera" - México 1973. Trabalho já citado pgs. 140 - 143.

As relações comissão de empresa - sindicato - partido devem favorecer ao proletariado, aumentar sua coesão, sua solidariedade, sua consciência de classe, libertando-o do rígido espírito competitivo, egoísta e tirânico do capitalismo. E continua:

"... o conselho realiza a unidade da classe trabalhadora, dá às massas uma coesão e uma forma da mesma natureza que a coesão e a forma que a massa adota na organização da sociedade.... no Conselho estão representados todos os ramos do trabalho, proporcionalmente à contribuição, que todo ramo do trabalho presta à elaboração do objeto que a fábrica produz para a coletividade... sua razão de ser radica no trabalho, na produção industrial, quer dizer em um fato permanente, e não apenas no salário, na divisão de classes, ou seja, num fato transitório, e que se quer precisamente superar....

A existência do conselho confere aos operários a responsabilidade direta da produção, leva-os a melhorar seu trabalho, instaura uma disciplina consciente e voluntária, cria a psicologia do produtor, do criador, do criador da História...

O Conselho é o órgão mais idôneo de educação recíproca, e de desenvolvimento do novo espírito social que o proletariado conseguiu extrair da experiência viva e fecunda, da comunidade de trabalho..."(11)

As comissões de fábrica em Osasco foram apenas o começo, a semente lançada em solo fértil, talvez, podemos dizer, os embriões de futuros conselhos, vistos na perspectiva de Gramsci.

As comissões de fábricas de 1936, 1946, da época das greves de 1953 e 1963 não estavam nessa perspectiva. Foram comissões criadas de fora para dentro da classe, tuteladas pelo P.C.B., dentro de seu programa e seus interesses. Ou então sob tutela dos sindicatos.

(11) idem, pgs. 141 e 142

Não foram comissões autônomas, independentes, que fortaleceram a organização da classe operária.

Foram organismos partidários criados dentro da classe, estranhos à ela, e que não serviram à libertação histórica do proletariado.

O primeiro comitê da COBRASMA pode, de certa forma, ser considerado um organismo autônomo da classe. Surgiu de forma independente, livre, sem influência direta de partidos, sindicatos ou instituições. Surgiu de dentro da fábrica.

Mas a primeira comissão legal, na COBRASMA, já tinha influências externas, da FNT, do grupo de esquerda, e talvez de outras organizações.

A segunda comissão da COBRASMA, eleita em eleições diretas na fábrica, também era uma composição de forças políticas, mas segundo depoimentos de Ibrahim, João Joaquim, Miranda e as análises de Weffort era uma comissão bastante representativa.

As outras comissões foram criadas sob influência direta do sindicato dos Metalúrgicos de Osasco.

A 1ª comissão da Cobrasma surgiu, de certa forma na perspectiva exposta por Gramsci. Poderia, de certa forma, ter crescido mantendo sua autonomia.

Era apenas a comissão de uma fábrica. Poderia ser vista como um futuro embrião de alguma coisa maior?

Poderia ser vista como embrião de um organismo de poder dual dentro da sociedade, um conselho de fábrica de poder dual, dos períodos revolucionários?

O proletariado mundial tem feito várias experiências nesse sentido. Não foi o que ocorreu em Osasco.

Os "soviets", na revolução russa de 1917, foram uma expressão disso.

No Chile, em 1972-73, algo como cordões industriais, talvez embriões de futuros conselhos.

Ou os grandes conselhos das épocas de ascenso, e de grande movimento de massas na década de vinte na Alemanha e Itália.

Podemos ver as comissões de fábrica em Osasco como sementes lançadas, talvez embriões de organização mais profunda, mais sólida, mais representativa para o movimento de massas.

O que havia de novo no movimento operário? O que significaram para o movimento de massas, e o conjunto da sociedade, as comissões operárias de Osasco? O que significava a nova liderança jovem, relativamente apartidária, independente e rebelde, e com idéias novas que surgia em Osasco e outros pontos do país?

A pesquisa feita permitiu levantar a existência de comissões nas fábricas em 1936, no período 1945-1950, na greve de 1953, em 1963 e em 1967-1968. Qual a diferença entre as comissões de 1936, 1946, 1953, 1963 e 1968?

1946, 1953, 1963 e 1968 foram anos de mobilização social, de ascenso no movimento de massas e de acontecimentos políticos notáveis. O proletariado viveu nesses anos importantes experiências.

Foram períodos de muitas e importantes greves, ou greves nem tanto de importância quantitativa, mas qualitativa.

E em 1936? Pode-se falar que houve mobilização, pode-se falar de movimento operário na época?

Houve a tentativa da A.N.L. - Aliança Nacional Libertadora e do PCB, em fazer o levante armado de novembro de 1935. Mas é decretado o estado de sítio, ainda em 1935 e desencadeia-se, em 1936, uma repressão pesada contra o movimento. Em 1937 é implantado o "Estado Novo", quer dizer uma severa ditadura antipopular e antioperária.

1936 foi um ano de baixa atividade sindical e política, dentro da classe operária. Mas de 1931 a 1935 houve muita movimentação na sociedade, em geral.

Leoncio Basbaum dizia:

"...nos primeiros dias de maio (em 1932), uma greve geral havia abalado a cidade, envolvendo cerca de 200 mil trabalhadores da

capital de São Paulo, a quase totalidade da classe operária da época. A greve fora esmagada a ferro e fogo. Líderes sindicais sem partido, e outros comunistas, entre os quais o autor, e não comunista, como Righetti, líder do poderoso sindicato dos Tecelões, foram presos, e embarcados para o Rio em vagões destinados ao transporte de gado..."(12)

Basbaum vai comentar a chamada "Revolução Constitucionalista de 9 de julho de 1932":

"Quando as forças federais iniciam o bombardeio de São Paulo, 31 organizações se dirigem em carta aberta ao Ministro do Interior, protestando. Dessas, só uma organização operária: o Sindicato dos Gráficos. As maiores organizações operárias e as politicamente mais importantes, textéis, ferroviários, metalúrgicos, sapateiros, marceneiros, construção civil, etc., não tomaram conhecimento da luta..."(13) (luta contra as forças federais).

As comissões de 1936, de que fala Rolando Fratti em seu trabalho, surgiram nesse mesmo ano de 1936, porque os sindicatos estavam controlados pela polícia, não havia como trabalhar lá dentro, e então o PCB orientava seus militantes a trabalhar nas bases.

Até onde pude pesquisar, e com os dados que levantei, as comissões de 1936, 1946, 1953 e 1963 tinham pouca representatividade, e pouca inserção dentro da classe operária.

A comissão da COBRASMA foi diferente. Tinha representação em todas as seções da fábrica, uma prática de luta cotidiana em defesa dos interesses dos operários e uma história longa de clandestinidade - legalidade. E tinha, a nível municipal e regional um reconhecimento e uma força de organização e mo

(12) Leoncio Basbaum: "História Sincera da República - de 1930 a 60" pg. 48 - Editora Alfa Omega - SP.

(13) idem pg. 47 - 48

bilização sindical e política: uma novidade na história do movimento operário no país.

Dizia Trotski:

"Durante uma época de transição o movimento operário, não tem um caráter sistemático e bem equilibrado, mas febril e explosivo... As greves com ocupações de fábricas, a última manifestação desse tipo de iniciativa, ultrapassaram os limites da conduta capitalista "normal". Independente das reivindicações dos grevistas, a ocupação temporária das fábricas golpeia o ídolo da propriedade capitalista.

Toda greve com ocupação coloca de maneira prática a questão de saber quem é o dono da fábrica: os capitalistas ou os operários.

Se a greve com ocupação levanta esta questão episódicamente, o comitê de fábrica lhe dá uma expressão organizada. Eleito por todos os operários da fábrica, o comitê cria imediatamente um contrapeso à vontade da administração.....

Se o comitê de fábrica cria um poder dual na fábrica, então os "soviets" (conselhos) iniciam um período de poder dual no país...

...Os "soviets" só podem nascer num momento em que o movimento de massas entra numa etapa abertamente revolucionária...

O poder dual...é o ponto culminante do período de transição. Dois regimes, o burguês e o proletário seopõem irreconciliavelmente. O choque entre eles é inevitável. O destino da sociedade depende do resultado..."(14)

Em Osasco a ocupação não foi além da COBRASMA e da LONAFLEX. A vanguarda queria que a greve se alastrasse, no rumo de uma greve geral dos trabalhadores, transformando a crise política do governo em crise militar. Daí, partir para o confronto aberto, e derrubar a ditadura militar. A estratégia política e militar da nova vanguarda havia falhado.

(14) Leon Trotski: "A agonia mortal do Capitalismo e as tarefas da IVª. Internacional - O Programa de Transição" pgs. 16, 32 e 33 - SP - 1978.

Não se vivia uma etapa abertamente revolucionária na sociedade. Nem havia forte trabalho de base em outras fábricas, em outras cidades, ou mesmo na cidade de Osasco.

A ocupação não chegou a São Paulo, ao ABC, ao Rio de Janeiro, a Minas Gerais, ao Nordeste, ao Norte e Sul do País. O destino da Sociedade não estava em jogo. A burguesia de tinha o poder político - militar.

A nova esquerda tinha poucas bases organizadas. Tinha muita imaginação e criatividade. Lançou muitas sementes. Permitiu a abertura de um novo estilo de trabalho. 1968 permitiu ver claramente, nitidamente e cristalino um novo caminho, um novo sindicalismo, uma nova relação base-vanguarda.

Discutia-se agora a estrutura sindical. Questionava-se o velho sindicato.

O sindicato não era o centro de tudo e de todos.

E as associações de bairro, os conselhos de moradores?

A autonomia sindical passava a ser um assunto que preocupava o movimento sindical.

Estava lançada, e se discutia, a idéia de organização independente da classe.

Foi possível ver a prática cotidiana do PCB, do PC do B, de outras organizações políticas, da Igreja Católica, etc., que passavam sistematicamente por cima das entidades sindicais e do movimento de massas, feriam a democracia do conjunto dos trabalhadores, assumiam posturas doutrinárias e de seitas fechadas, manipulando os interesses da maioria, e tentando passar a todo custo seus programas, suas palavras de ordem, enfim suas estratégias.

VI - NOVAS PERSPECTIVAS PARA O MOVIMENTO OPERÁRIO ?

"Os trabalhadores não tinham consciência de seu processo. De que eles é que determinam seu caminho, e não os estudantes."

(João Joaquim, operário metalúrgico da COBRASMA)

"Durante as lutas operárias de 1968, os movimentos de base reprovaram nos partidos comunistas não apenas sua degeneração burocrática, ou suas opções reformistas; também criticaram a idéia mesma de partido, de organização política estruturada da classe. Quando o movimento de base sofreu um refluxo, muitos grupos "esquerdistas" voltaram a dar ênfase, contra o espontaneísmo, à organização preconizando o retorno a um leninismo "puro"...."

Pensam que apenas se pode criticar o espontaneísmo com a condição - e aqui reside o ensinamento de 1968 - de ver que a maturidade subjetiva da classe exige hoje uma nova forma de organização, adaptação às necessidades da luta...."

(Jean Paul Sartre - Discussão entre Sartre e a direção de "II Manifesto". Artigo: "Massas, Espontaneidade, Partido" em "Teoria Marxista del Partido Político". Cuadernos de Pasado y Presente. Buenos Aires 1973.

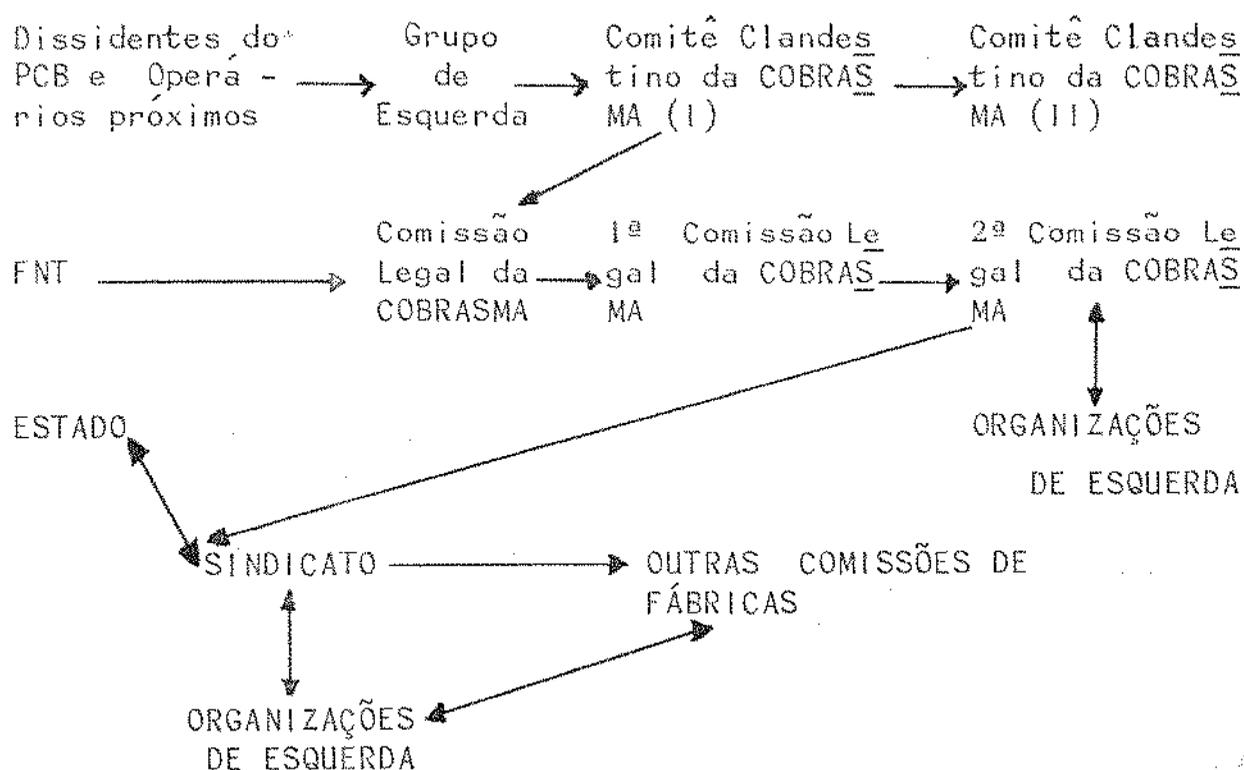
1 - As comissões de fábricas de 1936, 1946, 1953 e 1963 eram subordinadas ao P.C.B., a sindicatos, ou a outros esquemas populistas. Não foram organismos autônomos. Não defendiam os interesses do proletariado, pois atuavam na linha da colaboração de classes. Apesar de terem surgido em conjunturas de relativa mobilização da classe operária, com o desenrolar das lutas acabaram perdendo sua autonomia inicial.

2 - As comissões de fábricas surgidas em 1968, em Osasco, tem uma história diferente. O comitê clandestino da COBRASMA surgiu de forma mais ou menos independente, fora da influência do sindicato, ou outras organizações. Tinha a influência de ex-militantes do P.C.B., que discordavam da linha do Partido, mas traziam ainda coisas do P.C.B. (teorias, práticas, métodos). A primeira comissão legal da COBRASMA contava com elementos da Frente Nacional do Trabalho-F.N.T., do grupo de esquerda, e outros operários. A segunda comissão legal também. Essas duas comissões eram independentes do sindicato.

As outras comissões, incentivadas e formadas depois que a oposição sindical ganhou as eleições para o sindicato dos metalúrgicos de Osasco, já nasceram sob influência do sindicato, da comissão da COBRASMA, da F.N.T., do grupo de esquerda, e de outras organizações de esquerda: AP, POLOP, V.P.R., IVª Internacional, ALN, etc. Também não eram comissões autônomas.

Pelo que pude pesquisar, a comissão da BARRETO KELLER era independente das demais. Resta perguntar até onde ia a sua independência.

As comissões de 1936, 1946, 1953, 1963, 1968 e 1978 são todas diferentes entre si. O que se pode falar é que em 1968 abriu-se um leque de possibilidades, alternativas e caminhos para o movimento operário. Um esquema ilustrativo mostra as diferenças:



Em 1968 não havia apenas uma relação organização política ↔ comissões, ou sindicato ↔ comissão, havia várias relações paralelas, indiretas, uma mescla de influências, num processo mais complexo que nos períodos anteriores (1936, 1946, 1953 e 1963).

Havia uma variedade de relações entre o movimento operário e organismos fora dele, externos ao movimento operário.

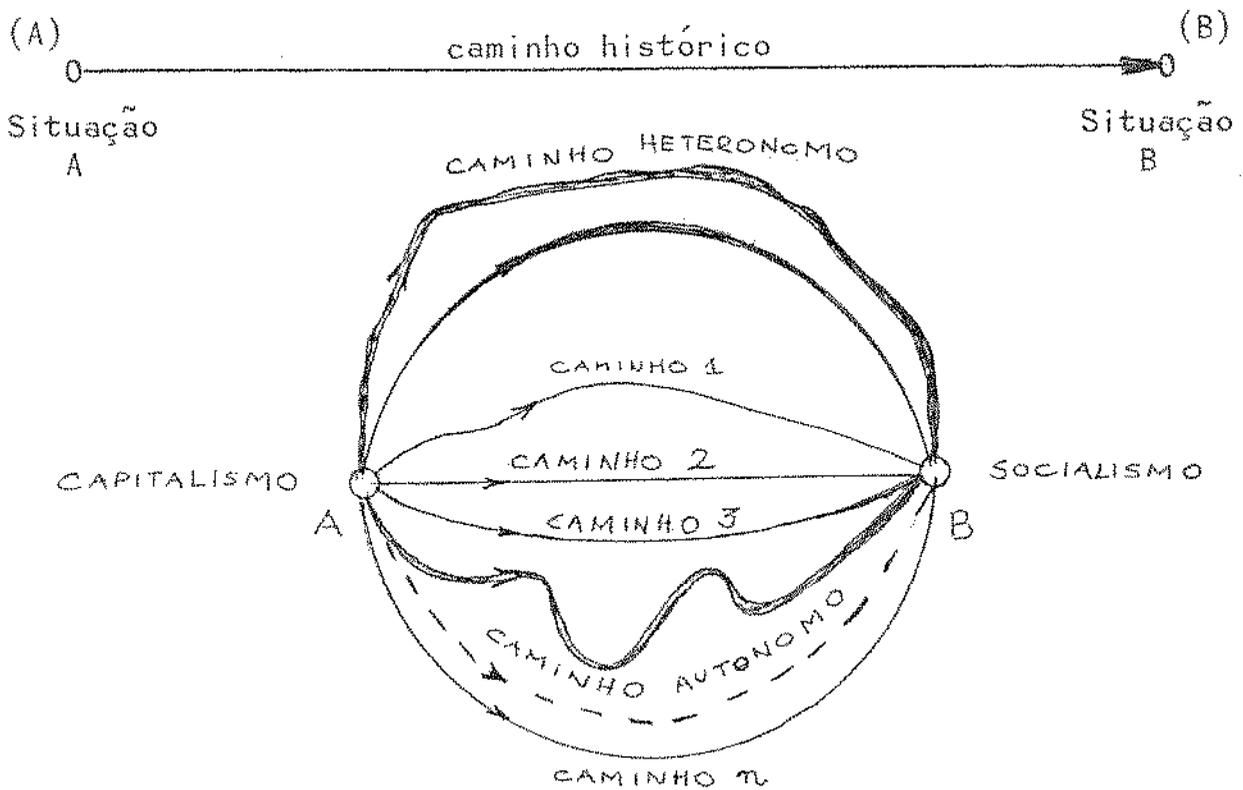
E a classe operária também não era um todo homogêneo. Ela tinha múltiplas variedades, internamente: agrupamento de jovens, de operários negros, de grupos de mulheres, de operários ferramenteiros, torneiros mecânicos, operários de máquinas das linhas de produção, chefes, mestres, contramestres, etc. Como tinha também parcelas ligadas ao P.C.B., à A.P., à V.P.R., à IVª Internacional, grupos de vanguarda, e grupos não ligados a nada, etc.

Talvez se pudesse falar que a classe operária vivia um processo heterônimo. Será que o caminho histórico da classe operária é único, do capitalismo para o socialismo? Será que existe, é possível a classe operária seguir uma trajetória histórica autônoma? Não existe a autonomia absoluta. A auto-

nomia é um conceito relativo.

E a heteronomia? Se a classe operária é formada por vários setores, ou parcelas de categorias, várias estratificações históricas, sociais e políticas diferentes, então o "fazer-se a si própria", o "auto construir-se" enquanto movimento social e político é um fenômeno que vai se desenvolver segundo vários caminhos históricos.

Os desenhos abaixo ilustram o pensamento:

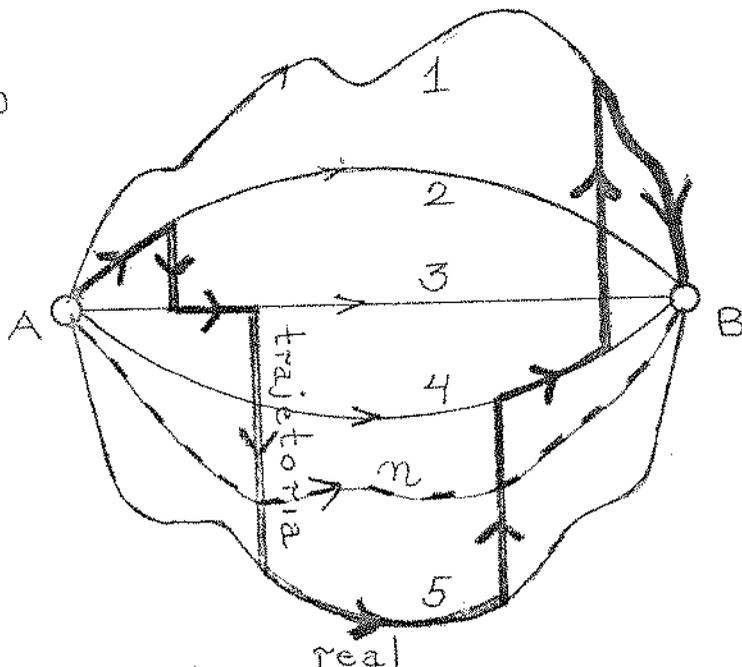


TRAJETÓRIAS POSSÍVEIS PARA O MOVIMENTO OPE

RÁRIO

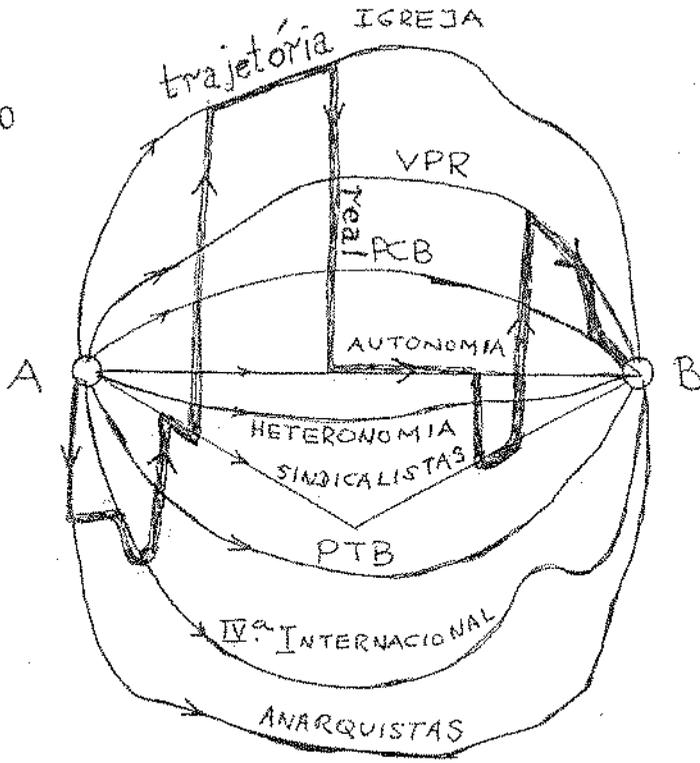
1) CAPITALISMO

SOCIALISMO



II) CAPITALISMO

SOCIALISMO

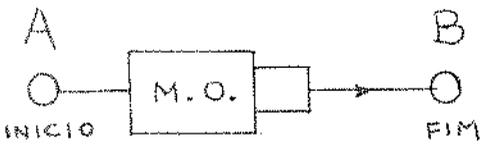


REPRESENTAÇÃO DA AUTONOMIA E DA NÃO AUTONOMIA

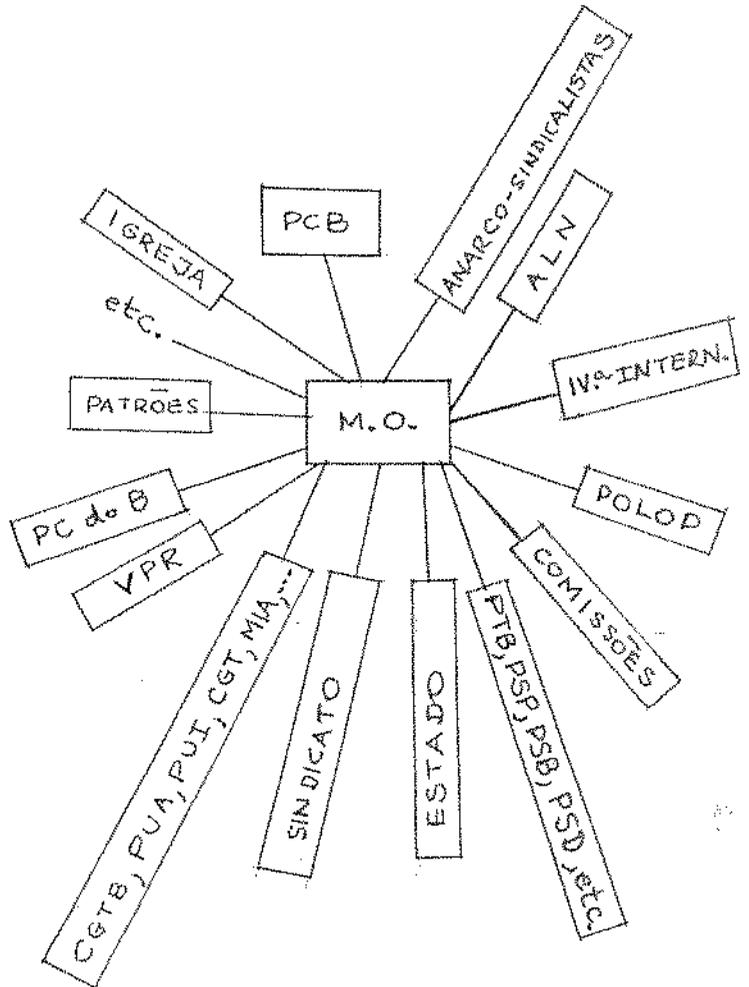
MIA

AUTONOMIA

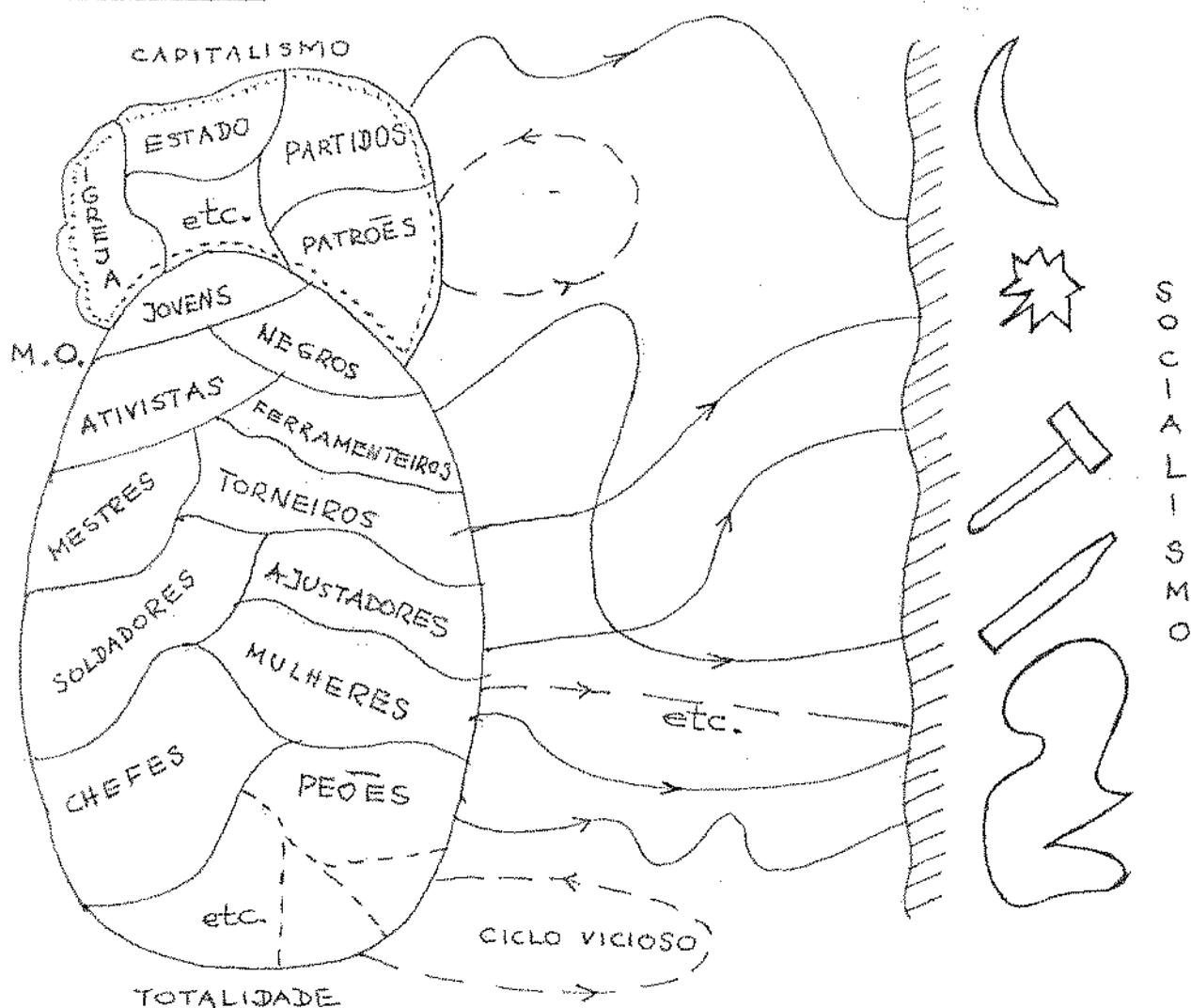
NÃO AUTONOMIA



O movimento operário se auto-construindo



HETERONOMIA



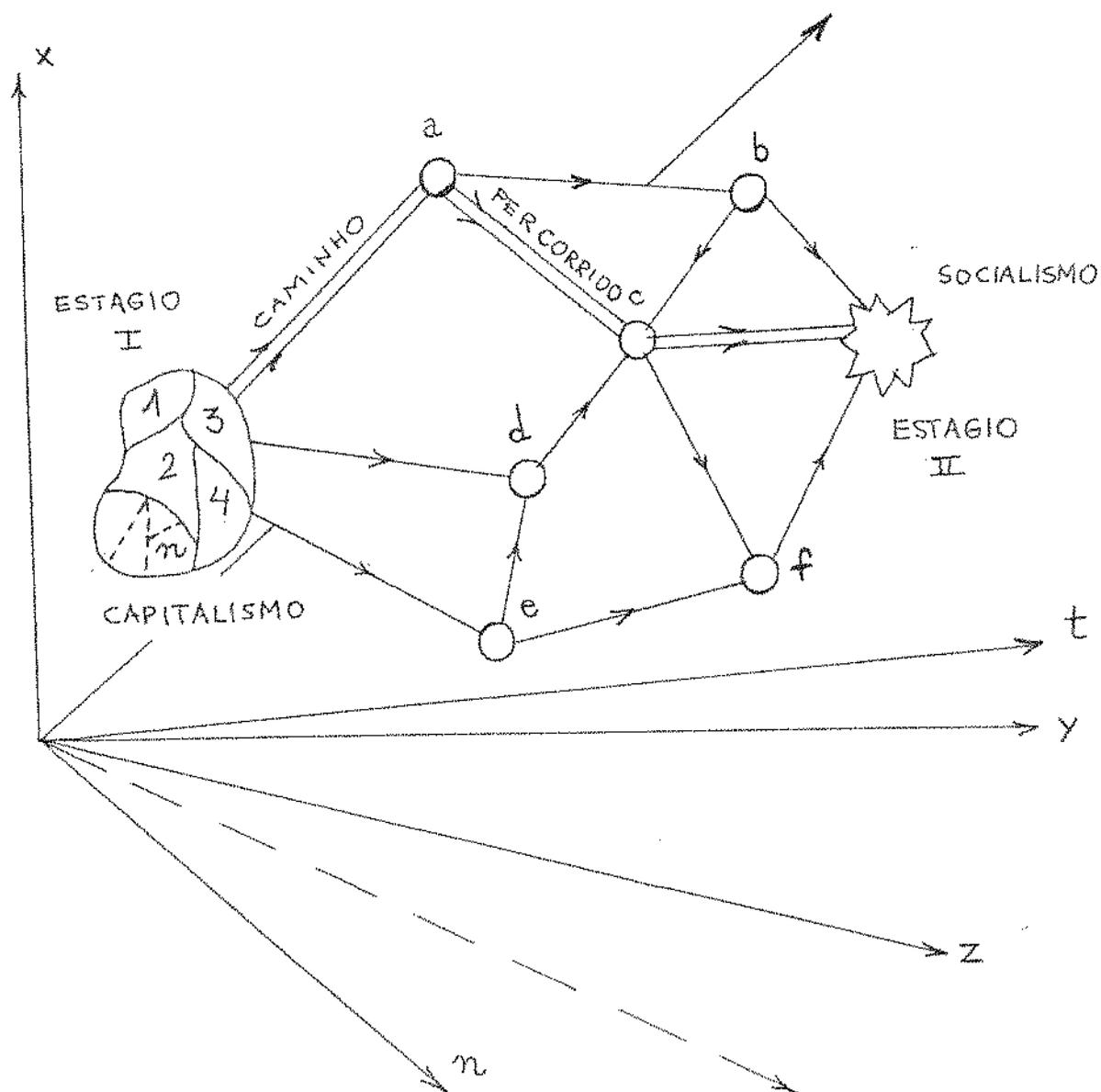
Muitas vezes olhamos o movimento operário como uma coisa só, uma realidade única. Não analisamos dentro dele os vários grupos a que nos referimos. É provável que esses grupos, essas variedades, essas minorias, ou particularidades dentro do todo tivessem uma dinâmica e vida próprias, questões específicas, que se iriam expressando, segundo diferentes formas, um desabrochar de variedades, manifestações de heteronomia do todo, do conjunto do movimento operário.

Se essas múltiplas variedades e articulações se somassem no rumo da libertação de classe, se tivessem sido levadas em conta na proposta de organização independente de classe, o movimento grevista teria sido mais sólido.

Não existe uma trajetória histórica absoluta autônoma para a classe operária, no processo de transição do capitalismo para o socialismo. O que ocorre é uma trajetória não linear, cheia de altos e baixos, de erros e acertos, de combina-

ções de múltiplas possibilidades, etc.

Lançando mão de uma visão sistêmica, da teoria de sistemas, podemos analisar o esquema:



Os eixos x, y, z, t, \dots, n do sistema cartesiano representam as variáveis, os fatores, que interferem na trajetória político-histórica da classe trabalhadora: as condições de vida e trabalho, a consciência de classe, o tempo, a organização social e política, as conjunturas, a ideologia e a política das classes dominantes, etc.

Os nós a, b, c, d, e, f, \dots , etc simbolizam os marcos históricos, as discontinuidades, eventos políticos im

portantes na história política da classe trabalhadora no país (as grandes greves de 1953 e 1963, as revoluções de 1905 e 1917 na Rússia, a Fundação do partido comunista no Brasil em 1922, o atrelamento dos sindicatos ao Estado e as lutas operárias de resistência a partir de 1930, etc)(1)

A trajetória histórica da classe trabalhadora do estágio CAPITALISMO para o estágio SOCIALISMO poderia (e pode) seguir várias alternativas, várias possibilidades, várias estratégias políticas. Pode-se observar que uma vez atingido o objetivo SOCIALISMO, a classe trabalhadora terá percorrido um único caminho. Do Estágio I (Capitalismo) para o Estágio II (socialismo) o caminho percorrido foi através de (I a c II) Poderia ter sido através de (I e d c II) ou (I a b c II) e assim por diante.

O caminho real que a classe vem percorrendo começa com os movimentos primitivos dos escravos negros e indígenas aprisionados, com a constituição gentílica primitiva (tupis, guaranis, ges, tapuias, cariris, nhambiquaras, xavantes, bororos, etc.), o processo de colonização e escravismo, as rebeliões populares da época do Império e do período regencial, as formações sociais do período republicano. Do final do século dezenove até 1920-1930 a classe trabalhadora recebeu uma forte influência anarco - sindicalista. Nos anos vinte o anarquismo começa a entrar em declínio. O Partido Comunista, fundado em 1922 vai ser um marco na história da classe operária. Nas décadas de vinte e trinta o Estado vai tentando liquidar os sindicatos livres, o que consegue efetivamente com a ditadura do ESTADO NOVO. Do ponto de vista sindical, o movimento operário passará a gravitar em torno do chamado sindicalismo populista de ESTADO. Se o PCB,

(1) Sobre o atrelamento sindical e a resistência operária à implantação do sindicato corporativo consultar: Mendes Jr, Antonio e Maranhão, Ricardo (organizadores). Brasil História - Vol. 4-Era de Vargas. Cap. LXXXVII: O movimento operário e a revolução de 30, de Francisco Foot Hardman. Brasiliense. SP. 1982.

os anarquistas, trotsquistas e sindicalistas independentes se o puseram decididamente contra a perda da autonomia sindical, agora o PCB vai levar adiante sua política de colaboração de classes. O PTB, de ideologia trabalhista, contribui nesse processo de atrelamento sindical.

O processo que desembocou na greve de ocupação em Osasco, em 1968 tentou romper essas amarras, no rumo de conseguir maior autonomia para o movimento operário. O sindicato dos metalúrgicos de Osasco passou a desempenhar um papel político ultrapassando os limites da legislação sindical. A organização de comissões de fábrica, dentro de uma concepção de independência de classe, significou uma nova tomada de consciência. A ocupação da COBRASMA também demonstrava uma nova postura. Os operários da COBRASMA viviam uma experiência diferente. A greve não era mais uma greve de piquete. Era uma forma mais avançada de luta. Os operários entraram em choque com a polícia dentro da fábrica. A polícia invadiu a fábrica, e houve intensa luta corporal pela noite e madrugada adentro, com vários operários e policiais feridos. A nova liderança operária era antiimperialista, antipatronal, e defendia projetos socialistas diferentes. Alguns líderes se identificavam com a proposta da V.P.R. - Vanguarda Popular Revolucionária, outros eram próximos da esquerda católica, em geral defendiam a luta armada e evoluíam no sentido do marxismo, do leninismo, ou defendiam idéias maoístas, trotsquistas, sob influência da guerrilha cubana.

3 - Pela primeira vez na história do movimento operário no país ocorreram greves de ocupação. A greve de ocupação é um sintoma do avanço na consciência histórica da classe. Como organização ela é superior à greve de piquete.

Todos os operários ocupavam a fábrica. Havia dentro da Cobrasma um comando organizado. Havia uma direção. Só que a ocupação durou pouco tempo (das 9 horas do dia 17 de julho de 1968, até a madrugada do dia seguinte), houve muita luta entre operários e soldados, e depois os soldados passaram a ocupar a fábrica.

Foi uma greve ofensiva, de ação direta, preparada de fora para dentro, para desencadear um movimento político contra o governo (como diziam: transformar a crise política do governo em crise militar, e partir para o confronto armado).

4 - As organizações de esquerda, a Igreja Católica e os movimentos de classe média, principalmente o movimento estudantil influenciaram bastante as comissões de fábrica, e desempenharam um papel importante no processo grevista de Osasco.

5 - A greve foi localizada e isolada. Não se alastrou para outras cidades e regiões, imediatamente. Foi uma greve de ocupação relâmpago. A greve de ocupação em Contagem, Minas Gerais, em abril de 1968, influenciou bastante na greve de Osasco.

6 - A greve de Osasco foi, e ainda é, um mito na história da classe operária no país. A greve foi mistificada. Criaram-se histórias e lendas sobre a greve. Houve uma superestimação do processo grevista, e das comissões de fábrica. Os líderes e dirigentes do movimento acabaram sendo vistos como líderes, místicos, superhomens ou superrevolucionários.

Os movimentos de 1968 foram principalmente na classe média: movimento estudantil, de intelectuais, professores, etc. Parcelas significativas da classe média diziam que acontecia a revolução, que viriam grandes mudanças históricas, mas faltava o ator principal, faltava o proletariado. Com a greve de Contagem, e depois a de Osasco, o quadro estava completo, a classe operária havia entrado na luta. Supervalorizam os dirigentes e a greve. Aquela que era mais uma greve na classe operária, um fato até que normal na vida de lutas dos trabalhadores, passava a ser a entrada do proletariado brasileiro na revolução em marcha. Tomavam os trabalhadores metalúrgicos de Osasco pela classe operária no país.

Na deflagração da greve, e no movimento de apoio que veio quando a greve acabou, a classe média, principal-

mente o movimento estudantil, desempenhou papel de grande importância.

Os estudantes paulistas, em várias Faculdades ocupadas, montaram comites e grupos de solidariedade aos operários grevistas. No Rio de Janeiro os estudantes começavam uma campanha de apoio, com panfletagens e comícios relâmpagos nas portas de fábricas. Isso acontecia no fim do mes de julho de 1968, época de férias estudantis. E o movimento se prolongou agosto/setembro afora. Era a vanguarda estudantil-operário-intelectual organizada que tentava impulsionar um movimento geral, que, de certa maneira, iria preencher o vazio que o movimento operário não preencheria.

As organizações de esquerda não tinham política, não elaboraram um programa político, com táticas adequadas ao movimento de massas, em geral, e para o movimento operário, em particular.

Queriam, a todo custo, colocar o movimento de massas, e a classe operária, dentro de modelos revolucionários preconcebidos, dentro de teorias aprendidas em bancos escolares, e segundo as concepções que andavam pelas cabeças de seus dirigentes.

7 - Os grevistas não conseguiram o atendimento de suas reivindicações.

Do ponto de vista imediato, o movimento grevista foi derrotado, mas a longo prazo, numa perspectiva histórica, abriu-se caminho para a organização independente de classe, da organização de base. Do ponto de vista subjetivo, ou seja, da organização da classe, o movimento foi um avanço, a longo prazo.

8 - Os dirigentes sindicais e principais lideranças no processo grevista fizeram uma avaliação errada da conjuntura. Também não era a ocasião melhor para entrar em greve, que deveria ocorrer em novembro de 1968, época do dissídio coletivo. E a greve foi antecipada para julho de 1968.

9 - A organização dos operários era maior

na COBRASMA. Havia desigualdades na organização, entre as várias fábricas.

10 - A greve não foi um fenômeno espontâneo, isto é, não brotou das bases, não emergiu de dentro das fábricas. Ela foi resultado de um processo que combinava:

a) a decisão das direções em fazer uma greve explicitamente política, contra o governo militar, dentro da perspectiva mais geral da derrubada da ditadura, e construção do socialismo;

b) a vontade dos operários em fazer greve, visando melhorar as condições de vida e trabalho (a base não era socialista, era vagamente antipatronal). Pode-se falar que a base era contra a organização do processo de trabalho, contra a rígida disciplina do trabalho, mas não era contra o capitalismo, em geral;

c) o impulso que o movimento operário de Osasco, São Paulo, ABC, Guarulhos e Campinas teve com as assembleias onde se organizava o M.L.A. Os operários não aceitavam mais o discurso, e a direção dos sindicalistas burocratas e pelegos, e queriam que falasse Ibrahim e os novos dirigentes de esquerda;

d) O surgimento de uma nova liderança. José Ibrahim crescia aos olhos dos operários. Também José Barreto e os novos líderes de esquerda. Esses líderes tocavam os pontos cruciais, que a massa sentia e vivia, os problemas do cotidiano, e propunham soluções claras. Atacavam o arrocho, as duras condições de vida e trabalho, e mostravam os dois pólos da luta de classes: de um lado os operários, e do outro os patrões e seu governo, a ditadura militar;

e) os acontecimentos do 1º de maio de 1968. A tentativa de recuperação do 1º de maio como um dia de comemoração das lutas da classe trabalhadora, e não um dia de festas promovidas pelos patrões. No 1º de maio, na Praça da Sé, em São Paulo, houve uma clara ruptura do movimento de operários, estudantes, intelectuais e parte da esquerda em relação aos patrões e

seus aliados ou agentes (o PCB, a Igreja conciliadora e setores moderados do movimento eram contra esse rompimento). Some-se ao 1º de maio a greve de Contagem, em Minas Gerais, e a greve vitoriosa na fábrica BARRETO KELLER em Osasco. O que ia ocorrendo era um processo, um contínuo crescer, aumentar, e eram vários fatos, várias experiências que se somavam. Também havia as experiências que falharam no passado. A nova direção sindical, apesar de jovem em sua maioria, conhecia a política de manobra de massas do período sindical populista;

f) havia uma nova consciência na classe trabalhista, decorrente do processo de industrialização das décadas de cinquenta e sessenta, e decorrente também da experiência histórica da classe operária. Desempenharam papel relevante na história recente dos operários paulistas as grandes greves de 1953 e 1963, as greves do período João Goulart, em 1962 e 1963, e no caso específico da COBRASMA, as greves internas da fábrica e a greve geral ocorrida na própria fábrica, conforme a entrevista de JOÃO JOAQUIM e MIRANDA no APENDICE 2. Os grandes aglomerados industriais, o surgimento de grandes cidades operárias, a moderna tecnologia eletro-mecânica, o avanço das telecomunicações, a expansão do conhecimento tecnológico e científico, o crescimento da concentração operária, o despotismo, militarização e a rígida hierarquia no processo de trabalho, somados à exploração operária criavam uma nova consciência na classe operária das fábricas.

Francisco Weffort apresentava como um dos principais motivos para a eclosão da greve a insatisfação social dos operários. Insatisfação social é uma expressão muito vaga, muito geral e não explica, não dá conta e não permite entender o que se passava com a maior parte dos trabalhadores. Que os operários estavam insatisfeitos com a exploração a que eram submetidos no trabalho, e a vida difícil que levavam, não havia dúvidas. Mas Weffort, em seu trabalho sobre as greves de Contagem e Osasco, não apresentou os motivos reais que levaram os operários à greve. Ainda mais a uma greve, onde ocuparam a fábrica;

g) com a implantação da nova ordem no pós-64, com a ditadura militar Castelo Branco e depois Costa e Silva,

as condições de vida, de trabalho, de organização, e a situação política e econômica da classe trabalhadora são atacadas, mudadas, e em geral, os trabalhadores passarão a viver uma nova situação, perdendo várias conquistas de períodos anteriores, e sua vida em geral vai piorar. Os vencedores de 1964 tinham um projeto de dominação. Implantaram uma nova ordem. Fizeram um conjunto de reformas, nas finanças, na previdência social, no sistema de habitação, nas leis sindicais, salariais e trabalhistas, no sistema educacional, na rede bancária, etc.

Mudaram também as relações entre as classes ao nível da política, e do social. Vai se assistir à desmontagem do esquema nacional-populista de Jango, Brizola, Vargas, PTB, e PCB, onde, de certa forma a política dominante se pautava pela colaboração de classes, e à montagem de um novo sistema nacional imperialista, militar e autoritário. Se a classe operária era chamada a participar, a cooperar, e servia de respaldo aos governos de Jango, Jânio e outros governos anteriores, agora a classe trabalhadora tinha que ser contida, e passava a ser vista como um perigo, uma ameaça, para o regime. Se na época de Jango tentava-se resolver os problemas e conflitos trabalhistas pelo diálogo, e também por formas violentas, pela repressão policial e militar direta, agora, na época das ditaduras militares, o governo militar tentava resolver os conflitos pela violência armada.

O Comando Geral dos Trabalhadores - C.G.T., os sindicatos, as Ligas Camponesas, dirigentes sindicais, enfim líderes operários e de massa foram tratados pelo regime militar com uma violência armada. A ditadura militar Castelo Branco implantara o terror político-social, o terrorismo de Estado. Com o Ato Institucional nº 5 - AI-5, no governo militar Costa e Silva, esse estado de coisas se agravou mais ainda. Os vencedores de 1964 submeteram os vencidos a um tratamento de choque traumático. Implantaram a violência policial-militar-psicológica no dia-a-dia do cidadão comum do país.

II - O processo grevista se desenvolvia também contra os métodos tradicionais do P.C.B., de conciliação de

classes, de colaboração de classes com a burguesia. O movimento operário questionava também as rígidas estruturas da Igreja Católica. Partia para ações de violência de classe, de rompimento com hierarquias, burocracias e superestruturas pré-estabelecidas. Nesse sentido, o processo grevista de Osasco se situava dentro do movimento internacionalista em geral. Questionava os partidos estalinistas tradicionais, o PCB, o PC do B, as organizações de luta armada, a Igreja Católica, as instituições burguesas, o Imperialismo, e as formas de dominação de classe e estruturas de poder em geral.

A luta de classes se desenvolvia a nível mundial. Havia um ascenso do movimento de massas, em geral. Em alguns países ele foi mais acentuado. Havia especificidades, e características bem peculiares de um país para outro, seguindo um processo de desenvolvimento desigual e combinado. Na França, o movimento operário e o movimento estudantil se combinaram, apesar das desigualdades de ritmos e objetivos. No Brasil, o movimento estudantil era muito mais dinâmico que o movimento operário, mas as experiências internacionais do proletariado acabaram passando por cima das fronteiras nacionais: criticavam e não aceitavam a direção do P.C. na França, na Tchecoslováquia, no Brasil, na Bolívia, etc.; não aceitavam o autoritarismo e o paternalismo tradicionais; procuravam novas formas de luta e organização, e acabaram enriquecendo o marxismo revolucionário.

12 - Abria-se a discussão sobre um novo sindicalismo, o questionamento da estrutura sindical, em decorrência de tentativa de ruptura com os esquemas tradicionais de organização sindical. Esse processo ocorria dentro da formação das oposições sindicais.

13 - Da mesma forma, com a cisão no P.C.B., em 1967, e o surgimento, de dentro dele, das organizações de luta armada (MR-8, ALN, PCB), e as divisões e fusões da POLOP, o surgimento da VPR, as tentativas de reagrupamento da IVª Internacional, o processo de formação e as lutas do PC do B, a partir de 1961, a luta interna dentro das organizações políticas ligadas à Igreja (JUC, JEC, JOC, AP, ENT, ACO, Etc) tudo isso, junto com

as novas exigências do movimento de massas, e da luta de classes, abria a polêmica sobre a construção do partido revolucionário, ou de organizações autônomas sem partido, e sem qualquer estrutura hierarquizada de poder.

14 - Acabou ocorrendo uma centralização organizativa tática do movimento no sindicato. Era no sindicato que se reuniam as comissões, grupos e organizações, e o sindicato passou a desempenhar um papel que não lhe cabia: o de instância de organização política.

Não havia coordenação intercomissões, nem infraestrutura nos bairros.

15) O movimento de autonomia municipal, o processo de emancipação de Osasco em relação a São Paulo, com operários participando de eleições e da vida política local, conferiu ao movimento operário municipal características exteriores à fábrica, e abriu discussões sobre a questão do poder político, numa cidade de população com predominância operária (80% dos habitantes da cidade, ligados à produção eram operários industriais).

16 - Naquela conjuntura, a proposta de luta armada, do exemplo revolucionário, da substituição do movimento de massas por uma vanguarda combativa e heróica, desembocando na deflagração da guerrilha rural e urbana isolada do cotidiano das massas, a chamada teoria do "foquismo" de Che Guevara e Regis Debray empolgaram grande parte das novas direções que surgiam. Essa influência ideológica também ocorreu na greve de Osasco.

17 - Não havia uma central sindical nacional dos trabalhadores, nem organismo de unificação da classe operária, a nível local ou estadual. Tampouco havia uma organização internacional do proletariado.

O Movimento Intersindical Antiarrocho - MIA - de vida bastante curta (outubro 1967 a abril de 1968) tinha pequena expressão, representatividade e inserção dentro da classe operária. Além disso, foi um organismo ambíguo, de um lado servindo aos patrões, e de outro à classe operária. De certa forma

ele foi uma repetição das experiências anteriores, de organizações intersindicais: o M.U.T. - Movimento de Unificação dos Trabalhadores, de 1946, a C.G.T.B. - Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil, dos anos 30, o P.U.A. - Pacto de Unidade e Ação e o P.U.I. - Pacto de Unidade Intersindical, do final dos anos 50, o C.G.T. - Comando Geral dos Trabalhadores, de 1964. Todas essas organizações intersindicais ultrapassavam os estreitos e repressivos limites de controle político da legislação sindical implantada a partir de 1930. A C.O.B. - Confederação Operária Brasileira - dirigida pelos anarquistas e fundada no I Congresso Operário, em 1906, se situava dentro de outro contexto.

(2) Do fim do século passado até 1920/1930 os sindicatos e as sociedades operárias eram relativamente livres.

(2) A respeito de centrais operárias e organizações intersindicais do período anarco-sindicalista consultar Boris Fausto: "Trabalho Urbano e Conflito Social" (1890-1920). DIFEL, RJ, 1977. Também Francisco Foot Hardman: "Nem Pátria, Nem Patrão" (vida operária e cultura anarquista no Brasil). Brasiliense. São Paulo/SP, 1983.

VII - APENDICE I : A GREVE DE OSASCO SEGUNDO NOTÍCIAS
DA IMPRENSA TRADICIONAL

NOTÍCIAS DOS JORNAIS FOLHA DE SÃO PAULO (PERÍODO JUNHO - JULHO DE 1968), CORREIO DA MANHÃ (PERÍODO ABRIL - JULHO DE 1968) e ÚLTIMA HORA DO RIO DE JANEIRO (PERÍODO JULHO DE 1968).

Na Folha de São Paulo, de 01/06/68, em Manchete:

"AGITAÇÃO ESTUDANTIL VEM AI, AVISA SODRÉ"

E abaixo da manchete:

"O Governador ABREU SÓDRÉ disse ontem ao Presidente Costa e Silva que está apreensivo em relação a um plano dos universitários de São Paulo, de ocupação das Faculdades Paulistas, durante o mês de julho. Enumerou ao presidente as providências que estão sendo tomadas para atender as reivindicações dos estudantes e operários, e anunciou que enviou carta ao reitor da USP, reafirmando a necessidade de reestruturar o ensino. Sodré disse que a juventude brasileira apresenta uma série de reivindicações justas, e que é necessário atendê-las, "antes que as tomem à força"."

abaixo, uma fotografia apresenta uma faixa principal com os dizeres:

"ABAIXO A REPRESSÃO DA DITADURA",

mostrando uma manifestação de secundaristas em frente ao Teatro Municipal de São Paulo.

A notícia continua:

"Numerosos alunos de grau médio estão em greve há duas semanas, num movimento de apoio aos professores, que se sentem prejudicados pela portaria 31..., que fixa um teto para o número de aulas semanais."

Há vários cartazes da UBES e UPES.

Continuavam as greves estudantis e as ocupações de escolas, em São Bernardo do Campo, em Campinas e outras ci

dades do estado.

Ainda no mesmo jornal:

"500 SECUNDARISTAS REALIZAM PASSEATA"

Lutavam contra a portaria 31 e contra a a atual estrutura do ensino secundário no país.

Levantavam as palavras de ordem:

"ABAIXO A DITADURA" e

"ABAIXO A PORTARIA"

Eram poucas as notícias sobre os trabalhadores. Nesta edição havia uma:

"METALURGICOS EM GREVE FARÃO PASSEATA DIA 5"

1.200 operários da Metalúrgica Paulista , que fabrica os fogões COSMOPOLITA, estão em greve desde novembro do ano passado.

Motivo: "há mais de dois anos a indústria vinha atrasando os pagamentos, depois passou a pagar em parcelas, e em agosto do ano passado, deixou de pagar totalmente os operários."

A passeata foi decidida em Assembléia no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, e dirigida pelo Senhor ORLANDO MALVEZZI, secretário do Sindicato, já que JOAQUIM DOS SANTOS ANDRADE está na Alemanha Ocidental, participando do Congresso da FITIM (Federação Internacional dos Trabalhadores na Indústria Metalúrgica).

Domingo, 02/06/68

Destaque, na 1ª página:

"GAULISTAS REAGEM, OPERÁRIOS RECUAM"

Em letras pequenas, abaixo:

"Pela primeira vez, em toda a crise france-

sa, os partidários de de Gaulle passaram ontem à reação direta, atacando os universitários que ocupavam a UNIVERSIDADE DE ESTRASBURGO; arrancando do topo do edifício uma bandeira vermelha, que tremulava há quinze dias. Entrementes, a oposição parlamentar (comunistas e socialistas) aceitando as decisões de de Gaulle, já se prepara para a campanha eleitoral, e a C.G.T. assina novos acordos salariais com o governo".

JORNAL CORREIO DA MANHÃ

RIO DE JANEIRO

04/04/68, 4ª FEIRA:

"OPERÁRIO PAULISTA VAI FAZER PASSEATA"

"Agora a classe dos operários também vai aderir aos estudantes. Chegou a hora de mostrar ao povo quanto temos sofrido nas mãos desse monstro, que está dirigindo aquilo, que por enquanto, podemos chamar de governo" - com essa declaração representantes operários do ABC e de São Paulo iniciaram entendimentos com os estudantes paulistas para a realização, hoje, de uma passeata monstro em Santo André, com concentração na Praça do Carmo, às 18 horas.

Declararam os operários: "Decidimos fazer essa manifestação porque temos um objetivo: queremos a liberdade. Enquanto os estudantes estão sendo metralhados, nós, operários morremos de fome. A passeata tem dois sentidos: contra o arrocho salarial, e em protesto contra a morte do estudante da Guanabara".

Pela nota, aparentemente, os operários do ABC e São Paulo estão num grau de mobilização relativamente alto: sair em passeata clamando liberdade, contra o arrocho salarial e em protesto contra a morte do secundarista EDSON LUIS. Será que a nota corresponde à realidade do movimento no seu conjunto?

Nas edições do jornal de 1º, 2, 3, 4, 5, 6 e outros dias que se seguem no mês de abril há vários boatos e notícias sobre decretação de estado de sítio no país.

Os jornalistas lutam contra a censura na imprensa. O sindicato dos jornalistas no Rio é atacado e depredado pelo DOPS, que carrega de lá muito material.

Ocorrem prisões de estudantes, intelectuais, operários, trabalhadores, assalariados em geral, padres, jornalistas, balconistas, etc.

Há um grande destaque para a guerra do Vietnã, e o assassinato do líder negro MARTIN LUTHER KING.

A história dos trabalhadores na década de 70 tem muito a ver com a guerra do Vietnã. Esse fenômeno bélico, político e social prolongado, desempenhou uma influência grande na consciência dos trabalhadores, dos estudantes e jovens na época. (a vitória de DAVI contra GOLIAT). Todos os dias e todas as noites os jornais, as emissoras de rádio, as revistas e a TV mostravam cenas muito duras da guerra. A luta dura, prolongada, e persistente de um povo humilde, quase sem armas, contra um inimigo cheio de canhões, belonaves, artilharia pesada, "napalm", várias armas químicas e nucleares, uma tremenda potência bélica. Mães e Pais que carregavam filhos feridos, pequenos, queimados, ensanguentados pelas bombas e "napalm" jogados à vontade sobre o povo do Vietnã.

E o imperialismo perdeu. O capitalismo perdeu. O grande general, de tantas e quantas estrelas, WESTMORELAND, alto estrategista do Pentágono e Professor dos Generais brasileiros, sai desmoralizado da guerra.

Edição de 20/04/68

Notícia a greve de CONTAGEM, perto de Belo Horizonte, Minas Gerais.

A greve na Belgo Mineira começa na 2ª feira 15/04/68. Os operários ocupam a trefilaria da fábrica.

Os trabalhadores da S.B.E. - Sociedade Brasileira de Eletrificação também entram em greve, reivindicando igualmente aumento de 25 % no salário.

Sobre o 1º de maio:

"PASSARINHO PODERÁ LEVAR VAIA"

Está praticamente tudo pronto para as manifestações de 1º de maio. Os representantes do M.I.A. (Movimento Inter-Sindical Antiarrocho) já iniciaram a distribuição de panfletos por todos os bairros operários de São Paulo. Dezenas de viaturas com alto falante percorrem diariamente as portas de fábricas, à saída dos trabalhadores, convidando-os a participar da concentração."

O Coronel JARBAS PASSARINHO, ministro do Trabalho do Marechal COSTA e SILVA, tentava harmonizar os interesses dos trabalhadores e patrões.

Em 23/04 o Correio da Manhã diz que havia mais de 7000 operários em greve, conforme a lista abaixo:

BELGO MINEIRA	-	1.500
MANESMAN	-	3.500
S.B.E.	-	350
UNICA	-	50
INDUSTAM	-	180
FÁBRICA DE VALVULAS ELETRONICAS DA R.C.A.-		1.000
DEMISA (FABRICA DE TRATORES)	-	200
MINAS S.A. SANTO ANTONIO		<u>300</u>
		7.080

A MAFERSA está paralisada por falta de colocação para o material de sua produção (empresa de material ferroviário, sob controle do BNDE).

E a greve crescia.

No dia 24/04 dizia o jornal:

"GREVE METALÚRGICA EM MINAS GERAIS JÁ PAROU 12 MIL"

São dezoito fábricas paradas, na cidade industrial de Contagem, a sete quilômetros de Belo Horizonte.

Fábricas paradas :

- 01 - Artefatos de Aço Asa Brasil
- 02 - Metal Grafica
- 03 - Balmei
- 04 - Capistrano
- 05 - Mannesman
- 06 - Pontes Cavan
- 07 - R.C.A. Victor
- 08 - Demisa
- 09 - Santa Fé
- 10 - Asem
- 11 - S.B.E.
- 12 - Industam
- 13 - Belgo Mineira (Trefilaria)
- 14 - Santo Antonio
- 15 - Pholig - Heckel
- 16 - Unica
- 17 - Barbosa Melo
- 18 - Mafersa

E a 25 de abril:

"IMPASSE CONTINUA NA GREVE EM MINAS GERAIS"

A greve dos operários mineiros, ontem em seu 12º dia recebeu a solidariedade de várias categorias....."

Vários boletins foram distribuídos entre os operários: "O companheiro", "O piquete". Dizeres de "O piquete":

"A greve iniciada na 3ª feira pelos companheiros da Belgo Mineira se alastra a toda Minas Gerais. Depois da S.B.E.,....."(segue uma lista das fábricas paradas)

"Reivindicações dos operários:

- 1 - Pagamento de 25 % sobre os salários atuais;

- 2 - Pagamento integral dos dias de greve;
- 3 - Garantia de que nossos companheiros não serão dispensados , nem presos;
- 4 - Garantia de que os sindicatos que nos apoiaram não sofrerão intervenção. Liberação dos sindicatos que sofreram intervenção."

Dia 26 de abril. Termina a greve. Há prisões de operários, demissões de outros. É preso, também, o presidente do sindicato dos metalúrgicos, ENIO SEABRA.

Havia terminado mesmo a greve? Essa é a notícia do CORREIO DA MANHÃ;

O que significou a greve de Contagem? Como se organizavam os trabalhadores? O que havia de novo no movimento? O que conseguiram os operários da Cidade Industrial? O jornal não faz nada sobre isso!

Sabemos que a greve foi um marco importante na história da classe operária. Foi uma greve com ocupação de fábrica, coisa nova na classe operária no Brasil. Segundo FRANCISCO WEFFORT o movimento eclodiu espontaneamente das bases operárias.

Edição de 1º de maio de 1968:

Governo concede abono salarial de 10% aos trabalhadores.

Os 1º, 2º, 3º e 4º Exércitos estão de prontidão. Entraram na 2ª feira, 29/04 e vão até 4/05, sábado. A prontidão acaba no sábado e domingo. A Polícia Militar (PM) também de prontidão.

Edição de 3/05/68 - a resposta operária:

"TUMULTOS DO 1º DE MAIO PROVOCAM IMPACTO EM SÃO PAULO"

O palanque em que estava o Governador ABREU SODRÉ e outras autoridades, foi atacado a pedradas, e um pedaço de pau em forma de cruz atingiu o Senhor ABREU SODRÉ, ferindo-o levemente na testa, enquanto outras autoridades também foram atin-

gidas.

O governador e comitiva retiraram-se para dentro da Catedral da Sé, cujas portas foram cerradas, enquanto o palanque era tomado pelos agressores. Logo em seguida, os manifestantes hostis queimavam o palanque, e a massa abandonava o local, rumo à Praça da República. Foi então, que na Praça da Sé, a situação se tornou dominada pelos agitadores, provocando a intervenção violenta dos policiais, que davam tiros para o ar, espancavam e prendiam muitos dos que permaneceram no local....

Depois que o governador e comitiva se refugiaram na Catedral, o palanque foi tomado por manifestantes exaltados....

Um operário anunciou que seria realizado "o comício do povo, sem os pelegos, nem os representantes da ditadura". Afirmava que "eleições diretas e liberdade sindical só se conseguem com a tomada do poder", enquanto muitas vozes repetiam em coro: "operários no poder".....

Alguns oradores pregavam "a luta armada como única maneira de enfrentar a ditadura".

A manifestação começou por volta de 9 horas.

Às 10 horas e 15 minutos foi iniciada a passeata pelas ruas do centro da cidade, enquanto atrás o palanque era destruído e incendiado. Os manifestantes, cerca das 11 horas, tomaram a direção da Praça da República, descendo a Avenida São João, repetindo palavras de ordem "contra a ditadura" e "abaixo o governo".

Em Belo Horizonte também houve violência. Policiais da PM, e agentes do DOPS, terminaram a golpes de cassetes e bombas, a passeata organizada por trabalhadores e estudantes.

Erro de avaliação política do governo dos patrões? Fazer um 1º de maio com autoridades do governo, o governador e altos representantes da hierarquia patronal, junto com dirigentes pelegos e reformistas, e ainda convidar JOSÉ IBRAHIM para subir ao palanque?

A barreira de classe, as fronteiras entre classe operária e classe patronal ainda não estavam bem claras. Havia resquícios do populismo de antigamente.

Os patrões não sabiam que haveria luta? Parece que não. Não estavam preparados para isso, pois o palanque foi tomado facilmente. Então, por que o Exército e a PM de prontidão? Por que as notícias de estado de sítio iminente? Por que a passeata de Belo Horizonte foi reprimida a bomba e a de São Paulo não?

Havia divergências entre os vários grupos que compunham o bloco no poder. As rédeas do poder não estavam apenas nas mãos do Marechal COSTA e SILVA. Havia indícios de início de crise de hegemonia na burguesia. Alguns setores insistiam no diálogo, na conciliação, na abertura. Outros setores queriam o endurecimento do regime, a mão de ferro sobre os trabalhadores e oprimidos em geral.

O ministro do Trabalho, Coronel PASSARINHO falava de "renovação sindical", de aberturas, de afrouxo salarial. Os operários falavam de arrocho salarial.

Quando foi decretado o AI-5, Ato Institucional nº 5, fechando o Congresso Brasileiro e colocando as Forças Armadas em estado de guerra interna preventiva, psicológica, de segurança nacional contra os cidadãos, contra as pessoas comuns do país, ficava claro o fechamento, a guinada para o tratamento de choque aplicado à sociedade brasileira.

Desencadeada e organizada para combater a agitação, o caos, a "anormalidade" e o "estado de coisas" em que andava o país, a ofensiva militar capitalista de 31 de março de 1964, tomando o poder político no país, passava a modificar o Estado e a sociedade em geral. Vai ocorrendo uma centralização crescente do poder, vigorando a não democracia, o poder político é militarizado, e tratavam de implantar na sociedade uma disciplina militar. Era, o fortalecimento do Estado industrial militar, que deveria surgir também dentro das novas necessidades da acumulação de capital.

Não perdia sua essência de instrumento forte de controle e dominação de classe. Ao contrário, ia às últi-

mas consequências, esmagando, massacrando, impondo à força sua vontade, sem diálogo, pelo poder das armas, destruindo as articulações e o consenso criados ao longo de anos na sociedade. Uma imensa violência de classe. E a burguesia nacional, parceira fraca da grande burguesia mundial no processo, acabava sendo atingida pelo tratamento bélico de choque do grande capital.

CORREIO DA MANHÃ, DE 14/05/68:

"GREVE FRANCESA SAI VITORIOSA"

Centenas de milhares de pessoas, aos gritos de "Renúncia do Presidente!" e "de Gaulle assassino" desfilaram ontem em Paris, em manifestação programada por estudantes e operários franceses, que decretaram greve geral de 24 horas aos seus milhões de filiados, em apoio aos universitários e professores.... A greve afetou 95% das escolas, universidades, 60% das fábricas e transportes públicos, e em menor escala os serviços de gás, eletricidade, comunicações e jornais."

Na edição de 19/05:

"GREVES ABALAM GOVERNO FRANCÊS E DE GAULLE REGRESSA A PARIS"

As greves operárias multiplicam-se em toda a França, que está praticamente paralisada, com a extensão do movimento paredista aos serviços públicos

.... O Partido Comunista Francês distribuiu manifesto, pedindo que se forme imediatamente "um governo popular de união democrática", no qual os comunistas tomem parte.

Eram muitas as fábricas ocupadas na França. O movimento operário e o movimento estudantil eram fortes e tinham expressão nacional. Comparativamente, no Brasil o movimento estudantil superava de longe as iniciativas da classe operária. O movimento estudantil era nacional, o que não acontecia com o movimento operário. Havia movimentos, reivindicações, ações localizadas, isoladas, restritos a regiões industriais, a municípios

de grande concentração operária, dentro do que poderíamos chamar o movimento operário brasileiro.

Na imprensa tradicional do Brasil, relativo silêncio sobre a classe operária, após o 1º de maio. Os jornais falavam de alguns operários processados. A classe operária estava em silêncio? Como veremos mais adiante, a situação era outra.

- 30 de maio -

"DE GAULLE DEIXA PARIS E PODE RENUNCIAR"

10 (dez) milhões de operários continuavam em greve. Várias fábricas paradas e ocupadas. Dezenas de milhares de trabalhadores saíram pelas ruas de Paris em passeata.

- 31 de maio -

"DE GAULLE DISSOLVE ASSEMBLÉIA E CONVOCA ELEIÇÕES"

O movimento grevista, operário e estudantil continua ainda, por vários dias.

Foi um movimento forte na França. Abalou em profundidade o governo De Gaulle.

O movimento estudantil e operário no Brasil aprendeu muitas lições com o movimento francês. Entretanto, a vanguarda brasileira transportou, mecanicamente, muitos métodos da direção francesa, como transportou também de Cuba, da China, do Vietnã, etc.

- 19 de junho -

"GREVE GERAL PARALISA URUGUAI"

Todo o Uruguai parou ontem, em greve geral de 24 horas, contra as medidas de segurança decretadas pelo governo para impedir movimentos oposicionistas. Além de industriais, comércio e transportes, não funcionaram ontem bancos, inclusive cinco estabelecimentos oficiais, várias repartições públicas, o

porto de Montevideo e os conselhos locais. Somente na Capital, 500 mil operários não compareceram às fábricas, atendendo à greve organizada pela Convenção Nacional dos Trabalhadores, de influência comunista, que fez distribuir panfletos clandestinos. Também os jornais não circularam, e as estações de rádio funcionaram apenas com o pessoal administrativo."

Nas edições de 20, 21 e 22/06/68 o Correio da Manhã falava das passeatas no Rio de Janeiro. Resultados dos choques do movimento contra a repressão: centenas de feridos, ferimentos à bala, e alguns mortos.

No dia 20 saíram feridos setenta civis e 35 militares da PM, nos confrontos de rua no Rio de Janeiro.

No centro da cidade os estudantes e populares armaram barricadas, e o choque com a Polícia Militar foi na base de paus, pedras, garrafas de refrigerantes, etc. Houve quedas de cavaleiros da PM. Carros e viaturas policiais foram virados e incendiados, por estudantes e populares. Foi morto um soldado da PM.

As autoridades forneceram uma lista de 165 (cento e sessenta e cinco) pessoas presas. Apenas 40 (quarenta) eram estudantes.

Então as manifestações de rua não eram só de estudantes, confirmavam os generais? E a maioria dos manifestantes não eram estudantes. Era uma tática usada para desvirtuar o movimento: dizer que os movimentos de rua eram feitos por estudantes radicais, jovens rebeldes, incompreendidos pelos pais e desajustados na sociedade! Diziam: quem participa disso são os estudantes! Eles são irresponsáveis! O problema deles é a falta de amor, de compreensão! É uma minoria de agitadores que comanda a subversão! Pessoas responsáveis não participam disso!

No dia 27 de junho há uma notícia mais clarificante:

"MARCHA DO POVO REUNE CEM MIL"

Por mais de seis horas mais de cem mil ca

riocas protestaram contra o governo, apoiando o movimento dos es tudantes, que conforme o previsto foi sem incidentes, com dezes - nas de discursos de universitários, operários, professores e pa dres...."

Nessa época, no Vietnã, o "vietcong" marcha va sobre Saigon.

Em Itália, França, Uruguai, Argentina, Ve nezuela, Colômbia, e outros países arrebentavam movimentos de pro testo.

NOTÍCIAS DO JORNAL "ULTIMA HORA" DO RIO DE JANEIRO

Do dia 17 de julho de 1968:

"OPERÁRIOS ABANDONAM FÁBRICA EM OSASCO"

"Durante treze horas seis fábricas estiveram no poder de mais de três mil operários, que reivindicam aumento salarial, contratos coletivos de trabalho, e condições de segu - rança no emprego...."

Os operários abandonaram ou ocuparam as fá bricas? A notícia era confusa e mentirosa!

Do dia 21 / 07:

"PADRES DE SÃO PAULO APOIAM GREVISTAS: ELES DEFENDEM O DIREITO DE COMER"

Será que os operários entraram em greve por que estavam passando fome?

Direito de comer, direito de morar, direito de trabalhar, direito de descansar! Os trabalhadores entraram em greve pelo direito de comer. Quais os direitos dos operários?

Imaginem: os operários metalúrgicos da cida da

de lutando por um prato de arroz e feijão, e a vanguarda operária querendo derrubar o governo! Se esses padres pudessem, eles diriam: deem um pouco de feijão para esses operários, que eles vão descansar em paz.

No dia 23 / 07 :

"GREVE PODE COMEÇAR AGORA EM SANTO AMARO"

Vai dizendo que a greve de Osasco acabou, e nas fábricas "Squibb" e "Avon" de Santo Amaro, os operários decidiram paralisar o trabalho.

E até o fim do mês os agentes do governo vão dizendo, em pequenas notas, que a greve acabou e tudo vai bem nas fábricas onde houve ocupação.

Por que dizem isso todos os dias? : a greve acabou, a greve acabou, a greve acabou... Tudo bem, tudo tranquilo, tudo bem, tudo tranquilo. Reina a mais absoluta calma na cidade! Entre mortos e feridos se salvaram todos!

NOTÍCIAS DO JORNAL " FOLHA DE SÃO PAULO"

16 de julho de 1968, 3ª feira :

"FORÇA PODE INTERVIR HOJE NAS ARCADAS"

"Uma vez mais foi levada ontem ao presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto a intimação judicial... determinando a reintegração de posse do prédio das Arcadas. Os alunos da Faculdade de Direito tomaram o prédio há 23 dias....."

É a terceira vez que a intimação é levada.

A notícia fala que poderá ser usada a "Força armada" para desocupar a Faculdade.

Na 4ª feira, 17 de julho de 1968:

"O CSN (Conselho de Segurança Nacional), denunciando a ação de contra-revolucionários, encampou a portaria de GAMA e SILVA (ministro da Justiça) sobre as passeatas, mas

COSTA REAGIU ÀS PRESSÕES

Apesar da forte pressão exercida por alguns setores, o presidente da República definiu-se contrariamente à adoção de qualquer medida imediata de exceção. Entretanto, segundo a nota expedida logo após a reunião do CSN, o governo não titubeará em dar respostas firmes às agitações, com adoção de medidas excepcionais, de acordo com os preceitos constitucionais."

Essa nota é o destaque especial de 1ª página.

abaixo, à direita, em letra menor:

"GREVISTAS EM OSASCO DESOCUPAM CINCO FÁBRICAS"

"Seis indústrias de Osasco foram ontem paralisadas por um movimento grevista que, aparentemente, surpreen-deu o próprio sindicato da categoria. Os grevistas, que apresentaram uma extensa lista de reivindicações, ocuparam as fábricas e, numa delas retiveram engenheiros e funcionários....

Às primeiras horas da noite, com a chegada do Coronel Ferreira Marques, comandante da Força Pública, que intimou os grevistas a abandonar as fábricas, foi iniciada a desocupação pacífica das fábricas "Granada", Braseixos", "Osram", "Barreto Keller" e "Lonaflex". Às 22 horas, milicianos começavam a invadir a "COBRASMA", para desalojar os 2.700 operários que a ocupavam. A Força e o DOPS anunciaram que ocuparão as fábricas durante o dia de hoje. Foram feitas 30 (trinta) prisões. O General Gaya anunciou ao governador ABREU SODRÉ que intervirá no Sindicato dos Metalúrgicos, por se tratar de uma greve política"

Essa notícia também não é verdadeira. JOSÉ IBRAHIM e outros dirigentes sindicais disseram que apenas a COBRASMA e a LONAFLEX foram ocupadas. Segundo esses sindicalistas foram feitas cerca de 300 ou quatrocentas prisões.

Se o General GAYA comunicou ao governador SODRÉ que ia intervir no sindicato dos metalúrgicos, era sinal de que, quem dirigia o Estado eram os militares, diretamente ligados ao poder central, e não o Sr. ABREU SODRÉ.

Soldados da Força Pública, a cavalo, entravam numa fábrica de Osasco para desalojar operários grevistas.

Fábricas paradas:

COBRASMA - Companhia Brasileira de Material Ferroviário - 2.500 operários;

BRASEIXOS - 1000 operários;

BARRETO KELLER - 100 operários;

ALVES REIS (FOSFOROS GRANADA) - 150;

LONAFLEX - 500;

OSRAM

Os trabalhadores tomaram as seguintes medidas:

- Fecharam portas e portões a cadeado, e montaram barricadas;

- Organizaram comissões por seção nas fábricas paradas;

- Organizaram a entrada de toda espécie de alimentos, demonstrando disposição para uma ocupação longa.

A greve começou às 9:00 horas da manhã, na COBRASMA. Os operários passaram a comunicar a seus chefes imediatos que não iam trabalhar e "passaram a fechar os portões, mantendo sob coação 15 engenheiros e 30 funcionários categorizados".

Essa nota da Folha de São Paulo também é diferente dos depoimentos de operários presos durante a greve.

Segundo JOSÉ IBRAHIM os operários pararam de trabalhar e não pediram autorização para deixar de trabalhar a seus chefes imediatos, conforme diz o jornal.

1.800 trabalhadores permaneceram dentro da fábrica. Havia outros fora, procurando ganhar a solidariedade da

população, e arrecadando mercadorias e dinheiro.

O jornal não diz que em cima de cada vagão, dentro da fábrica, havia um operário com uma barra de ferro na mão, e os vagões circundavam toda a área da empresa. Do lado de fora havia militantes armados para dar cobertura à ação, se necessário.

Para ter uma idéia melhor sobre a greve é importante ler a entrevista de JOSÉ IBRAHIM à revista UNIDADE e LUTA, e também outras fontes.

Entre as 9 e as 12 horas as outras indústrias aderiram à COBRASMA.

Enquanto os homens montavam barricadas, as mulheres, principalmente da Fósforos Granada, saíram em passeata da indústria à sede do sindicato, e ali instalou-se a assembléia permanente dos grevistas.

Ninguém tinha acesso à sede do sindicato.

REIVINDICAÇÕES DOS OPERÁRIOS :

- 1 - 35 % de aumento salarial;
- 2 - contrato coletivo de trabalho de dois anos de vigência;
- 3 - escala móvel de salários, com reajuste de três em três meses;
- 4 - pagamento da taxa de insalubridade;
- 5 - fornecimento de leite para os que trabalham junto às caldeiras e forjas;
- 6 - redução da jornada de trabalho, para os que trabalham nas caldeiras;
- 7 - fornecimento de bôtas de borracha para os que trabalham em locais úmidos;
- 8 - enfermaria e ambulância nas fábricas;
- 9 - salários iguais para os que desempenham funções idênticas;
- 10 - gratificações e prêmios de produção aos maquinistas e ajudantes.

11 - construção de sanitários, e contratação de pessoal para limpeza;

12 - maior segurança nas caldeiras;

13 - condições mais humanas de trabalho;

14 - instalação de bebedouros, com água do DAE;

15 - construção de banheiros;

16 - abono para os acidentados em serviço;

17 - elevadores de serviço, e veículos para transporte de material;

18 - pagamento correto das horas-extras;

19 - fornecimento de uniformes;

20 - pagamento do tempo gasto para providências de alistamento militar;

21 - liberdade para pertencer ao grêmio da indústria, sem pertencer obrigatoriamente, ao quadro da cooperativa.;

22 - vales em dinheiro, e não em ordens para compras na cooperativa;

23 - escovas e sabão para limpeza das máquinas;

24 - nenhuma punição aos participantes do movimento.

O reajuste de 35%, a escala móvel de salários e o contrato coletivo de trabalho são comuns a todos os grevistas. As outras reivindicações são da COBRASMA.

As reivindicações mais completas e em maior número vinham da COBRASMA, onde o movimento era mais organizado.

Não falam nada sobre a propriedade e o poder, nem sobre o sindicato (autonomia e liberdade sindicais); nem sobre a estrutura sindical. Também não falam nada sobre as comissões de fábrica. Em geral melhoria das condições de trabalho, higiene e segurança.

Nas reivindicações dos operários da COBRASMA acabam transparecendo as duras condições de trabalho características de uma indústria de produção de material pesado; com

Fundição, Forjaria, Caldeiraria produzindo ruídos, alta poluição sonora e de gases, vapores e partículas suspensas no ar, além das altas temperaturas, do transporte de material pesado e das difíceis condições de trabalho em geral.

Não aparecem questões de clara natureza política.

A grande diferença está entre o que se pede, e como se luta para conseguir isso.

A ação supera de longe as palavras.

Pelas reivindicações a greve é econômica, reivindicativa, pede melhores condições de trabalho.

Pela ação, pela forma concreta de greve, com ocupação, o movimento é claramente político e ideológico: ataca a propriedade, e questiona o poder dentro da fábrica.

Os participantes sempre dizem que "a greve não tem dono", para dizer que não há líderes.

"Mas, pelo que se pode observar, a greve foi cuidadosamente preparada Há um serviço de segurança, barricadas e boletins internos....."

A paralisação em todas as indústrias era total, os grevistas diziam-se dispostos a comer e a dormir nas fábricas que ocupavam.....

Estão organizados por seção, em grupos de dez. Um coordenador orienta as atividades. Há grande preocupação em relação à propaganda fora das fábricas, à obtenção de fundos e alimentos para os que fazem a ocupação."

Fazendo um breve resumo de antecedentes:

"Em Osasco tem havido pequenas paralisações parciais nos últimos meses.... Os motivos são quase sempre os mesmos: atraso de pagamento, falta de condições para o trabalho, pressões para assinatura de contrato do trabalho com opção pelo Fundo de Garantia por Tempo de Serviço - FGTS."

O DOPS, o DEIC (ex-DI) e o quartel da F.P. estão de prontidão.

Na quarta-feira, 17/07 as declarações do General Moacir Gaya, delegado regional do Trabalho em São Paulo:

"O movimento grevista de Osasco é absolutamente ilegal, sem reivindicações específicas, sem amparo nas normas trabalhistas, e programado por um grupo interessado em promover a agitação e a subversão."

Diz que tem ordens do ministro do Trabalho, considerando a forma da greve, para não transigir e nem concordar com quaisquer exigências dos grevistas.

E encaminhou ofício ao comando do 2º Exército, à Polícia Federal e à Secretaria de Segurança Pública, comunicando os fatos, e demonstrando a ilegalidade da greve.

Perguntado se sabia de onde tinha partido o movimento, o General GAYA respondeu:

"O movimento parte do mesmo grupo que, na cúpula, orienta todos os movimentos de agitação, que vem perturbando a vida do país, nos últimos meses".

"Acrescentou que estava em contato permanente com os órgãos de segurança, informando e tomando informações sobre o andamento da greve, e que não havia mais possibilidade de medidas conciliatórias com os que estão em greve, pois o movimento "fugiu do campo trabalhista, e entrou no campo da perturbação da Segurança Nacional."

"As greves nas cinco fábricas vem modificar a política de não intervenção nos sindicatos, que a D.R.T. vinha adotando nos últimos oito meses....."

O General segue falando que vai intervir no Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, porque tem informações seguras de que seus diretores estão diretamente envolvidos na greve, e alguns dirigentes do sindicato vem tendo papéis de destaque na condução da greve.

Como se vê, uma ligação direta, com perfeita sintonia entre o Coronel Passarinho, ministro do Trabalho e seu subordinado o General Gaya. E ainda a ligação direta entre a D.R.T., o Exército, a Secretaria de Segurança, a Polícia Federal, o Serviço Nacional de Informações - S.N.I., o governo do Estado, etc. A reação é comandada diretamente pelo Coronel Passarinho. E a posição dos patrões, qual era?

Continuando :

"GENERAL GAYA PEDE FORÇA PARA RESTABELECER ORDEM"

O DOPS parte para Osasco, com ordens de a gir com vigor, se necessário.....

13 horas - O DOPS mandou dois " Brucutus " para Osasco, com ordens para se colocarem em pontos estratégicos. Cada "Brucutu" levou dezoito soldados da Força Pública.

15 horas - Seguiu o 3º Brucutu, com as mesmas ordens.

17 horas - Seguiu um carro choque.

Os Brucutus estavam equipados com metralhadoras e bombas de gás lacrimogêneo, e soldados fortemente armados. O carro choque com jato de água com areia.

Cerca de duzentos homens seguiram do DOPS para Osasco, à tarde: delegados, investigadores e soldados da F.P. No DOPS, no Quartel Tobias de Aguiar e noutros setores policiais, a guarda foi reforçada. Muitos policiais levavam rádios de bateria, e transmissores - receptores para Osasco. Os pontos estratégicos da cidade foram tomados até a tarde, com ordens para fazer apenas trabalhos de observação.

De Osasco policiais telefonavam para o DOPS, informando o desenrolar dos acontecimentos. Viaturas da Rádio Patrulha também faziam o mesmo, através de rádio.

Do DOPS as informações partiam por "TELEX" ao gabinete do Secretário de Segurança Pública. Dalí seguiam para a sede do Palácio Bandeirante, sede do governo.

18.55 horas - O "TELEX" que liga o gabinete do Secretário de Segurança Pública ao DOPS chama, expedindo a seguinte ordem:

1 - mandar toda força policial possível e necessária para Osasco.

2 - Libertar os reféns de qualquer maneira,
 3 - Procurar contato pacífico com os operários e, se for preciso, usar a necessária força para desocupar as fábricas.

4 - Ocupar as fábricas com soldados da Força Pública.

O Secretário da Segurança Pública HELY LOPES MEIRELES distribuiu, à noite, nota oficial, que diz, entre outras coisas:

"A invasão de estabelecimentos industriais daquele município, por grupos subversivos, que aprisionaram trabalhadores, homens e mulheres, mantendo-os como reféns, e ameaçando-os de violência física... os referidos movimentos são qualificados de definitivamente ilegais, com características que permitem estabelecer ligações com a ação subversiva...."

E determina às autoridades policiais:

- "a) imediata libertação dos reféns;
- b) desocupação dos estabelecimentos invadidos;
- c) detenção dos responsáveis pelo movimento, com a instalação dos inquéritos criminais necessários;
- d) impedir a ação dos piquetes, a fim de assegurar o direito ao trabalho, e a normalidade da produção;
- e) manter a ordem pública, pois as investigações demonstraram que se trata de movimento articulado por uma minoria, contrariando a vontade dos trabalhadores paulistas, que desejam um clima de tranquilidade, para o exercício legítimo de seus direitos".

Há outra matéria que diz:

"AINDA HAVIA OCUPAÇÃO NUMA DAS FÁBRICAS"

21 horas - O delegado JOÃO CÂNDIDO DELFINO, do Departamento de Polícia Federal, conseguiu,entrar na

COBRASMA, que continuava ocupada por uns 2.700 operários. No interior da fábrica tentou dialogar com os grevistas, mas foi recebido com hostilidade, abandonando o local.

21:20 horas - Chegam defronte à COBRASMA os soldados da Força Pública, em caminhões.

21:40 horas-Cinco "Brucutus", dois carros choque, cem cavalarianos, viaturas da polícia civil e quarenta investigadores chegam à Cobrasma.

Os caminhões da F.P. com mil soldados fortemente armados, comandados pelo Coronel ALTINO MAGNO, comandante do 1º Batalhão Policial. O contingente parou defronte ao portão principal da fábrica.

21:50 horas - Os soldados conseguem abrir um pequeno portão ao lado do principal, e entram os cem cavalarianos, e em seguida 300 soldados com os fuzis embalados. O cadeado do portão principal foi arrombado, e os "Brucutus", carros e tropas de choque entram por ele. Para atingir o local, onde estavam os operários, a polícia teve que pular pelos lados de um guindaste, que obstruía o caminho, enquanto a cavalaria dava a volta no prédio.

Quarenta operários que ocupavam a fábrica fugiram pelos portões dos fundos, e por pequenas janelas, que davam passagem apenas a um operário de cada vez.

22:10 horas - Falava-se que os operários subiam ao telhado da fábrica, onde havia um depósito de gasolina, e que pretendiam incendiá-lo. O comandante do 1º Batalhão de Polícia pediu então que entrasse na fábrica um carro do Corpo de Bombeiros.

22:20 horas - Preso o primeiro operário : JOÃO FRANCISCO, 26 anos, casado. Trabalha na seção de forjaria, como torneiro, três filhos menores, cinco anos de COBRASMA. Foi preso ao separar-se da turma a que pertencia, e surpreendido pelo Sargento Vanildo, da F.P., entrou com ele em luta corporal, sendo dominado com auxílio de um soldado. É preso o segundo ope-

rário: FRANCISCO SPADORE, 40 anos, casado, cinco filhos menores.

Disseram os dois à imprensa:

"Chegamos para trabalhar às 7:30 horas, e mais ou menos às 7:45 horas começaram a gritar: "para, para" e nós paramos. Depois, ficamos aqui até agora. Não depredamos, nem quebramos nada, e não sequestramos ninguém. Engenheiros, administradores e outros funcionários da administração não saíram porque não quiseram. Ficaram na firma, não porque estivessem solidários, mas porque queriam tomar conta do patrimônio."

22:40 horas - Uns duzentos funcionários, entre engenheiros, mestres e funcionários da administração deixaram a fábrica, protegidos por soldados de baioneta calada.

Em seguida, deixavam a fábrica trinta presos, que foram levados de caminhão para o DOPS e quartel da Força Pública.

23 horas - Mais de dois mil operários ainda estavam no interior da COBRASMA, escondidos em galpões e casas de máquinas, divididos em grupos de 200 a 300, ocupando cerca de 10 setores da empresa.

FOLHA DE SÃO PAULO, 5ª FEIRA, 18/07/68 :

Destaque da 1ª página :

"O Ministro do Trabalho veio a São Paulo para verificar a extensão da greve em Osasco..."

PASSARINHO APELA AO BOM SENSO"

Há uma fotografia grande do Coronel PASSARINHO de mãos postas, rezando, sob um imenso crucifixo de Jesus Cristo.

Destaque da última página :

"OPERÁRIOS IMPEDEM POSSE DO INTERVENTOR"

O Sr. PITHAN e SILVA, interventor no síndi-

cato dos metalúrgicos chega para tomar posse. Os operários impedem sua entrada, afirmando que "a casa é nossa, e os patrões é que deviam estar aqui". O diálogo durou uns cinco minutos. Eram uns 80 operários.

16:30 horas - Chega o interventor, acompanhado de dois funcionários da DRT, e uma escolta de seis soldados da Delegacia de Osasco.

Os operários fecham o portão, e impedem a passagem de qualquer pessoa.

Um operário fala, explicando que estão em assembléia permanente.

Os presentes gritam que querem os patrões para o diálogo, e não a intervenção.

Os gritos dos operários continuam. Falam no alto falante do sindicato:

"A NOSSA FOME É DE VOCES, TAMBÉM, SOLDADOS"

"NOSSA LUTA É DE TODOS", etc.

Nesse momento chega uma perua de São Paulo com seis pessoas: os presidentes dos sindicatos dos bancários de São Paulo, Santo André, e dos Químicos, Gráficos e Metalúrgicos.

O presidente dos bancários de São Paulo sobe ao muro e grita:

"Companheiros, estamos aqui para a solidariedade comum, qualquer intervenção nesse sindicato, será intervenção em todos os sindicatos"

(aplausos)

O interventor é puxado por uma pessoa de sua comitiva, e fica a uns 100 metros, ouvindo os discursos. Resolvem, então, chamar reforços policiais.

O interventor vai para longe da sede do sindicato.

Conversando com os jornalistas, diz que é professor de psicologia na USP, foi pracinha, e que a partir de

março desse ano, assumiu as funções de inspetor do trabalho. Foi artilheiro da FEB na guerra, e era também jornalista profissional. (Que magnífica história de vida!)

Na sede do sindicato, a expectativa era da chegada do choque da Força Pública.

O interventor estava em contato permanente com o general Gaya, diretor da Delegacia Regional do Trabalho (um dos principais articuladores da ação contra a greve).

18:00 horas - Um carro de polícia estaciona de frente ao sindicato, com o delegado de Osasco e o capitão LA RA, comandante da 4ª Companhia, sediada na cidade. Um operário é chamado pelo delegado, que quer dialogar com um líder. O operário volta à assembléia, e a decisão vem rápida:

"Oferecemos a mesma garantia a todos. O delegado que entre."

As autoridades recusam a proposta.

18:30 horas - O interventor está num bar, a 200 metros do sindicato, comendo um "sanduiche" e tomando um "pingado", desanimado.

Um auxiliar comenta:

"Se fosse eu, entrava de qualquer maneira. Isso é demais, onde já se viu um interventor federal não tomar posse..."

O interventor encosta-se num poste de luz, e ali fica bem uns 30 minutos.

O repórter pergunta:

"O choque vem mesmo?"

O interventor balança a cabeça, e diz:

"Não sei ainda, mas tenho que tomar posse, já estou aqui. Estou apenas esperando ordens do General Gaya. Por mim tentava o diálogo, mas esse moço, presidente do sindicato não quer. Como é mesmo o nome dele?"

"POSSE NÃO SAI"

19:30 horas - O interventor continua encostado ao poste. Chega um comissário, e conversa com ele. O General Gaya pede ao interventor para voltar a São Paulo, a posse fica para amanhã.

A 200 metros, os operários, na calçada observam. A ordem recebida por todos: sair pacificamente. Todos devem dirigir-se ao salão paroquial da igreja de Santo Antonio, estrada velha de ITU, Km 18.

O sindicato fica policiado por agentes do DOPS.

INDUSTRIAS PARADAS:

COBRASMA - parada, com policiamento da Força Pública. Uns 500 operários se apresentaram ao trabalho, dos 2.700. Foram dispensados por força das condições de trabalho. Será verdadeira a notícia?

BROWN BOVERI - parada. Todos compareceram ao trabalho às 5 horas da manhã, e às 9 horas abandonaram a indústria.

LONAFLEX - parada.

GRANADA - parada.

SOFUNGE - indústria de fundição paulista, entrou em greve ontem à tarde (local: Lapa, São Paulo). Os operários abandonaram um a um a fábrica.

BARRETO KELLER - parada.

BRASEIXOS - parada.

OSRAM - parada.

Continuando, na mesma edição do jornal:

"ESTUDANTES SUSPEITOS DE ATUAÇÃO NA GREVE DOS OPERÁRIOS DE OSASCO"

"José Campos Barreto, operário preso anteontem com um revólver, quando a F.P. ocupou a COBRASMA...."

Pouco depois de ser preso, Barreto foi identificado como agitador, conhecido da Polícia Federal, e do DOPS. Um oficial do Exército reconheceu o operário como ex-cabo da 3ª Bateria do 2º G - CAN - 90 (Grupo de Canhões 90). Barreto se manteve calmo, e chegou a assobiar uma música, enquanto soldados, com fuzis de baioneta calada, o cercavam."

MATERIAL APREENDIDO

Foram apreendidos no quarto de Barreto, em Osasco: livros, jornais mimeografados e panfletos considerados altamente subversivos. Além de livros de Bertrand Russell e João Cândido Ribeiro, os agentes encontraram um exemplar do jornal "Frente Operária", "órgão do Partido Operário Revolucionário (Trotskista), seção brasileira da IVª Internacional" (nº 174, ano XV), cujos destaques são: "Revolução sobre a suposta morte de Guevara", "Revista marxista latino-americana", e "Cartas à Seção Brasileira", assinado por J. POSADAS.

Ainda: "Cadernos da Esquerda Revolucionária" e "Métodos de Guerrilha de Guevara", extraídos da revista "Cuba Socialista".

Alguns panfletos pregam a criação de comissões de empresa como meio de promover a revolução.

Barreto era também estudante secundarista.

OPERÁRIOS PRESOS

Onze dos vinte operários presos foram soltos. Os outros nove, indiciados em inquérito: AFONSO ANTUNES, CLOVIS FERREIRA BATISTA, LUIS GALDINO DA SILVA, JOSÉ GROFF, JOSÉ MELO SOBRINHO, ARTUR DOS SANTOS, JOÃO BATISTA CÂNDIDO, MANOEL MACHADO e LUIS CARLOS DIMOV. Foram também ouvidos o estudante RAUL DA CRUZ LIMA NETO, estudante da Comunicações - USP e o Advogado NELSON MANSO SAION FILHO, detidos durante a desocupação da fábrica.

O jornal fala também que o 2º Exército teria detido uma "pessoa suspeita de terrorismo", implicada no

"atentado" contra o Quartel General do 2º Exército, e da ocorrência de outros "atentados" em diferentes pontos de São Paulo.

Começavam a falar de terrorismo. Que os comunistas, socialistas, revolucionários, que as pessoas de oposição que estavam pela luta armada contra o governo, eram terroristas.

Como nos filmes de "cow-boy", de "bang bang", de mocinho e bandido, que o cinema, a televisão e as revistas em quadrinhos espalhavam pelo país, começarão a usar essa tática: os subversivos são sanguinários, violentos, terroristas, bandidos.

E os estudantes formavam um comitê para apoiar os operários.

Nas faculdades ocupadas, o assunto principal nas conversas era a greve dos trabalhadores metalúrgicos.

Os estudantes formaram um comitê que distribuiu panfletos, e fez comícios em portas de fábricas em Osasco, Guarulhos e ABC.

Foi organizado também um comitê de escritores, artistas, professores, jornalistas, donas de casa, etc.

13 sindicatos se reuniram na sede do sindicato dos gráficos, e passarão a fazer gestões no sentido de suspender a intervenção no sindicato de Osasco, relaxar as prisões e dar assistência aos grevistas.

Continuando:

"PASSARINHO MOSTRA POR QUE A GREVE É ILEGAL"

18 horas - Passarinho fala em São Paulo:

"Esta greve é ilegal, e representa uma provocação visando intranquilizar São Paulo e o Brasil. Ela foi provocada por uma minoria ativista, que pensa que o Tietê é o Sena, e que em São Paulo se fala Francês. Ficou mais do que evidente o interesse político dessa greve...."

O repórter pergunta se ele achava que a greve fazia parte de um plano de agitação, ao que ele respondeu que não, mas se reserva o direito de não ser ingênuo".

Para o ministro Passarinho, para alguns patrões e representantes do governo militar o movimento era influenciado pelos grandes acontecimentos na França, greve geral de 10.000.000 de trabalhadores e estudantes, passeatas, protestos e mobilizações.

Não havia motivos internos? Não havia uma dinâmica própria do movimento no país? O que significava a greve? Por que os operários estavam em greve?

O coronel Passarinho dizia que o movimento fora provocado por uma minoria ativista.

Então, por que os 2.700 operários da COBRASMA permaneceram dentro da fábrica o dia todo, noite adentro, e entraram em luta e choques violentos contra a polícia?

Por que os operários impediram a posse do interventor?

Por que os operários da Granada e os operários da Barreto Keller saíram em passeata de suas indústrias, percorreram algumas ruas de Osasco e foram até o sindicato, onde ficaram em assembléia permanente?

Por que no 1º de maio de 1968, na Praça da Sé, 10.000 trabalhadores fizeram correr os representantes dos patrões e da ditadura militar, e depois saíram em passeata até a Praça da República, onde realizaram um verdadeiro 1º de maio?

A greve de Contagem também foi obra de "minorias de ativistas subversivos"?

Essa é uma velha tática conhecida desde os tempos de Matusalém: "Divide e governarás" ou "Isola e Reinarás", ou analisa, identifica, isola, queima, denigre as lideranças, os dirigentes, qualifica-os de rebeldes, bandidos, marginais, terroristas, jogando-os contra o povo e o conjunto de trabalhadores. Como as esquerdas reponderam a essa tática? Como as vanguardas responderam ao ataque sistemático, cotidiano que era feito sobre as bases de sustentação do movimento?

Por volta das 16 horas, um padre da Juventude Operária Católica aparece distribuindo um manifesto aos jornalistas. O manifesto é assinado por nove padres da região, apoia

os operários e ataca o governo.

Na Folha de São Paulo de 6ª feira, 19/07 ,
Manchete principal:

"Com a tomada pela F.P., da sede do síndica
to dos metalúrgicos, foi garantida a posse do interventor e

ESVAZIA-SE A GREVE EM OSASCO"

Uma fotografia mostra o interventor entran-
do, protegido por soldados da F.P.

Diz ainda:

"Para Passarinho, a greve de Osasco já está
superada...."

A sede do sindicato foi ocupada militarmen
te às 5 horas da manhã.

Soldados da Força Pública, armados de fu-
zis, guardavam a sede do sindicato.

O jovem JOSÉ CAMPOS BARRETO era interrogado
pela polícia.

"Esvazia-se aos poucos a greve, embora os
sindicatos continuem a orientar seus associados a prosseguir no
movimento...."

Dizia ainda o jornal que a COBRASMA funcio-
nou nos três períodos. Era verdade?

BROWN BOVERI - parada

LONAFLEX - parada

SOFUNGE - problema resolvido: o líder
sindical foi reintegrado e fizeram o pagamento das indenizações
aos demitidos.

"MAIS PRISÕES"

47 pessoas foram presas ontem por um choque
da F.P. na Igreja Matriz de Santo Antonio, em Osasco. Falava-se
que "os líderes sindicais iriam fazer da igreja um ponto de reu

nião".

A polícia suspeita que padres de Ação Católica Operária, e membros da Juventude Operária Católica tenham ajudado a fomentar a greve.

O Sr. Newtair Pithan e Silva tomou posse às 10 horas.

5 horas - 50 soldados da F.P. desalojaram e prenderam 120 trabalhadores, que se recusavam a sair da sede, 20 mulheres, um menor e dois padres dominicanos. O interventor chegou ao sindicato protegido por forte aparato policial, formado de metralhadoras, "Winchesters" 44 e fuzis.

A polícia prendeu ainda 50 homens que faziam "rodinhas" ou piquetes. As prisões continuaram durante toda a manhã e à tarde.

13:40 horas - Chega ao sindicato o deputado federal MÁRCIO MOREIRA ALVES, do MDB da Guanabara, com uma comitiva formada por 24 sindicatos da GB. Disse que vinham para falar com os trabalhadores. Convidado a falar com o interventor, recusou-se, dizendo que não o considerava um interlocutor válido entre o representante do povo e os trabalhadores. Disse:

"essa intervenção é um ato ilegal, a respeito do qual o ministro do trabalho deverá se explicar."

Acrescentou que todo movimento reivindicatório é considerado ilegal pelo governo.

"Acho que os operários de Osasco é que tem razão, quando dizem que "nossa fome é ilegal". Para mim ilegal é o ministro Passarinho, ilegal é o governo do Sr. Costa e Silva, que tomou o poder por eleições indiretas, e sem consentimento do povo."

Sobre José Barreto diz o jornal:

"JOVEM DE 21 ANOS É DETIDO COMO PRINCIPAL ORIENTADOR DA GREVE"

Barreto disse, no momento em que foi preso, que tinha o revólver para se proteger do Comando de Caça aos Co-

munistas - C.C.C.

A polícia o considerava um agitador, filiado do ao PCB, da ala comandada por Carlos Marighela. Participava do movimento estudantil. Na fábrica era apontador.

Levantavam os principais suspeitos de liderança na greve: JOÃO PENTINO DA SILVA, JOSÉ IBRAHIM, JOSÉ GROFF, NATANAEL CUSTÓDIO BARBOSA, SIDNEY LEITE, JOÃO FRANCISCO, ANTONIO LEME MOURÃO, WALDEMAR CASEMIRO, JOÃO BATISTA CÂNDIDO, LUIZ CARLOS DIMOV, MANOEL MACHADO e ARTUR DOS SANTOS, todos presos, menos JOSÉ IBRAHIM.

Foi preso também o Padre Francês PIERRE VAUTIER, e o Padre Brasileiro ANTONIO ALMEIDA SOARES.

OPINIÃO DOS PATRÕES

O Sr. LUIS E. BUENO VIDIGAL FILHO, um dos diretores da COBRASMA e da BRASEIXOS, 2.700 funcionários, falou:

"No atual movimento, não houve negociações entre as duas partes porque os grevistas nada reivindicaram diretamente, e não quiseram dialogar.

Essa reivindicação vaga de 35 %, a que o sindicato se refere, é naturalmente impossível nas condições atuais do país, que se esforça numa arrancada anti-inflacionária."

O Sr. ALDO VIARENGO, um dos diretores da LONAFLEX (400 empregados), disse que uma Comissão Interna existente na fábrica garante o diálogo entre operários e dirigentes. Considera que os movimentos reivindicatórios dos operários são justos, mas que, nesse caso os dirigentes foram pouco hábeis:

"Como se pode dialogar com pessoas que cortam os fios dos telefones e fecham os diretores dentro das fábricas?"

O Sr. Viarengo pulou um dos muros da fábrica, para sair a tempo de assinar um "documento importante e de interesse dos próprios empregados"

E acrescentou ver no movimento uma certa ingenuidade, sofrendo influencia dos acontecimentos de maio na França

ça.

Mas a participação dos patrões em todo o movimento foi pequena, se comparada com a ação do dispositivo militar - estatal. A ocupação criou um problema militar. A reação à ocupação foi a força das armas.

Agora, o Sr. Viarengo pular muro da fábrica para resolver problemas dos operários. É uma coisa muito esquisita. Um tremendo gesto heroico, de um grande pai, de altíssima filantropia....

Já na Folha de São Paulo de sábado, 20/7/68, chamando a atenção, na 1ª página:

"O General ALBUQUERQUE LIMA, ministro do Interior, advertindo quanto às agitações, previstas para agosto, afirma...:

"A RESPOSTA SERÁ O SÍTIO"

e na última página

"POUCOS TRABALHADORES FALTARAM ONTEM EM OSASCO"

E dizia que, ontem, todas as fábricas de Osasco funcionaram normalmente.

Só faltava completar dizendo: todas as fábricas, menos as que estavam em greve. Em outras empresas havia um clima de apreensão, de insatisfação e de revolta!

A greve acabou? Mas, acabou mesmo? Era o que estavam dizendo!

Ou será que as fábricas funcionaram não normalmente?

E continuava o ataque contra o movimento:

"O público retirava-se do teatro Galpão, no final do espetáculo "Roda Viva" de Chico Buarque de Holanda, anteontem à noite, quando um grupo de uns 20 homens armados de casacas, facas, soco-ínglês, bombas de gas lacrimogêneo (não usa

das) e pelo menos dois revólveres, invadiu a platéia, espancou os artistas e parte do público, e entregou-se a um metódico trabalho de depredação..." (Folha de São Paulo, domingo 21/7/68)

O Jornal de 3ª feira, 23/07, insiste na idéia de que as fábricas voltaram a funcionar normalmente, mas continuavam as prisões de operários e estudantes:

"OSASCO TRANQUILA CONTINUA POLICIADA"

Enquanto Osasco, fortemente policiada, volta à normalidade, trabalhadores debatem com o General GAYA na DRT solução para a crise."

Eram mais ou menos 200 representantes operários.

Mas se a cidade está tranquila, por que o forte aparato policial?

Se a função dessa polícia era manter a ordem, e havia tanta polícia nas ruas, era porque alguma coisa não estava em ordem.

O padre Vautier é expulso do país, pelo Ministério da Justiça, acusado de ter tomado parte no plano de instalação de um comando operário na paróquia da cidade.

Comunicado da União Estadual de Estudantes-U.E.E.S:

"Osasco ainda continua parado, embora a "imprensa livre" diga o contrário."

Os alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP vão realizar comícios relâmpagos, no centro da cidade, ao meio dia, para apoiar os grevistas.

COMITÉ DE JORNALISTAS

Também está sendo distribuído um manifesto assinado pelo "Comitê de Solidariedade e Mobilização dos Jornalistas". Trechos:

"...os operários de Osasco já deram o exemplo, e apontam o caminho de luta para todos os trabalhadores...."

espancamentos, perseguições, prisões, intervenções nos sindicatos, são as armas dessa ditadura para manter as leis do arrocho. A resposta a essa violência é a continuação da luta. Por isso, nós, jornalistas de São Paulo, estamos solidários com os trabalhadores de Osasco."

Outro panfleto do mesmo Comitê denuncia "a censura que a classe sofre, censura essa que impossibilita mostrar ao público aquilo que de fato acontece."

Na Folha de São Paulo de 24/07, quarta-feira, 1ª página, em baixo, a cavalaria da F.P. nas ruas de São Paulo:

"Trezentos estudantes movimentaram ontem a cidade com nova passeata, que partindo de três pontos diferentes, teve como ponto final a Praça da Sé. A manifestação foi de apoio aos operários de Osasco."

Na última página:

"POLÍCIA NAS RUAS CONTROLA MANIFESTANTES"

Partindo de três pontos diferentes: largo do Paçandu, Praça Dom José Gaspar e Praça Dom Pedro II, a passeata com cerca de 300 pessoas convergiu para a Praça da Sé. Eram estudantes, intelectuais, artistas e donas de casa, que recolhiam fundos para os operários de Osasco em greve.

44 Cavaleiros, "tatus", "brucutus" e cães pastores da F.P. ocuparam a Praça da República de meio dia até as 17 horas.

O DOPS dizia que os líderes do movimento eram:

José Dirceu - que seguia a "linha de Moscou"
Catarina Meloni - da "linha cubano-chinesa"
e Luiz Travassos - da "linha cubana".

"OPERÁRIO PEDE AOS ESTUDANTES APOIO PARA O MOVIMENTO DE OSASCO"

O operário disse que "a greve de Osasco, ao

contrário do que noticiam os jornais, continua. Os operários organizam piquetes, que agem fora das vistas dos policiais, e tem conseguido muitas adesões à greve.

No fim de semana houve um recuo, pois para mos para nos organizar. Mas na 2ª feira, quando voltamos a agir, o número de operários, que não compareceu ao serviço foi maior que o de 6ª feira.

Precisamos continuar a greve para conseguirmos a adesão de outros setores operários de Santo André e do ABC....

Os outros setores operários não aderiram ainda porque estão dominados por pelegos sindicais ."

Havia um Comitê de Solidariedade, formado por estudantes, operários, intelectuais e artistas, articulando as ações, e iam fazer panfletagens em fábricas e bairros.

As negociações entre os operários e o delegado regional do trabalho, General Gaya, fracassaram.

Na edição de 25/07 diz o jornal que o ministro do trabalho depois de se reunir com delegados regionais de vários estados, para avaliar as reivindicações de operários, e tentar entender os motivos de inquietação,

"ALERTA CONTRA O EXTREMISMO"

No Rio de Janeiro a Polícia Militar dissolveu uma concentração de artistas, intelectuais e estudantes nas escadarias do Teatro Municipal. Os manifestantes cobravam pé dágio na Avenida Rio Branco com o objetivo de apoiar os operários em greve. Protestavam também contra a depredação do teatro Ruth Escobar.

Passados dez dias de greve o interventor do sindicato dos metalúrgicos dizia que ainda havia crise em Osasco.

No Rio, Passarinho advertia contra a "infiltração extremista" nos sindicatos. Queria dar a entender que a agitação decorria de ação de subversivos, socialistas, militantes de organizações revolucionárias.

Porém, revolucionários não eram os homens do governo? Curioso é que eles não se diziam revolucionários. Comemoravam o golpe militar de estado de 1º de abril de 1964, como a "REVOLUÇÃO DE 64", a "REDENTORA", a "SALVADORA", a "GLORIOSA".

Os ativistas sindicais, os líderes de massa, os militantes revolucionários, os artistas e intelectuais populares eram chamados extremistas.

Na cidade operária de Osasco, as fábricas continuavam vigiadas por tropas da F.P., embora a situação fosse de "aparente calma".

As empresas queriam demitir em massa os implicados na greve, o que causaria maiores problemas.

Após dez dias, quando a greve foi chegando ao final, os patrões começaram a entrar em cena: ameaçavam demitir todos os operários implicados na greve e

"MINISTRO NÃO QUER REPRESÁLIA CONTRA OPERÁRIOS"

O Ministério do Trabalho aparentava proteger os operários.

Primeiro esmaga e arrebenta, depois finge cuidar dos pobres, coitados, e indefesos trabalhadores que foram enganados pelos seus líderes, agitadores, e subversivos. Há efetivamente falta de entendimento entre os patrões e o Estado, neste momento? Por que o impasse? Por que a crise?

Representantes de 15 sindicatos e mais 14 delegados do 5º Congresso de Trabalhadores nas Industriais Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de São Paulo, que se realiza em São José dos Campos tentam mas não conseguem falar com Passarinho.

Em geral esses sindicalistas eram contra a intervenção no sindicato, e a falta de atendimento às reivindicações dos trabalhadores.

Um trabalhador presente na DRT disse que a COBRASMA já tinha dispensado 200 operários e calculava que mais 400 seriam despedidos nos próximos dias.

A 27 / 07:

"CENTRO VIVEU QUATRO HORAS DE BALBÚRDIA"

Trezentos estudantes realizaram nova passeata em apoio aos operários em greve. Presas trinta pessoas e um homem ferido grave por um tiro da polícia.

Tropas da F.P. montaram seu Quartel General na Praça da República. Eram 600 soldados, vários "tatus", "brucutus", viaturas e carros de choque, e a cavalaria.

Houve vários choques entre policiais e estudantes, ao contrário da manifestação de anteontem.

No Anhangabaú, Santa Ifigênia, Largo do Café e rua São Bento, pequenos grupos de estudantes usaram rojões e fogos de artifícios, e rochas de garrafa, para derrubar os cavalos. Na rua São Bento um cavalo caiu, vítima desse estratagema.

Na F.P., soldados com cassetetes e bombas de gás. Um em cada seis levava um fuzil.

Pelo menos uma vez os soldados dispararam para o ar, para dispersar os estudantes.

Foram distribuídos cerca de 20.000 panfletos contra o governo e o arrocho salarial.

Lideraram os estudantes, JOSÉ DIRCEU, presidente da U.E.E., LUIS TRAVASSOS, Líder da UNE e Bernardino Ribeiro de Figueiredo, Presidente do Gremio de Filosofia da USP, que foi preso.

Várias estudantes presas carregavam "sprays" coloridos, com os quais pichavam paredes com os dizeres:

"SOLTEM O OPERÁRIO BARRETO"

"SÓ GREVE DERRUBA O ARROCHO"

Na praça da Sé o povo reclamava que não podia chegar aos locais de trabalho.

JOSÉ DIRCEU anunciava nova passeata para a

primeira semana de agosto, como protesto pela prisão dos estudantes, e em apoio aos grevistas de OSASCO.

O movimento estudantil ia assim marcando uma posição de destaque na sociedade.

O movimento operário não conseguiu avançar a greve para outras fábricas, e se retraía. O movimento estudantil avançava. Das Faculdades ocupadas, os estudantes começavam a ganhar as ruas, e enfrentavam a polícia.

O movimento social de propaganda, agitação e apoio da greve tornava-se maior que a própria greve.

D. AGNELO ROSSI, Cardeal Arcebispo de São Paulo oferece-se para mediar a crise em Osasco.

No jornal de 28/07, 1ª página, no canto:

"POLÍCIA PRENDE MAIS ESTUDANTES EM VILA MATILDE"

Estudantes universitários e secundaristas realizaram ontem distribuição de panfletos em alguns bairros da cidade, atacando a "repressão policial", apoiando os grevistas de Osasco, e condenando o arrocho salarial. Foram presos três universitários e um secundarista em Vila Matilde e dois secundaristas em outro local.

SOARES, da diretoria da UNE, anunciava as programações para a semana: comícios relâmpagos e panfletagens, durante o fim de semana. A partir de 2ª feira, saída às ruas, com as três mensagens:

- SOLIDARIEDADE AOS OPERÁRIOS DE OSASCO
- DENÚNCIA DAS PRISÕES
- DENÚNCIA DA REPRESSÃO

Prazo para a polícia soltar os presos até 2ª feira. Caso contrário, os estudantes farão 4ª feira uma manifestação de rua com a participação de intelectuais, artistas, escritores, o clero, bancários, operários, jornalistas, etc.

2ª e 3ª feira estaremos preparados para responder à violência (grupos pequenos para enfrentar a repressão à altura).

2ª feira, 29 / 07:

BARRICADAS NA FACULDADE DE FILOSOFIA

A Faculdade de Filosofia está ocupada, os estudantes estão ali acampados, e há um grande número de barricadas. Universitários e secundaristas se revezam na guarda das portas.

ESTUDANTES CARIOCAS VÃO ÀS FÁBRICAS

Estudantes cariocas decidiram iniciar um amplo movimento junto aos trabalhadores cariocas.

Em nota pequena, dentro do jornal, a 30/07, 3ª feira:

"Mediação de D. Agnelo obtém resultado: não haverá demissão em massa"

Mas e as outras reivindicações? A mediação evitava apenas que houvesse demissões?

Uma notícia, que parece engraçada, ou pelo menos esquisita, pois já se passavam treze dias desde a eclosão da greve:

Foi entregue ontem ao General Gaya nota elaborada pelos operários de Osasco, em colaboração com a Frente Nacional do Trabalho, contendo as reivindicações específicas de cada fábrica.

Talvez essa lista de reivindicações fora entregue para "constar em ata". Por que apenas agora entregavam a lista? Sem mobilização, sem greve, sem força de pressão para exigir ou negociar, pedir com "humildade", de cabeça baixa, arrependidos de seus atos? (agiam segundo os ensinamentos do cristianismo: "Eu me arrependo, Senhor, porque pequei!")

E as atividades estudantis prosseguiam, em apoio aos grevistas, e pedindo a libertação dos presos.

O movimento estudantil ocupara o lugar que o movimento operário não preencheria.

Não aconteceu a greve geral, nem o confronto de forças das massas contra o governo militar. Mas uma parcela significativa de jovens, estudantes e trabalhadores se lançou à luta. Havia um movimento forte, em conteúdo e forma. Havia uma nova perspectiva.

VIII - APENDICE 2 : ENTREVISTA DE JOÃO JOAQUIM
E JOAQUIM MIRANDA

Entrevista realizada e gravada na noite de 09/02/81 em Osasco com JOÃO JOAQUIM E JOAQUIM MIRANDA. Presentes os entrevistados e mais VALDEMAR do Partido dos Trabalhadores, DURVAL, da chapa da oposição dos metalúrgicos de Campinas e do Partido dos Trabalhadores e outras pessoas, que trabalhavam com a chapa 1, que concorria (e foi vencedora) na eleição do sindicato dos bancários de São Paulo.

Eu tinha um programa de entrevistas e me per^guntava Quem Entrevistar? e o que perguntar? Tinha resolvido por ordem de importância, conversar com:

- . Operários comuns, que participaram da Greve;

- . José Ibrahim.

Algum outro membro da diretoria do sindicato dos metalúrgicos de Osasco.

Alguns integrantes de comissões de fábrica;

- . Militantes de organizações políticas, e ativistas sindicais na época;

- . Militante da Frente Nacional do Trabalho - FNT;

- . Membro da oposição Sindical Metalúrgica ou bancária de São Paulo.

Algum estudante de atuação destacada e rela^{ci}onada com o movimento.

Tive muita dificuldade em levar esse progra^{ma} para frente, em achar as pessoas certas, em conseguir simples^{men}te conversar sobre o assunto, um assunto ainda muito desconhe^{ci}do, e as pessoas não querem falar, há medo, há angústia, há suspeita, muitos morreram, muitos foram presos, muitos desapare^{ce}ram... Tem muita verdade ainda para ser dita, mas também criou-se muita lenda, muito mito....

Bem, mas vamos à entrevista. Eu tinha orgaⁿizado e planejado as perguntas. Resolvemos começar com JOÃO

JOAQUIM e MIRANDA contando como foi se desenvolvendo o movimento. Antes, um aviso! A entrevista tem algumas falhas técnicas, devido a ruídos, falação baixa, palavras e frases que não dá para entender, que entretanto, acredito, não atrapalharão a compreensão global do texto. Mas, vamos lá!

JOÃO JOAQUIM: Tem os fatos assim que a gente mais viveu, no movimento, durante o período que a gente trabalhou aqui em Osasco. Os fatos que ocorreram e que a gente viu e que viveu. Eu comecei a trabalhar na COBRASMA, por volta de abril de 1961 até 1968. Durante esse período aí deu para perceber que já existia um movimento sindical dos trabalhadores, tanto é que eu entrei na COBRASMA numa semana, e na outra já estava sindicalizado, por um companheiro de base, e tinha também em Osasco a luta pela emancipação do município, que era um bairro de São Paulo e passa a ser em 62 município independente, e consequentemente o sindicato tinha uma luta também para deixar de ser uma subsede e ser um sindicato de Osasco, e durante esse tempo que eu trabalhei na COBRASMA teve greves em 62 e 63, uma ameaça de greve em 64 e umas cinco greves internas por uma série de reivindicações que tinha dentro da firma.

Tinha o pessoal que tinha desenvolvido a luta lá da Perus, e esse pessoal praticamente da FNT, tinha movido uma ação contra a COBRASMA por problemas de insalubridade, na fundição, na limpeza e acabamento, e nos altos fornos, onde havia mais poluição, e a firma não pagava insalubridade. Não existia refeitório também, e havia uma luta em torno disso aí, e consequentemente tinha um problema a resolver. O pessoal entrou com um processo, que foi vitorioso, envolvendo uns 600 (seiscentos) trabalhadores da fundição e limpeza e acabamento.

LUÍZ: Você trabalhava na Fundição?

JOÃO JOAQUIM: Na limpeza e acabamento, que era uma seção que trabalhava com jato de areia e era bem ligada à Fundição. Tanto é que uma vez teve uma greve na limpeza e acabamento e a Fundição também teve que parar. A gente não recebia as peças da Fundição, e como eles não tinham onde jogar as peças,

também tiveram que parar. Então, uma seção completamente dependente uma da outra.

E apesar dessa vitória desse processo de insalubridade, deu para perceber que muitos companheiros não estavam conscientes ainda da luta que era desenvolvida, porque na luta reivindicava-se a retroatividade do pagamento dos atrasados, e tinha companheiros que estavam trabalhando há 3 ou 4 anos e tinham ganho o processo, e quando receberam o pagamento a mais, ficaram perguntando se tinha havido aumento no salário. Tavam pagando a mais. Não sabiam de onde tava vindo aquele dinheiro. Então precisava haver um esclarecimento ao pessoal que aquele era um processo coletivo e a gente tinha ganho aquele processo. E com razão, na medida em que muita gente entrou na empresa com aquele processo em andamento, e não sabia realmente o que se passava. A maioria não sabia disso.

LUIZ: Então eram greves de seção? Nenhuma dessas greves que você falou eram greves totais da COBRASMA?

JOÃO JOAQUIM: Não. Mas as greves de 62 e 63 foram greves gerais. Mas essas outras que eu falei foram greves por seção, greves internas dentro da fábrica. Inclusive teve uma época, que eu não me recordo muito bem se 1965 ou 1966, é um fato que é bom falar, um companheiro que trabalhava nos altos fornos, e então ele estava fazendo a limpeza no forno. O forno é o seguinte: dá-se o nome de panela onde se despeja o aço para fundir as peças. Então à medida que a panela se levanta, fica aquele buraco onde se aloja a panela, e o companheiro estava fazendo a manutenção nesse buraco no alto forno, e os companheiros estavam fazendo a corrida do aço para fabricar as peças. Para ter uma idéia, uma panela dessas pesa cerca de 8 a 10 toneladas. E sempre sobra a escória, que sobra das corridas, mais ou menos uns 400 ou 500 quilos, que é jogada de volta no forno para fundir de novo junto com o aço. E esse companheiro tava lá fazendo a manutenção. Então, na medida em que o pessoal acabou a corrida, voltou para despejar a escória, e quando virou o ponteiro, caiu tudo em cima dele, e o corpo dele foi se queimando, se desfazendo

e então ele saiu praticamente acendido, a gente via o coração de le batendo assim, e ele foi levado para o hospital. E no dia se guinte, às 10 horas da manhã ia ser o enterro dele.

Então o pessoal fez uma comunicação interna dentro da firma, e no dia seguinte, quando foi 10 horas um compa nheiro puxou o apito, a sereia da companhia, e a seção inteira, aliás, a fábrica inteira parou cinco minutos em sinal de protes- to.

Então, aí foi quando o pessoal percebeu que os trabalhadores estavam se organizando, e eram capazes de fazer uma greve maior do que essa greve de cinco minutos. Então aí es se pessoal da Frente Nacional dos Trabalhadores - F.N.T. que já tinha uma certa experiência na Perus, na Aimoré, tinha assim um trabalho concreto de base dentro da COBRASMA, e em 1963 ou 1964, por incrível que pareça, na época do golpe, surge essa comissão, chamada comissão dos dez. Era uma comissão composta por 10 compa nheiros, que era praticamente assim parecida com uma comissão paritária, que reunia com a direção da empresa uma vez por mês. A reunião as vezes começava depois do almoço e não tinha ho ra para acabar, as vezes as 6, ou 7 horas da noite. Discutia vá- rios problemas com a diretoria: briga de operários com os chefes, equiparação de salários, atraso de pagamento, falta de refeitório, etc. Esses pepinos vinham para a comissão. Ela trabalhava autono ma do sindicato.... Então teve vários fatos que levaram ao sur- gimento dessa comissão.

LUIZ: Você fazia parte dessa comissão?

JOÃO JOAQUIM: Eu cheguei a fazer parte da comissão em 66. Em 65 fui suplente. Em 67 também fiz parte da co- missão e da chapa de oposição ao sindicato em 1967.... A comis- são foi dissolvida com a greve de 1968.

MIRANDA: O que eu acho dessa comissão da COBRASMA, que eu conheço é que ela provavelmente tinha só um com panheiro mais consciente, com mais experiência, que já tinha es tado em outros países, que era assim um pouco chefe da gente, que

era o CÂNDIDO, que agora está em São José dos Campos, era da FNT, que já tinha militado na JOC (Juventude Operária Católica). Era um líder, que via as coisas mais claro.... Porque que, da minha parte, via as coisas muito espontaneamente, sem muita malícia, sem perceber muitas coisas. Os outros, acho que não tinham essa consciência, não percebiam bem as coisas. Não seise o Ibrahim, que militava clandestino, tinha uma tática e uma estratégia para a comissão. Não tenho detalhes sobre isso...

LUIZ: Vocês sabiam que havia um comitê clandestino, o conjunto dos operários sabia da existência de um comitê clandestino?

MIRANDA: Eu não sabia. Pelo menos até 1966 não sabia... Tudo tem um processo. A comissão e a greve também teve um processo. Em 1962, por aí assim, ainda o pessoal da FNT, pessoal mais vivido, mais preparado, eles alugaram uma salinha de (3 x 4) defrente da COBRASMA, bem defrente de um portão da COBRASMA, e nessa salinha reuniam dez, doze, cinco, sete pessoas, toda 2ª feira à noite para conversar. Não tinha uma pauta muito definida não. Uma das coisas que a gente lia era um livrinho do padre Le Bret, "Princípios para ação". Esse livrinho dava alguns critérios para a ação das pessoas do ponto de vista cristão. A gente discutia bastante. Eu até gostava disso. Foi aí que eu comecei a participar mais diretamente da questão de vida operária. Eu vim do interior. Não tinha nenhuma perspectiva de vida. Vivia porque via a gente viver. Era assim a vida.

Da comissão, eu não trabalhava na COBRASMA, trabalhava numa firma vizinha, a BRASEIXOS, e ouvia falar muito da comissão nas reuniões de 2ª feira. Se falava muito de comissão. Eu sei que nesse meio uma das coisas determinantes é a vontade dos trabalhadores, mas também teve o que se pode chamar de conchavos. Eu sei, não é coisa fundamental, que um diretor da COBRASMA, que participava se não me engano do movimento familiar cristão, e então nesse meio existia um padre que ajudou meio na base do conchavo, lá por cima, que a comissão fosse aceita. Eu

não digo que isso é uma coisa ruim, eu só digo que esse tipo de coisa não é muito autêntica, quando uma coisa é feita por cima, de repente por qualquer coisinha se desfaz facilmente.

LUIZ: A BRASEIXOS não tinha comissão?

MIRANDA: Não. A Braseixos não tinha comissão. A Braseixos começou com um pequeno grupo uns seis meses antes da greve. Mais ou menos em janeiro de 68 a gente começou. Como a gente sabia da comissão da COBRASMA, sabia que estava dando certo, eles estavam ganhando força, tinham tanta força que eu me lembro muito bem que a diretoria colocou a cabeça de um engenheiro a julgamento da comissão. O engenheiro cometeu lá uma certa injustiça e a direção da fábrica disse: vocês decidem, se tiver que mandar ele embora, aí então eu mando. Isso então grava na cabeça da gente. A comissão tava com força. Então nós começamos a existir, um pequeno grupo no começo de 68. Mas também com a greve o grupo acabou.

LUIZ: E esse grupo da BRASEIXOS, também eleito?

MIRANDA: Não. Esse era clandestino mesmo. Nós estávamos numa fase de formação, e não podíamos reivindicar muita coisa, e também não tínhamos número bom de pessoas prá funcionar lá dentro. Eu comecei então, o primeiro lugar que encontrei gente prá conversar foi na Congregação Mariana. Foi lá que algumas pessoas, esse mesmo CÂNDIDO e outros começaram a ir nas reuniões e começaram a falar que os trabalhadores é isto, é aquilo, precisam se interessar pelo sindicato, só os comunistas que veem isto, eles tão tomando corpo antes da gente na produção. O que eu entendi daquele assunto era uma competição. Como se fosse uma competição entre comunistas e não comunistas, no meio de todos os patrões e todas as pessoas existentes.

Foi aí que eu comecei. Tinha um tal FREI CARLOS JOSAFÁ, que falava muito bem, fazia umas conferências explosivas, contagiantes. Fui muito a essas conferências. Alguns três ou quatro livros que li, que me ajudou bastante. Trabalhei sete anos na Braseixos, até a greve. O que a gente fazia espon-

taneamente, e que deu certo foi a força na hora da greve. Tem que ser força.

Já era diretor do sindicato em 65. Já tava na diretoria em 1965. A gente, como diretor do sindicato, o que fazia era quando alguém era suspenso e a suspensão era injusta, a gente ia até o Departamento Pessoal falar com o pessoal, tentava resolver esses problemas miudinhos do dia a dia na fábrica, sindicalizava pessoas, esclarecimentos sobre pagamentos de horas extras... A gente fazia era isso. Tentava resolver os problemas do dia a dia. Não tinha grandes problemas, como na COBRASMA tinha. A minha seção era pequena. Um^s trinta (30) pessoas da Seção de Afiação de Ferramentas.

.....A BRASEIXOS era bem organizada. Pagava bem, não tinha muitos problemas, diferente da COBRASMA, onde tinha muitos problemas.....

O que a gente fazia. Saia do serviço, ia tomar umas pingas, cerveja no bar, depois ia jogar bocha. A gente ia no casamento de algum companheiro, nalgum velório. Essas coisas assim, quando a gente ia no bar alguém tocava, cantava. A gente se reunia também para jogar truco. Eu não sabia que essa amizade tão forte é que ia sustentar a greve. Formou-se uma amizade muito grande, espontanea, que ajudou muito quando aconteceu a greve.

....Tanto que a minha seção é que puxou a greve e foi a última a voltar a trabalhar.....

A gente não tava pensando que ia haver uma greve em 1968, nem em 1980. Tem muito que ver com isso, com a amizade que nós tínhamos, que ajudou muito a sustentar a greve.

Eu digo isso porque nos dias de hoje há um esquerdismo muito grande. Tem muitas pessoas que se dizem militantes, e que começam a trabalhar na fábrica e dizem que as pessoas tem que ir às reuniões, assembléias do sindicato, e tem que reclamar dos patrões! Eu acho que a coisa não começa por aí, não! aqueles que tão interessados em fazer trabalho na fábrica não é coisa para um ano não, seis meses. Primeiro tem que se integrar e depois que as coisas forem acontecendo, aí as pessoas vão se

esclarecendo.....

LUIZ: Essa amizade que você fala na tua seção, havia em toda a BRASEIXOS, na COBRASMA, e nas outras metalúrgicas de Osasco, esse dia a dia assim como você falou?

MIRANDA: Eu desconheço. Eu digo até que na Lonaflex onde teve greve, foi uma greve forçada, bastante forçada. Na COBRASMA, bem a greve era uma exigência, mas nos outros lugares a greve foi por contágio. Sabe, é uma tendência de acompanhar. Se os de lá fazem uma coisa, os daqui também querem fazer. Tanto é que na Lonaflex, na Braseixos, na Barreto Keller a coisa saiu meio forçada. A greve teve três meses de preparação na COBRASMA, pelo que eu sei.....

Naquela época tinha umas vinte pessoas profissionais, militantes de partidecos que ajudaram a forçar a greve.....

A greve pra mim é uma coisa natural, é como diz lá o homem, o chefe da revolução russa, é uma escola. Todo mundo está sofrendo muito, e no meio de tanta angústia, de tanto sofrimento, alguém acende uma luz.....

LUIZ: Quer dizer que tinha organizações de esquerda presentes?

MIRANDA: Tinha. Tinha pelo menos umas quatro ou cinco.

LUIZ: E como você vê o papel dessas organizações políticas, elas ajudaram a avançar o nível de consciência dos trabalhadores, ou forçaram a situação, não favorecendo o movimento?

MIRANDA: Eu digo que a greve foi boa para aqueles que estavam começando a participar.... Agora, do ponto de vista do longo prazo não foi boa, tanto que nós estamos pensando até hoje por que o sindicato está nas mãos de gente que não representa nada, não sabe defender os trabalhadores.....

LUIZ: Do que eu tenho lido estavam presentes a antiga VPR, o PCB, a IVª Posição -

dista, AP (JOC), etc. Essas organizações não conseguiram fazer trabalho de fábrica, não conseguiram se ligar aos trabalhadores?

MIRANDA: É, havia um bocado de gente intelectual.... Tendências de vir logo com um jornal. Tome jornal. Juntava um saco de jornal.... Depois não tem onde colocar o mimeógrafo... Também já se falava de luta armada...

LUIZ: Muita gente nas assembleias do sindicato?

MIRANDA: Não, não eram assembleias grandes... Um fato a lembrar também e é bom destacar que na COBRASMA havia tradição de luta. Greves fortes em 54 e 58.

LUIZ: Depois vocês entraram no movimento pela disputa do sindicato, nas eleições de 1967?

MIRANDA: Em 64 houve intervenção no Sindicato. Em 65 a intervenção foi liberada. Mas a diretoria era escolhida pelos próprios interventores. Eu já tinha alguns interesse pelo sindicato, e participei dessa nova diretoria.

LUIZ: Bem, vamos falar da greve. Eu queria saber se houve alguma preparação para a greve? Como foi que aconteceu?

MIRANDA: Na minha fábrica não houve nenhuma preparação para a greve....

Na hora do almoço veio um falar comigo: você viu o pessoal da COBRASMA? Estão parados. Parece que estão em greve. E nós, hem? Aí eu falei: ah! Sei lá eu, não tenho nada que ver com isso. Depois veio outro, com a mesma conversa. E falava; E nós, hem? E ia embora. Eles vinham falar comigo porque eu era do sindicato. Dalí a pouco veio uns dez, quinze ou vinte. Aí eu acordei. Falei, ué, tá acontecendo alguma coisa diferente. Aí, depois que bastante gente falou: E nós, hem? Aí resolvemos ir para o sindicato, de noite, depois do serviço.

Lá resolvemos pela greve no dia seguinte .

lamos parar às 7:24 horas. Combinamos ficar dentro da fábrica. Imagine, estávamos em sessenta e decidimos fazer greve pelos oitocentos da fábrica (60 decidiram por 800). Mas, tudo assim de última hora, sem preparação, sem líder da greve.... Assim é difícil.... Nós tínhamos combinado. Aqueles sessenta estavam firmes. Combinamos de uns irem passando pros outros que a gente ia parar às 7:24 horas assim que tocasse a sirene.

Na minha cabeça tava assim: Bom, nós começamos a parar pela minha seção que era de Afiação de Ferramentas, onde eu trabalhava e o pessoal tava mais firme, porque era a seção que tinha mais gente na assembléia, depois vamos saindo pela fábrica e vamos engrossando. Passamos primeiro pela Ferramentaria e continuamos engrossando pelos corredores da fábrica, como se fosse uma passeata dentro da fábrica. A fábrica tem ruas, assim com faixas amarelas, eu conhecia bem a fábrica, cada seção.

E a coisa foi acontecendo assim mesmo. Quando deu 7:24 horas, tocou o apito, nós fomos saindo pelas ruas, onde passam as empilhadeiras. Éramos uns vinte.....

Ninguém tava tabalhando, mas acompanhar assim também não dá, a fábrica tem ruas onde passam as empilhadeiras, marcadas por tinta amarela. Eu conhecia a fábrica bem, cada seção, todas as seções. Eu sei que nessa andança por dentro da fábrica, a gente encontrava alguns chefes que perguntavam: O que tá acontecendo? Por que vocês tão parando? Vamos conversar? Aí a gente respondia: Hoje não tem conversa. Hoje não é dia de conversa. Depois veio um engenheiro. Eles entraram mais cedo. Não sei se vazou alguma coisa. Eles viram que a COBRASMA tava parada. O horário deles entrarem era 8:0 horas. Nesse dia eles entraram as 7:0 horas. E nós tínhamos combinado para logo cedo, porque era mais fácil prá nós.... aí vinha um, vinha outro: Vamos conversar, a gente nem sabe o que vocês querem? (Aí, alguém na sala de entrevista brincou: é, nem vocês mesmos sabiam o que queriam!) Ao que Miranda respondeu: Não, era solidariedade mesmo!

Aí pela terceira volta na fábrica todo mundo, a maioria, parou mesmo. Aí saímos pelo portão principal da

fábrica e fomos para o pátio, ainda dentro da fábrica, porque lá dentro não dava. Para ficar lá dentro era preciso, pelo menos, que cada um soubesse que era pra ficar lá dentro.

Eu sei que nesse meio aparece muita gente que a gente não espera, aparecem pessoas, apareceram uns dez ou doze que ajudaram muito. Que ajudam a fazer as coisas. As vezes fazendo cagadas, mas em geral ajudam. Então aconteceu um lance curioso. Quando chegamos ao portão, um cara que era diretor da companhia falou: abre o portão, aí! Hoje não tem trabalho! Aí eu falei: Não abre não! E ele não abriu!

É a força do movimento! Nessa hora a relação de forças começa a aparecer, e as coisas se modificam: aquele que era parecido um se mideus, ou deus, cria um pé de barro e começa a cair. Aí o que resolvemos fazer era ir para o sindicato....

Mas o sindicato estava tomado pela polícia. Então resolvemos ir para a Igreja. Eu acabei preso nessa Igreja de Osasco.

Bem, aí tem uma coisa que eu não sei se vale a pena contar. Tinha nascido a minha filha, que foi batizada na delegacia de Osasco, onde eu estava preso. Teve alguém que falou: Ela vai se chamar Liberdade! Ainda na delegacia tinha um companheiro que tava com uma cara de choro. Eu falei prá ele: Tá vendo essa coisa escura, essa mancha preta aí no chão! E ele falou: Tou! Pois é, isso é resto de arroz que eles dão prá gente comer. Não isso não é nada não, é só fantasia minha. Depois de três dias eu saí.

LUIZ: João Joaquim, e na COBRASMA como foi?

JOÃO JOAQUIM: Bem, como ele disse, na COBRASMA, a greve foi mais organizada... A comissão já era formada por dezoito efetivos e dezoito suplentes... A gente já era dirigente sindical. Eu fazia parte da direção da executiva, como se cretário.

O pessoal da direção da empresa rompeu um a cordo que tinha com a comissão. A gente não tinha nenhum documento. O acordo tinha sido verbal. Os membros da comissão tinham es

tabilidade de seis meses. E dois companheiros da comissão foram mandados embora pela direção da empresa, que rompeu o acordo que tinha feito com a comissão....

Tinha acontecido concentrações operárias em Campinas, Osasco, Guarulhos e São Paulo. E teve o 1º de maio de 68 que foi muito importante na história do movimento. Foi o MIA - Movimento Intersindical Antiarrocho quem organizou o 1º de maio. O 1º de maio foi na Praça da Sé e tinha umas 10.000 pessoas. (Foi organizado oficialmente pelas autoridades do governo e os operários de Osasco decidiram participar. Como sabiam que ia ter polícia resolveram ir preparados. Prepararam um esquema e foram)....

Houve um primeiro avanço devagar da massa sobre o palanque, e teve uma pequena resistência da segurança. Aí aconteceu um segundo avanço forte da massa sobre o palanque e o pessoal de cima correu. O SODRÉ levou umas cacetadas e correu para a Igreja da Sé. Então a classe tomou o palanque. Pena que o IBRAHIM também correu nessa hora, e só foi aparecer uma semana depois. Depois de tomado o palanque, a massa derrubou o palanque, tocou fogo e saiu em passeata da Praça da Sé para a Praça da República e lá fizemos um outro 1º de maio. Engraçado que quando a gente chegou na Praça da República, tinha uns irmãos lá, fazendo umas orações no coreto da praça. Aí eles foram pegando os violões, viola e trombone, e saíram correndo. A turma colocou na frente um cartaz grande do Che. Lá discursaram uns sete ou oito companheiros, e depois a turma dispersou e voltou pras suas casas.

No dia seguinte houve ameaça de intervenção no sindicato de Osasco e cassação do mandato de Ibrahim. Conversando com o GAYA, que era delegado do trabalho, a gente falou que o rapaz era bom, novo, inexperiente e tal, e que então cassasse a diretoria toda, e com aquelas ponderações todas, depois de passada uma semana o Ibrahim voltou. A gente continuou o trabalho.

Aí teve dois companheiros da comissão que foram mandados embora, e foi então rompido o pacto que tinham feito com a comissão.....

MIRANDA: Os dois eram delegados de empresa, eram de grupos trotskizantes e defendiam palavras de ordem de luta armada nos discursos, etc. e tal.

LUIZ: Barreto trabalhava na COBRASMA?

MIRANDA: Começaram a aparecer pichações....

JOÃO JOAQUIM: Falava-se de Che Guevara, da luta do Vietnã... Falavam que os operários tinham que se organizar para a tomada do poder... Parecia que eram os grupos mais radicais do Brasil...

Havia duas posições: um grupo achava que devia fazer a greve para fins de outubro começo de novembro, época do dissídio, e outro grupo achava que devia fazer a greve imediatamente. Venceu a posição de greve para outubro - novembro. Então a maioria do pessoal decidiu preparar a greve para fins de outubro, começo de novembro, e o outro grupo começou a trabalhar de uma forma mais ou menos paralela. O grupo mais radical era pela greve imediatamente.

Outro fato a ser lembrado também era que os estudantes e certos profissionais liberais de esquerda se consideravam a direção do movimento. Eles achavam que os trabalhadores tinham de obedecer as palavras de ordem deles. O ZÉ IBRAHIM mesmo tinha feito o colegial e depois o SENAI, e quando entrou na COBRASMA não sabia se ia para a Faculdade ou se ficava metalúrgico. Aí decidiu ficar. E havia ligações com o movimento estudantil. JOSÉ DIRCEU DE OLIVEIRA e SILVA, TRAVASSOS e outros estudantes sempre desciam para Osasco para dar apoio, e atuavam junto com o pessoal, e iam passando suas palavras de ordem no meio da classe operária.

Os trabalhadores não tinham consciência de seu processo. De que eles é que determinam seu caminho, e não os estudantes. Então a greve foi mais ou menos organizada por grupos. Não foram os trabalhadores que decidiram fazer uma greve por causa disso, disso e daquilo. Foram grupos externos que chegaram aqui e disseram vamos fazer uma greve para barrar o aumen-

to do custo de vida, e conseqüentemente saiu a greve.

O movimento foi tão radical que os portões foram soldados. Não entrava ninguém, nem saia... Os dirigentes da empresa foram presos... A imprensa também não tinha acesso... A greve foi marcada para as 8:00 horas da manhã. Funcionou um esquema completo. O cara que puxou o apito lá foi um dos estudantes. Felizmente, a classe obedeceu. Organizaram e prepararam tudo. Organizaram grupos dentro da fábrica. Houve várias assembleias....

Às 3 ou 4 horas da tarde um funcionário do Ministério do Trabalho apareceu lá, e ficou acertada uma reunião no Sindicato. Lá nos propuseram 10 % de aumento, a volta dos dois companheiros e o resto se discutiria depois, mas não houve acordo. Houve uma tendência do grupo que estava mais interessado nessas reivindicações em aceitar, mas havia um outro grupo, da ala mais combativa da COBRASMA que disse não. Ou os 35 % de aumento e todas as demais reivindicações, ou a greve continua. Houve depois uma nova reunião, em que foi feita a mesma proposta e pediram ponderação e isso e aquilo.....

As 10 horas, 11 horas da noite derrubaram o portão e invadiram a fábrica. Um jipe do exercito derrubou o portão. Houve muita luta. Pessoas que saíram carregadas para ambulancias. Muitos saíram machucados. Foram presas mais ou menos trezentas pessoas.

Áí a gente foi pro sindicato. Nessa altura acho que o IBRAHIM já estava com um esquema clandestino, e ele não pode ir.

OBSERVAÇÃO: Por problemas técnicos, o resto da fita está ininteligível. Vai aqui um resumo.

A polícia tomou o sindicato naquela mesma noite. Quando JOÃO JOAQUIM ouviu que a polícia estava chegando convidou um companheiro para saltar da janela do segundo andar do sindicato. O companheiro vacilou. JOAQUIM pulou lá do alto e caiu em cima de uma moita de cana, e foi embora. Depois tentaram arti

cular alguma coisa, já que o sindicato estava tomado e as dire
ções praticamente clandestinas. Marcaram uma reunião numa Igreja
de Osasco, e quando estavam lá dentro, a polícia cercou o local e
invadiu a Igreja. MIRANDA foi preso na sacristia, e JOAQUIM es
condeu-se no confessionário.....

Na opinião de JOÃO JOAQUIM e MIRANDA, sobre
um balanço da greve, ambos consideraram a greve um movimento pre
maturo.

CAMPINAS, 28/12/82

IX - MATERIAL PESQUISADO

I. LIVROS E ARTIGOS

ALESSIO, Nancy; HIME, Maria Aparecida Alves; MAGALHÃES, Irene Maria. Artigo: Segundo e Terceiro Ano do Governo COSTA e SILVA (cronologia). Revista DADOS. IUPERJ. Rio de Janeiro/RJ.

ALVES, Denysard e SAYAD, João. Artigo: O Plano Estratégico de Desenvolvimento, em: Planejamento no Brasil. Betty Mindlin Lafer (organ.). Editora Perspectiva. São Paulo. 1975.

BANDEIRA, Moniz. Cartéis e Desnacionalização. (a experiência brasileira: 1964-1974). Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1974.

BASBAUM, Leoncio. História Sincera da República. De 1961 a 1967. Volume 4. 1ª Edição. Editora Fulgor. São Paulo 1968.

BLANCO, Hugo. Terra ou Morte. Editora Versus. São Paulo. 1979.

BONELLI, R. e MALAN, P. S. Os Limites do Possível. IPEA. Rio de Janeiro. 1976.

BRANDT, Vinicius C. Ouvriers et Syndicats du Brésil. Sociologia du Travail, nº 3, Paris, 1967.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira; CARDOSO, Fernando Henrique e Outros. São Paulo 1975 Crescimento e Pobreza. Edições Loyola. São Paulo. 1976.

CANABRAVA Filho, Paulo. Militarismo y Imperialismo en el Brasil. Editorial Tiempo Contemporaneo. Buenos Aires. 1970.

CANDAL, A. A. Industrialização Brasileira: Diagnósticos e Perspectivas. Ministério do Planejamento. 1969.

- CASO, Antonio. A Esquerda Armada no Brasil. 1967 / 1971. Título Original: Los Subversivos. Copyright de Casa de Las Americas, La Habana, Cuba. Tradução de Thiago de Mello. Moraes Editores, Portugal. 1976.
- COSTA e SILVA, Arthur. Pronunciamentos do Presidente. Tomo I e II. Presidência da República. Secretaria de Imprensa e Divulgação Brasília. 1983.
- CRUZ, Sebastião C. Velasco e; MARTINS, Carlos Estevam. Artigo : De Castelo a Figueiredo: uma incursão na pré-história da abertura. em: Sociedade e Política no Brasil pós-64. Editora Brasiliense. São Paulo. 1983.
- DELICH, Francisco. Crisis y Protesta Social. Cordoba. Mayo. 1969. Buenos Aires. 1970.
- DIAS, Otacilio. A Área Industrial de Osasco (análise de geografia Económica). Tese de Doutorado. Faculdade Municipal de Ciências Econômicas e Administrativas de Osasco. São Paulo , 1970.
- DREIFUSS, René Armand. 1964: A Conquista do Estado - Ação Política, Poder e Golpe de Classe. Editora Vozes. Petrópolis. RJ. 1981.
- EINAUDI, Luigi R. artigo: La Política de Estados Unidos Hacia América Latina em la Decada de 1960: Nuevas Formas de Control em Relaciones políticas entre América Latina Y Estados Unidos. I. Cotler y R. Fagen, compiladores. Amorrortu Editores. Buenos Aires. 1974.
- ENGELS, Friedrich. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. Editorial Presença. Portugal. 1975.
- FAUSTO, Boris. Trabalho Urbano e Conflito Social (1980-1920). DIFEL. RJ. 1977.

- FAY, Victor; GORZ, André; MASI, Edoarda; MOTTURA, Giovanni; ROS SANDA, Rossana; SARTRE, Jean Paul. Teoria Marxista del Partido Político. Volume 3. Cuadernos de Pasado y Presente. Siglo XXI. Argentina. 1 973.
- FERNANDES, Florestan. A Ditadura em Questão. T.A. Queiroz Editor. São Paulo. 1 982.
- FRATI, Rolando. Artigo: Contribuição ao Estudo do Movimento Operário. Do Levante de 1 935 à Constituinte de 1 946. Revista Debate nº 20. São Paulo, 1 976.
- _____. Artigo: Contribuição ao Estudo do Movimento Operário. Da greve de 1 953 ao Golpe fascista. Revista Debate . São Paulo. 1 976.
- FREITAS, Alípio de. Resistir é Preciso. (Memória do Tempo da Morte Civil do Brasil). Record. Rio de Janeiro. 1 981.
- GABEIRA, Fernando. O que é ISSO, Companheiro. Edições CODECRI (O Pasquim). Rio de Janeiro. 1 980.
- GORZ, André e Outros. Francia 1 968: Uma Revolución Fallida? Córdoba. Cuadernos de Pasado y Presente. Siglo XXI. 1 970.
- GRAMSCI, Antonio. Obras Escolhidas. Volume II. Editorial Estampa Portugal. 1 974.
- _____. e Outros. Consejos Obreros y Democracia Socialista. Cuadernos de Pasado y Presente. Córdoba. 1 972.
- GUERRA, Rivaldo. A Recuperação da Economia em: Perspectivas do Desenvolvimento Brasileiro. Editorial Vésper. Rio de Janeiro. 1 971.
- HARDMAN, Francisco Foot. Nem Pátria, Nem Patrão (vida operária e

- Cultura anarquista no Brasil). Brasiliense. São Paulo. 1983.
- HARDMAN, Francisco Foot. Artigo: O movimento operário e a revolução de 30, em Brasil História - Volume 4 - Era de Vargas. Antonio Mendes Jr. e Ricardo Maranhão (organ.) Brasiliense. São Paulo. 1982.
- IANNI, Octavio. Estado e Planejamento Econômico no Brasil (1930 - 1970). Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1975.
- JELIN, Elizabeth. Espontaneidad y Organización en el movimiento obrero. Revista Latinoamericana de Sociología, nº 2, Argentina, 1975.
- LEITE, Marcia de Paula e SOLIS, Sidney S.F. O último Vendaval: a Greve dos 700.000. Revista Cara a Cara. UNICAMP.
- LENIN, Vladimir Ilitch. Que Fazer? Editorial Estampa. Lisboa/73.
- _____ ; LUKACS, Georg; LUXEMBURG, Rosa. - Teoria Marxista del Partido Político - Volume 2 - Cuadernos de Pasado y Presente. Argentina. 1972.
- _____. O Estado e a Revolução. Diálogo Livraria e Editora. Rio de Janeiro.
- LUXEMBURGO, Rosa. Greve de Massas, Partido e Sindicatos. Siglo XXI. Argentina.
- MACCIOCCHI, Maria Antonieta. A Favor de Gramsci. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1976.
- MAGRI, Lucio; CERRONI, Umberto; JOHNSTONE, Monthly. Teoria Marxista del Partido Político. Volume 1. Cuadernos de Pasado y Presente. Argentina. 1975.

- MARANHÃO, Ricardo. Artigo: Sindicato x Comissões de Fábrica: uma falsa alternativa. Revista Cara a Cara. UNICAMP. São Paulo . 1 978.
- MARINI, Ruy Mauro. Subdesarrollo y revolución. Siglo Veinte uno Editores. México. 1 969.
- _____. Lucha Armada y Lucha de Clases en Brasil. Texto mimeografado. Santiago do Chile. 1 972.
- MARONI, Amneris A. A Estratégia da Recusa (Análise das greves de maio/78) Dissertação de Mestrado. UNICAMP. CAMPINAS / SP. 1 981.
- MARTINS, Carlos Estevam. Artigo: Brasil - EUA em la década de 60 . em: Relaciones Políticas entre America Latina y EUA. J. Co tler y R. Fagen (org.). Amorrortu. Buenos Aires, 1 974.
- MARX, KARL e ENGELS, Friedrich. Escritos Inéditos sobre Sindicalismo. Editorial abraxas. Buenos Aires. 1 974.
- MATOS, Olgaria C.F. Paris 1 968: As barricadas do Desejo. Brasi liense. São Paulo. 1 981.
- MIRANDA, Oldach e JOSÉ, Emiliano. Lamarca, o Capitão da Guerri lha. Global Editora. São Paulo. 1 980.
- MOISÉS, José Álvaro. Movimento de Emancipação Municipalista de O sasco. Revista do Centro de Estudos Noel Nutels. Niterói. RJ. 1 977.
- MORENO, Nahuel; BLANCO, Hugo; CAMEJO, Peter; HANSEN, Joseph; LO RENZO, Anibal. Argentina y Bolívia: Un Balance. Texto mimeo - grafado.
- MOURÃO filho, General Olympio. Memórias: A verdade de um Revolu - cionário. L e PM Editores. Porto Alegre. Rio Grande do Sul/78.

- MUNAKATA, Kazumi. A Legislação Trabalhista no Brasil. Brasiliense. São Paulo. 1981.
- NEVES, Lucília de Almeida. O Comando Geral dos Trabalhadores no Brasil. 1961-1964. Dissertação de Mestrado. UFMG. Belo Horizonte. MG. 1979.
- NUNES, Lucia Maria Gaspar. Cronologia do 1º ano do Governo COSTA e SILVA. Revista DADOS nº 4 (1968). IUPERJ. RJ.
- OLIVEIRA, Eliezer Rizzo de. As Forças Armadas: Política e Ideologia no Brasil. (1964-1969). Vozes. Petrópolis. 1976.
- OLIVEIRA, Francisco de. A economia da dependência imperfeita. Graal. Rio de Janeiro. 1977.
- PEDREIRA, Fernando. Brasil Política (1964-1975). DIFEL. São Paulo. 1975.
- QUARTIM, João. Artigo: La nature de classe de l'Etat brésilien (1). Revista Le Temps Modernes. Paris. 1972.
- RODRIGUES, Albertino. Sindicato e Desenvolvimento no Brasil. DIFEL. São Paulo. 1968.
- RODRIGUES, Leoncio Martins e MUNHOZ, Fabio Antonio. Bibliografia sobre trabalhadores e sindicatos no Brasil. Estudos Cebrap 7. São Paulo. 1974.
- SAES, Decio Azevedo Marques de. Classe Moyenne et Systeme Politique au Brésil. Tese de Doutorado.
- SIMÃO, Azis. Sindicato e Estado. Dominus - EDUSP. São Paulo/1966.

- SINGER, Paul. A crise do milagre. Paz e Terra. Rio de Janeiro/77.
- _____. Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana. Rio de Janeiro 1968.
- SUZIGAN, W. Crescimento Industrial no Brasil: Incentivos e Desempenho Recente. IPEA . RJ. 1974.
- TAVARES, Maria Conceição. Acumulação de Capital e Industrialização no Brasil. Tese de Livre Docência. Rio de Janeiro. 1975.
- _____. Artigo: Comentário ao artigo de Carlos E. Martins em Relaciones Políticas entre America Latina y Estados Unidos. I. Cotler y R. Fagen (compil.). Amorrortu. Buenos Aires. 1974.
- TAVARES de Almeida, Maria Hermínia. Artigo: O sindicalismo brasileiro entre a conservação e a mudança, em: Sociedade e Política no Brasil pós - 64. Brasiliense. São Paulo. 1983.
- TROTSKY, Leon. O Programa de Transição. A Agonia Mortal do Capitalismo e as Tarefas da IVª Internacional. São Paulo. 1979.
- _____. Escritos sobre Sindicato. Kairós. São Paulo/78.
- VIANNA, Luiz Jorge Werneck. Sistema Liberal e Direito do Trabalho. Estudos Cebrap 7 - São Paulo, 1974.
- WEFFORT, Francisco C. Participação e Conflito Industrial: Contagem e Osasco - 1968. Caderno 5. Cebrap. São Paulo, 1972.

2. REVISTAS E JORNAIS

- AGRICULTURA EM SÃO PAULO (revista). Secretaria da Agricultura de São Paulo.
- CARA A CARA (revista) - UNICAMP - Campinas.
- CONJUNTURA ECONÔMICA - Revista da Fundação Getúlio Vargas.
- COMÉRCIO E MERCADOS - Revista da Confederação Nacional do Comércio.
- CORREIO DAMANHÃ - Jornal diário do Rio de Janeiro.
- DEALBAR - Jornal libertário do arquivo. Edgard Leuenroth - UNICAMP. Campinas - São Paulo.
- DESENVOLVIMENTO E CONJUNTURA (revista) Órgão oficial da Confederação Nacional da Indústria.
- DEBATE (revista) - São Paulo.
- ESTUDOS APEC (revista) - A Economia Brasileira e Suas Perspectivas - APEC Editora - Julho 1968 - Rio de Janeiro.
- FOLHA BANCARIA - Jornal do sindicato dos bancários do Estado de São Paulo.
- FOLHA DE SÃO PAULO - Jornal diário de São Paulo.
- GLEBA (revista) - Órgão oficial da Confederação Nacional da Agricultura.
- INDUSTRIA E DESENVOLVIMENTO - revista da Federação das Indústrias de São Paulo - FIESP.

- INDUSTRIA E PRODUTIVIDADE - revista órgão oficial da Confederação Nacional da Indústria.
- MUNDO ECONÔMICO - revista da Fundação Coopercotia - São Paulo.
- O ESTADO DE SÃO PAULO - jornal diário de São Paulo.
- O DIRIGENTE INDUSTRIAL - revista empresarial de São Paulo.
- O DIRIGENTE RURAL - revista empresarial.
- O TRABALHADOR GRÁFICO - jornal do Sindicato dos gráficos de São Paulo.
- REALIDADE - revista semanal de notícias.
- REVISTA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA nº 19/20 MAIO/AGOSTO 1968.
- VEJA - revista semanal de notícias.
- VISÃO - revista semanal de notícias.
- ULTIMA HORA - jornal diário do Rio de Janeiro.

3. OUTRAS FONTES

- ENTREVISTA DE JOSÉ IBRAHIM à Revista Unidade e Luta
- ARTIGO DE JOSÉ CAMPOS BARRETO e JOSÉ IBRAHIM, de Balanço da Greve de Julho, na revista Unidade e Luta.
- TEXTO: "A GREVE DE OSASCO" do Partido Comunista Brasileiro , Osasco, agosto de 1968.
- A Pesquisa se desenvolveu ainda no Arquivo Edgard Leuenroth , da UNICAMP, em Campinas; na Biblioteca Municipal de Osasco; no Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco; nos jornais locais de Osasco; com operários, nas portas de fábricas de Osasco; na Frente Nacional do Trabalho (em Osasco e São Paulo); no Sindicato dos Bancários de São Paulo; na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; no Arquivo do Estado em São Paulo; no Sindicato dos Gráficos de São Paulo; na Biblioteca Municipal de Campinas; na Biblioteca Municipal de Piracicaba ; na Biblioteca Central da Universidade Federal de Mato Grosso; na Biblioteca de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.